



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO-POSTRAD

Fabiano da Silva Gama

PALAVRAS QUE RESISTEM À TRADUÇÃO: o caso da língua Yorubá nos espaços
digitais

Dissertação de Mestrado

BRASÍLIA
2025

Fabiano da Silva Gama

PALAVRAS QUE RESISTEM À TRADUÇÃO: o caso da língua Yorubá nos espaços
digitais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden

BRASÍLIA
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gp	<p>Gama, Fabiano da Silva Palavras que resistem à tradução: o caso da língua Yorubá nos espaços digitais / Fabiano da Silva Gama; orientador Alessandra Ramos de Oliveira Harden. Brasília, 2025. 192 p.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) Universidade de Brasília, 2025.</p> <p>1. Estudos da Tradução. 2. Língua yorubá. 3. Candomblé. 4. Resistência cultura. 5. Linguística. I. Harden, Alessandra Ramos de Oliveira, orient. II. Título.</p>
----	---

Fabiano da Silva Gama

PALAVRAS QUE RESISTEM À TRADUÇÃO: o caso da língua Yorubá nos espaços digitais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Banca Examinadora

Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden | POSTRAD-UnB
(Orientadora)

Profa. Dra. María del Mar Paramos Cebey | POSTRAD-UnB
(Membro Interno)

Prof. Dr. Luiz Henrique de Azevedo Borges |
(Membro Externo)

Profa. Dra. Alessandra Matias Querido |
(Suplente)

Èşù, por abrir o meu caminho.

Èşù, fún mi ní ònà.

AGRADECIMENTOS

Neste instante, embora tão meu, peço licença aos meus mais velhos para expressar inicialmente minha gratidão aos mais novos em minha jornada acadêmica assim como à professora Dra. Alessandra Oliveira, minha orientadora, que, com a doçura de *Òşun*, me guiou por caminhos pedregosos, ajudando-me a contornar obstáculos e oferecendo amparo em cada tropeço. Sua presença foi farol nesta travessia acadêmica. Meu profundo reconhecimento e um sincero obrigado!

À professora Dra. María del Mar Paramos Cebey, por todas as considerações feitas durante o período de qualificação, que foram essenciais para direcionamento final da pesquisa.

À professora Dra. Alba Escalante, por me provocar à desconstrução e me convidar à construção de novos sentidos na tradução.

À professora Dra. Flávia Lamberti, que despertou em mim o olhar para a lexicografia e, mais ainda, me ajudou a fazer as pazes com a linguística.

À professora Dra. Helena Santiago, pelas indagações que expandiram minha compreensão da tradução intersemiótica em sua disciplina de mestrado.

À professora Dra. Ana Tereza, por acender em mim a chama da desobediência epistêmica, permitindo-me valorizar, em meu estudo, os saberes de meus ancestrais.

À professora Dra. Elisa Teixeira, por me conduzir com sabedoria no traçado das estratégias para a construção do meu corpus.

À professora Dra. Iolanda Brandão, meu carinhoso agradecimento por ter acendido a chama que me fez sonhar e buscar uma jornada acadêmica mais significativa e a nunca parar de aprender.

Ao professor Dr. Luiz Henrique, pelas contribuições e sugestões que fortaleceram a parte histórica da minha dissertação.

À minha querida amiga Fabiana Oda, por sua escuta sincera e generosa, pela paciência em acolher meus desabafos e por dividir comigo, tantas vezes, as alegrias e os desafios dessa caminhada.

Aos meus colegas do POSTRAD, em especial: Matheus Coimbra, exemplo de inspiração e representatividade; Lídia Scarabele, sempre disposta a ouvir e a me

ajudar a enxergar caminhos além do óbvio; Isabela, pelo aconchego e ternura nos momentos de superação das violências enfrentadas ao longo da jornada; Hélida, pelo auxílio essencial e o impulso final nesta reta decisiva.

Ao querido amigo Mateus, por seu incentivo incansável e por nunca permitir que eu desistisse deste mestrado.

Ao meu Pai Ronaldo de *Şàngó*, que, com seus ensinamentos de luta e superação, me lembrou sempre que a felicidade deve ser o destino final.

Ao querido amigo, irmão de fé, Pai André de *Lóngún'èdè*, por estar sempre ali, ouvindo-me nas horas de desespero e aflição, acolhendo-me com paciência e atenção.

Aos meus irmãos e irmãs de santo, que caminham comigo nessa jornada, quero registrar especialmente a contribuição de Bruno Augusto e Layla, cuja presença e apoio foram fundamentais. E a todos os demais, meu axé e gratidão por cada momento compartilhado e por todo o amor que nos une na veneração dos nossos ancestrais e na prática do candomblé.

Aos meus pequenos e grandes amores da vida terrena, Miguel e Luiza, meu norte e minha âncora, que aquecem meu coração e me lembram, todos os dias, do que verdadeiramente importa.

E, por fim, um agradecimento especial ao Prof. Dr. Gleiton Malta, que abriu as portas do grupo de pesquisa Mapeamentos em Tradução. Quando percebeu minha iminência de queda, indicou-me outro caminho, permitindo que eu seguisse adiante.

A todos, minha mais profunda gratidão. *Mo dúpé gân-an.*

RESUMO

Esta dissertação investiga o uso de palavras em língua yorùbá como marcadores identitários e culturais no Candomblé, tanto nos terreiros quanto em ambientes digitais. Inserida no campo dos Estudos da Tradução, a pesquisa parte da compreensão da língua yorùbá como elemento de resistência simbólica, portadora de sentidos intraduzíveis e fundamentais à preservação da cosmovisão africana. Com abordagem qualitativa, foram analisadas publicações de instituições religiosas em redes sociais, identificando termos recorrentes, variações ortográficas e estratégias tradutórias. Os resultados revelam que a não tradução e a manutenção da grafia original são práticas frequentes, associadas à afirmação de pertencimento, à resistência cultural e à transmissão de saberes ancestrais. A pesquisa contribui para ampliar a compreensão da tradução como prática política e decolonial, destacando a importância da preservação do léxico e da oralidade no fortalecimento da identidade afro-brasileira.

Palavras-chave: Língua yorùbá. Candomblé. Estudos da Tradução. Resistência cultural

ABSTRACT

This dissertation investigates the use of Yorùbá language as an identity and cultural marker in Candomblé, both within religious temples and in digital environments. Situated within the field of Translation Studies, the research approaches Yorùbá as a form of symbolic resistance, carrying untranslatable meanings that are essential to the preservation of African worldviews. Adopting a qualitative methodology, the study examined social media posts from religious institutions, identifying recurrent Yorùbá terms, orthographic variations, and translation strategies. The findings indicate that non-translation and the preservation of original spelling are common practices, closely tied to identity affirmation, cultural resistance, and the transmission of ancestral knowledge. This work contributes to expanding the understanding of translation as a political and decolonial practice, emphasizing the importance of preserving lexicon and orality in strengthening Afro-Brazilian identity.

Keywords: Yorùbá. Candomblé. Translation Studies. Cultural resistance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa Território Yorubá.....	20
Figura 2: Distribuição do sistema linguístico Yorubá.....	27
Figura 3: Fundadora do Terreiro do Gantois.....	51
Figura 4: Convite para festa de Xangô.....	52
Figura 5: Atividade religiosa.....	53
Figura 6: Terreiro Pilão de Prata.....	54
Figura 7: Título.....	55
Figura 8: Ilê Oba Ketu Axé Omi Nlá.....	55
Figura 9: Tela inicial do AntConc.....	59
Figura 10: Tela inicial do LancsBox.....	60
Figura 11: Amostra parcial dos arquivos renomeados e convertidos em .txt..	61
Figura 12: Lista de palavras no AntConc.....	62
Figura 13: Tela do Corpus Manager com dados do corpus de referência utilizado.....	63
Figura 14: Tela da função palavra chave em contexto (KWIC).....	63
Figura 15: Organização da base de coleta.....	67
Figura 16: Ranking de ocorrência no corpus.....	71
Figura 17: Formas de “asé” e variações encontradas no corpus.....	72
Figura 18: Tela Ferramenta N-Gram Generator do AntConc.....	72
Figura 19: Frequência da palavra Bàbá.....	74
Figura 20: Frequência da palavra “Ìyálórìsà”.....	75
Figura 21: Frequência da palavra Láròyé.....	80
Figura 22: Frequência da palavra ilé.....	81
Figura 23: Frequência da palavra Òrìṣà.....	82
Figura 24: Palavras recorrentes Casa Branca.....	85
Figura 25: Palavras recorrentes Terreiro do Gantois.....	86
Figura 26: Frequência palavras Opô Afonjá.....	88
Figura 27: Ocorrências palavras com Opo.....	89
Figura 28: Frequência palavras em Ilê Asé Omô Oni Labá.....	90
Figura 29: Frequência de palavras em Terreiro Pilão de Prata.....	92
Figura 30: Frequência palavras em Casa de Oxumarê.....	93
Figura 31: Frequencia em Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Divindades Yorubás.....	22
Quadro 2: Instituições coletadas.....	65
Quadro 3: Dados gerais do Corpus.....	66
Quadro 4: Lista geral de palavras.....	68
Quadro 5: Lista de variação de registro de palavras.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CB	Casa Branca
CCh	Cultura de Chegada
CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais
CSIs	<i>Culture-Specific Items</i> (itens culturais específicos)
GDPR	<i>General Data Protection Regulation</i> (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados)
KWIC	<i>Key Word in Context</i> (palavra-chave em contexto) – linhas de concordância
LC	Linguística de Corpus
LP	Língua de Partida
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
SNA	Análise de Redes Sociais
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 – A HERANÇA CULTURAL YORUBÁ.....	18
1.1 A história de um povo.....	19
1.2 A cultura e as tradições religiosas.....	21
1.3 A tradição religiosa e a oralidade na língua yorubá.....	23
1.4 O terreiro de candomblé como espaço de resistência e tradução cultural.....	24
1.5 Origens da língua Yorubá.....	26
1.5.1 Estrutura da língua Yorubá.....	27
1.5.4 A língua Yorubá no Brasil.....	28
2 TRADUÇÃO, CULTURA E PLURIVERSALIDADE.....	30
2.1 Compreendendo a cultura como movimento e construção coletiva.....	31
2.2 Exu e a tradução como transformação ética.....	32
2.3 A não tradução e resistência simbólica.....	34
2.4 O culturema entre o yorubá e o português.....	37
2.4 Pluriversidade e pertencimento.....	41
2.5 A tradução como respeito e resistência.....	42
2.6 Estudos da Tradução.....	45
3 – METODOLOGIA.....	48
3.1 Abordagem da pesquisa.....	48
3.2 Método da pesquisa.....	48
3.3 Contexto da pesquisa.....	49
3.4 A Web e as Redes Sociais: da conectividade à estrutura relacional.....	50
3.4.1 Perfis analisados.....	51
3.5 Instrumento de coleta de dados: Linguística de Corpus.....	57
3.5.1 AntConc.....	59
3.6 Coleta e tratamento.....	60
3.6.2 Tratamento do corpus.....	61
4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	65
4.1 Descrição do corpus.....	65
4.2 Organização do corpus.....	66
4.3 Análise dos Dados.....	68
4.4 Lexias selecionadas.....	70
4.4.1 Àṣẹ.....	70
4.4.2 Bábàlòrìṣà.....	73
4.4.3 Íyálórìsa.....	75
4.4.4 Kétu.....	77
4.4.5 Arroboboi.....	79
4.4.6 Láròyè.....	79
4.4.6 Ilé.....	81

4.4.7 Òrìṣà.....	82
4.4.8 Òṣóòṣì.....	83
4.4.8 Modúpẹ.....	83
4.4.9 Omi.....	84
4.4.9 Atótóo.....	85
4.5 Manifestações por Instituição.....	85
4.5.1 Ilê Aṣẹ Iyá Nassô Ọka (Terreiro Casa Branca).....	86
4.5.2 Ilê Iyá Omi Àṣẹ Iyámase (Terreiro do Gantois).....	87
4.5.3 Ilê Axé Opô Afonjá.....	89
4.5.4 Ilê Asé Omõ Oni Labá.....	91
4.5.5 Ilê Odô Ogê (Terreiro Pilão de Prata).....	92
4.5.6 Ilê Òsumàrè Aràkà Àse Ògòdó (Casa de Oxumarê).....	93
4.5.7 Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá.....	95
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS DECOLONIAIS.....	98
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	103
ANEXOS.....	110

INTRODUÇÃO

Epistemologicamente, a palavra “migrar” deriva do verbo latino *migrare* e carrega uma carga semântica que transcende a simples mudança de localidade. Em outras palavras, migrar não é somente mudar de um espaço físico, significa também um deslocamento identitário.

Nessa lógica, o indivíduo que atravessa o processo de migração não apenas desloca seu corpo, mas também transporta consigo partes essenciais de sua identidade, como as ideias de vida, frequentemente moldadas pelos conhecimentos e resultados oriundos das experiências e valores adquiridos em sua terra natal. Assim, os migrantes carregam consigo um conhecimento singular do universo, um mundo construído e percebido por meio de suas vivências e tradições, as quais serão imprescindíveis para a construção de identidade em um novo contexto.

Nesse processo, a atuação dos imigrantes desempenha um papel crucial no processo de transmissão pessoal. Sua expressão artística serve como veículo para a preservação e transmissão cultural, atuando como uma ponte entre o passado e o presente em um novo ambiente. Dessa maneira, o imigrante passa a contribuir ativamente para a formação de uma nova cultura, distante de seu local de origem, enriquecendo o cenário cultural com uma cosmovisão que se complementa.

Além disso, a imigração implica na transferência/divergência de elementos linguísticos e religiosos. A língua e a cultura nativas desempenham um papel vital na identidade do imigrante, e a preservação desses elementos muitas vezes se apresenta como a força motriz de manutenção das raízes culturais, mobilizando resistência e afirmação identitária cultural. A migração, portanto, não se resume a um simples deslocamento geográfico, mas a uma jornada que carrega consigo uma rica bagagem cultural, linguística e espiritual.

No contexto brasileiro, esse fenômeno ganha contornos específicos ao analisarmos a migração forçada dos povos africanos durante o período colonial e sua influência na formação da cultura e das religiões de matriz africana no país. O Candomblé, por exemplo, é uma dessas expressões religiosas que carrega em sua essência a herança linguística e cultural dos povos *Jeje* e *Nagô*, especialmente por meio da língua yorubá. Essa língua, nativa dos povos africanos escravizados, mantém-se viva nos terreiros de Candomblé como meio de comunicação, bem como símbolo de resistência e conexão com a ancestralidade.

Para a realização deste trabalho, reconhecemos o registro terminológico consolidado da grafia “iorubá” com a vogal “i”, mais comum em português e amplamente adotado em livros e em produções acadêmicas. No entanto, por uma escolha consciente de natureza estética, política e de resistência, optamos por utilizar ao longo de todo o texto a grafia com “y”, isto é, *Yorùbá*. Esta decisão visa afirmar o respeito à forma original da língua, bem como reforçar a centralidade epistêmica de uma tradição que expressa uma visão de mundo própria, muitas vezes intraduzível em seus sentidos mais profundos. Preservar essa grafia é também uma maneira de afirmar pertencimento e valorizar a riqueza cultural do Candomblé e das cosmologias yorùbás.

No entanto, com o advento das redes sociais, observa-se uma nova dimensão dessa preservação e transmissão cultural. As plataformas digitais têm se tornado espaços onde a língua yorubá e as práticas do Candomblé são adaptadas e difundidas, propiciando novas formas de interação e expressão. Ressalta-se que essa transposição comunitária para o ambiente virtual não significa unicamente a reprodução das práticas linguísticas dos terreiros, mas envolve também a transformação dessas práticas em um novo contexto, onde a língua yorubá assume um papel central como demarcação identitária e comunitária. Nesse cenário, termos em yorubá que circulam nas redes funcionam como marcas culturais que carregam sentidos próprios e profundos. Por isso, preservar sua grafia e seus significados originais, quando possível, é parte de um esforço de resistência e reconhecimento cultural diante da constante adaptação exigida pelo meio digital.

Diante desse cenário, esta pesquisa, inserida no campo dos Estudos da Tradução, busca investigar o uso de palavras em yorubá como elemento de demarcação identitária, representação e transposição comunitária nas redes sociais. O objetivo é explorar como essas palavras são utilizadas, adaptadas e traduzidas no ambiente digital, analisando seu impacto na manutenção dos significados, na adaptação cultural e na mediação entre oralidade e escrita. Além disso, o estudo visa compreender como as redes sociais influenciam a preservação, adaptação e difusão do léxico do Candomblé, considerando as variações ortográficas e os significados atribuídos a esses termos em comparação com seu sentido original para a comunidade de terreiro. Essas palavras, expressões carregam sentidos culturais profundos e nem sempre têm tradução direta para outra língua. Por isso, seu uso

nas redes sociais envolve escolhas que vão além da língua, refletindo também valores, memórias e formas de ver o mundo.

Aproveitando ainda a parte inicial do trabalho e considerando a estrutura da escrita acadêmica, optamos por utilizar a primeira pessoa do plural ao longo do texto. Essa decisão não foi apenas uma escolha de estilo, mas uma forma de mostrar que este trabalho nasce de uma vivência coletiva. Ele reflete a experiência de uma comunidade de terreiro da qual fazemos parte, e não apenas a nossa voz individual. Escrever assim é também uma maneira de afirmar uma postura decolonial, valorizando uma cultura que, ao longo da história, foi oprimida e silenciada. Em vez de adotar uma linguagem distante, decidimos escrever de um lugar de pertencimento, trazendo conosco a força e os saberes do nosso povo. É uma forma de respeitar essa trajetória e reafirmar que este trabalho não é apenas acadêmico, mas também político e afetivo.

A justificativa para esta pesquisa baseia-se na observação de que a comunidade dos terreiros tem expandido suas interações do espaço físico para o ambiente virtual, levando consigo suas marcas identitárias e práticas linguísticas, assim como ocorre com outros grupos culturais. Esse processo implica não apenas a transposição da cultura e da língua para o digital, mas também a adaptação de comportamentos e formas de comunicação a essa nova realidade. Em um contexto de disputas identitárias e culturais, como discutido por bell hooks, a linguagem assume um papel essencial na afirmação de pertencimento e resistência (citação). No entanto, ainda há uma carência de estudos sobre a presença da religião de matriz africana no ambiente digital, especialmente no que diz respeito ao uso da língua yorubá como marcador identitário e comunitário.

A relevância desta pesquisa está, portanto, na intersecção entre os Estudos da Tradução e o reconhecimento da cultura yorubá no Brasil. Ao investigar a adaptação linguística utilizada pelos praticantes do Candomblé nas redes sociais, busca-se ampliar a visibilidade desse patrimônio imaterial e contribuir para sua valorização dentro e fora do meio acadêmico.

No campo disciplinar dos Estudos da Tradução, mais especificamente em sua vertente descritiva orientada à função, esta pesquisa dialoga com o ensino da tradução e a prática em ambientes tecnológicos, analisando a relação entre o yorubá e o português nos terreiros, especialmente em saudações e cantigas de adoração. Jakobsen (2002), Alves (2009), Hurtado Albir (2009) e Malta (2020) ressaltam que

os estudos processuais da tradução buscam descrever e não prescrever, reconhecendo a singularidade do processo tradutório, que é pessoal e intransferível.

Nesse sentido, esta pesquisa detalha os processos de tradução entre praticantes e frequentadores dos terreiros, identificando a incidência de termos e os procedimentos de tradução adotados pela comunidade. Além disso, analisa-se como a cultura influencia a escolha das palavras utilizadas nas redes sociais, identificando os termos yorubás mais recorrentes e os métodos de tradução empregados. Também se investiga se tradutores e praticantes consideram o conhecimento da cultura yorubá essencial para a tradução e se a ausência desse conhecimento compromete a fidelidade do significado. Por fim, o estudo propõe diretrizes para valorizar a cultura yorubá na tradução, garantindo a preservação de seus sentidos originais.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: uma Introdução; dois capítulos com a fundamentação teórica; a Metodologia; e a Análise dos Dados. Ao final, são apresentadas as Considerações Finais, a Bibliografia e um Anexo.

1 – A HERANÇA CULTURAL YORUBÁ

Este capítulo aborda a origem da língua yorubá, sua relação com a cultura dos falantes e o caminho identificado para a proposta deste estudo que percorre nos Estudos da Tradução, com foco nas teorias sobre o impacto da tradução no contexto cultural e linguístico do par yorubá-português. Além disso, descreve-se na metodologia a linguística de corpus, destacando a importância do uso de corpus como ferramenta para analisar traduções e preservar a precisão cultural.

A língua yorubá representa a identidade linguística de um grupo étnico africano, que, no mundo contemporâneo, desperta grande interesse em questões como história, cultura e religião, influenciando e enriquecendo o idioma. É uma cultura plural, rica em povos, costumes, culinária e tradições.

No Brasil, por influência da religião, muitos praticantes aprendem a língua yorubá ou fazem parte dela nos terreiros de candomblé. Outros procuram aprender por curiosidade ou pelo desejo de entender o significado. Destacamos que essa prática garante que os valores e tradições, antes transmitidos oralmente, sejam compartilhados com as futuras gerações, fortalecendo os laços culturais e promovendo uma maior valorização da rica herança yorubá.

1.1 A história de um povo

Um antigo *itàn*¹ africano, termo que se refere a histórias, contos ou narrativas tradicionais, conta como *Şàngó*, orixá do fogo e da justiça, tornou-se o quarto rei de *Ọ̀yọ́*, revelando aspectos da origem do povo yorubá. Segundo Prandi (2001), *Odùdùwà*, guerreiro vindo do Leste, conquistou a cidade de *Ifé*, que passou a ser chamada *Ilé-Ifè*. Lá, conheceu *Adimu (Setilu)*, primeiro sacerdote de Ifá, cuja orientação foi decisiva na vitória contra os invasores. Após essa conquista, *Odùdùwà* determinou que os sacerdotes de Ifá integrassem o conselho do rei.

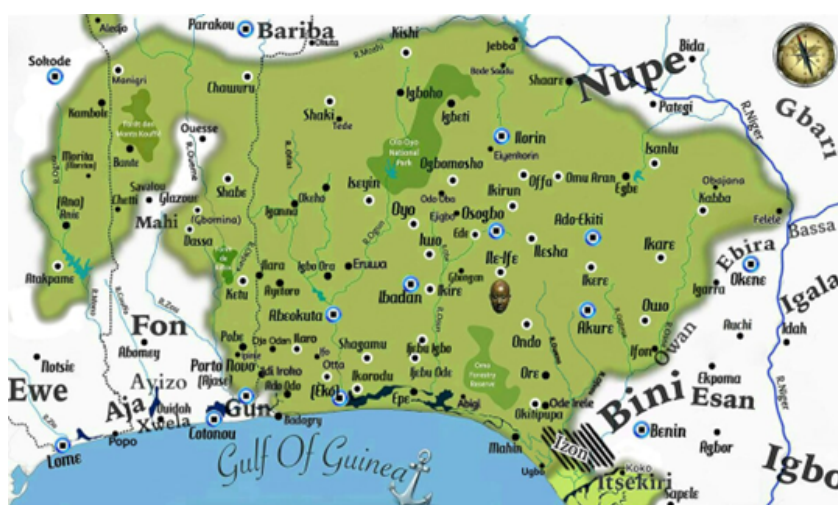
Seu filho *Acambi* teve sete filhos, e o último, *Oraniã*, fundou o reino de *Ọ̀yọ́*, unificando cidades e consolidando a dinastia de *Odùdùwà*, que é lembrado como o

¹ Essas histórias são parte do rico patrimônio oral da cultura yorubá e servem para transmitir ensinamentos, valores, crenças e a história do povo yorubá de geração em geração. Os "itan" frequentemente envolvem deuses, heróis e figuras míticas, preservando a identidade cultural e a sabedoria ancestral.

primeiro *Alafim*², soberano dos yorubás. O território que abrigava esses reinos, conhecido como Yorubalândia³, abrangia áreas da atual Nigéria, Benin e Togo (Ki-Zerbo, 1972).

Para Nogueira (2008), a partir do século XIX, o termo "yorubá" passou a designar povos que compartilhavam língua, cultura e tradições originárias de Ilé-Ifé. O território yorubá, conforme Asiwaju (2014), é demarcado por rios e paisagens que delimitam espaços, bem como tem forte valor simbólico e espiritual.

Figura 1: Mapa Território Yorubá



Fonte: Wikipédia Livre. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=55481599>.

Acesso em: 09/08/2025.

Compreender essa história vai além da geografia: é mergulhar em uma cosmovisão na qual o real e o espiritual coexistem. No universo yorubá, rios, montanhas e palavras são portadores de sentido sagrado, revelando uma forma de vida em que crença e realidade são inseparáveis.

² Na cultura *yorubá*, "Alafin" é um título de nobreza que significa "Senhor/Rei do palácio". Este título é tradicionalmente associado a Oyó, a capital do antigo reino yorubá, localizada na região que hoje corresponde à Nigéria.

³ O termo utilizado por vários pesquisadores contempla a uma parte da atual Nigéria, Benin e Togo – África Ocidental – que se estende, de Lagos para o Norte, até o rio Níger (Oyá) e para o Leste, até a cidade de Benin. Segundo Oliva (2005), a Yorubalândia é caracterizada pela ausência de uma fronteira física e política, e não possui uma organização centralizada. Ela abrange vários reinos, como Egbá, Ketu, Ibeju, Ijexá e Owó, cada um com seus próprios governantes. Esses reinos, por questões de legitimidade espiritual, conexão com a mitologia ou herança histórica, mantêm laços mais ou menos próximos, existindo em dois países no nível governamental, além de importantes locais religiosos como Oyo e Ifé na região.

1.2 A cultura e as tradições religiosas

A cultura yorubá fundamenta-se numa filosofia que une o natural ao místico, orientando desde a vida cotidiana até a estrutura social e política. A transmissão oral, por meio do *itàn* (narrativas sagradas), preserva e compartilha o sistema de crenças desse povo. Um desses mitos, relatado por Prandi (2001), narra como Òrìṣànlá, por ordem de *Ólorum*, moldou a terra firme com uma concha de terra, uma pomba e uma galinha, originando *Ifé*, a "ampla morada" e centro espiritual yorubá.

Esse mito reflete a visão integradora da existência, onde elementos da natureza ganham valor simbólico e espiritual. Como observa Rodrigues (2010), a arte – especialmente a dança e a música – atua como veículo de memória e expressão cultural, ressignificando o cotidiano através de gestos, sons e narrativas.

As crenças yorubás valorizam a ancestralidade e o sagrado presente nas formas da natureza, como mostram os registros de Bulvar (1987): estátuas e esculturas são vistas não como representações, mas como presenças reais dos orixás. Essa religiosidade reforça a identidade coletiva, enraizando valores e vínculos de pertencimento.

Segundo Boaventura (2007), a ideia de um Deus supremo e único, chamado *Ólorum*, aproxima diferentes culturas e desmistifica a acusação de politeísmo feita aos africanos. Diversas tradições o nomeiam de forma distinta – Elohim, Nzambi, Kalunga, Tupã –, mas compartilham a crença em um criador onipotente e inacessível.

No panteão yorubá, liderado por *Ólorum*, coexistem 401 orixás, número que simboliza o infinito. Cada orixá manifesta aspectos da vida e da natureza, atuando como guias e forças ativas na existência humana. Beniste (1997) e Eliade (1978) mostram como, no candomblé, esses orixás são celebrados em dias específicos da semana, reforçando a integração entre devoção, tempo e cotidiano.

Neste trabalho, destacam-se 13 orixás que sintetizam essa diversidade espiritual: *Èṣù*, *Ògún*, *Òṣòósi*, *Ibeji*, *Òbàlúayé*, *Qṣun*, *Qya*, *Ṣàngó*, *Òṣùmàrè*, *Nàná*, *Òbà*, *Yemoja* e *Qbátálá*, além de *Ólorum*, o deus criador. Cada um representa não apenas uma força divina, mas também um aspecto vital da experiência humana, revelando a riqueza da cosmovisão yorubá.

Quadro 1: Divindades Yorubás

Yorubá	Popular	Títulos e Atributos	Saudação em Yorubá	Elemento de Referência
<i>Olórun</i> (<i>Olódumàrè</i>)	Olorum (<i>Olódumare</i>)	Deus Supremo, Criador, Céu	<i>Alááfíà ní fún Olórun</i> (Paz para Olórun" ou "Que Olórun nos dê paz)	Não possui (energia criadora suprema)
<i>Èṣù</i>	Exu	Òjísẹ (mensageiro) Elébò (transportador de oferenda) Elégbáárá (dono do poder) Olóònà (dono dos caminhos)	<i>Láaròyè Èṣù!</i> (Vamos lá, Exu!)	Ógó (bastão com cabaças, representação do sexo masculino), Òbe fará (tridente de três ou sete pontas)
<i>Ògún</i>	Ogum	Ògún Alágbbède (senhor das forjas dos metais), Soróke (garião dos terreiros jeje), Ògún Oníre (Senhor de Ìrè)	<i>Ògún yè!</i> (Ogum está vivo!)	Bàbá Irin (o senhor dos metais), Asiwájú (o que vem na frente)
<i>Òṣòòsi</i>	Oxóssi	Oba Igbó (rei da floresta), Olóde, senhor da caça.	<i>Òké Aro!</i> (Saudação ao Caçador!)	Òfà (arco e fecha), Oge (par de chifres), Eré (estátua de caçador)
<i>Ibeji</i>	Ibeji	Gêmeos, Crianças	<i>Bèèjé káàbó!</i> (Bem-vindo, gêmeos!)	Bonecas gêmeas, doces e brinquedos
<i>Obalúwáiyé</i> (<i>Ọmọlu</i>)	Obaluaiê (<i>Omolu</i>)	Ayinon (o dono da terra), Olóde (o senhor do invisível), Bàbá Igbóná(n) (o pai da quentura, da febre)	<i>Atóto</i> (silêncio)	Sàsàrà (feixe de nervuras de palmeiras cerda de búzios e pequenas cabaças), Oko (lança) Lágídígbà (colar de pequenos círculos feitos dos chifres de búfalo), Iká (xaxará)
<i>Òṣún</i>	Oxum	Amor, Fertilidade, Riqueza	<i>Òṣún yèyè Ò!</i> (Oxum, a Mãe)	Pavão, peixe
<i>Ọya</i> (<i>Yánsàn</i>)	Oyá (Iansã)	Ventos, Tempestades, Guerreira	<i>Epa hey Ọya!</i> (Salve Oyá!)	Búfalo, cavalo, adaga
<i>Sàngó</i>	Xangô	Justiça, Trovão, Fogo	<i>Kawó-Kabiyèsí!</i> (Venham saudar o Rei)	Touro, Carneiro
<i>Òṣùmàrè</i>	Oxumarê	Continuidade, Ciclos	<i>Aho gbogbo yi Òṣùmàrè</i> (O arco-íris chegou!)	Arco-íris; Ejó ou Dan (serpentes)
<i>Nàná</i>	Nanã	Vida, Morte, Transformação	<i>Salubá!</i> (Salve Nanã!)	Igbá (cabaça), lama
<i>Òbá</i>	Obá	Feminilidade, Rios	<i>Obá xiré!</i> (Salve Obá!)	Água, guerra, tambor
<i>Yemoja</i>	Iemanjá	Maternidade, Águas Salgadas	<i>Odò Íyá!</i> (Mãe das Águas!)	Peixe-boi, Peixes em geral
<i>Ọbàtálá</i> (<i>Òrìṣàlá</i>)	Obatalá (<i>Oxalá</i>)	Criação, Paz, Pureza	<i>Êpa Babá!</i> (Salve, Pai!)	Pomba-branca, Elefante

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados presentes em Beniste (2006), Prandi (2001), Verger (1997) e Santos (1986).

1.3 A tradição religiosa e a oralidade na língua yorubá

Na tradição yorubá, o Deus supremo é *Ọlórún* (Olorum), criador de tudo e fonte de toda energia. Entre as divindades, destacam-se *Òrìṣànlá* (Oxalá), orixá da criação e pureza; *Ògún*, ligado à guerra e tecnologia; *Şàngó* (Xangô), símbolo da justiça; *Òṣun* (Oxum), associada ao amor e à fertilidade; *Yemoja* (Iemanjá), mãe das águas; *Ọyá* (Iansã), deusa dos ventos; *Òṣòòṣì* (Oxóssi), guardião da caça; e *Èṣù* (Exu), mensageiro entre os mundos. Como observa Bulvar (1987), cada região yorubá cultuava seu orixá principal — tradição ainda viva em festas e rituais que inspiram artistas e preservam a memória coletiva.

Segundo Santos (2021), a religião yorubá baseia-se na revelação, tradição oral e prática, o que também estrutura o candomblé no Brasil. A ancestralidade e os elementos naturais, como água, terra, fogo, plantas, ar e luz, conectam o humano ao sagrado. No Brasil, a dispersão provocada pela diáspora levou à convivência de diferentes orixás num mesmo terreiro, flexibilizando as estruturas familiares rígidas da África, sem, contudo, romper com a centralidade da oralidade na preservação da fé.

A tradição oral, fundamental no candomblé, conserva histórias, dogmas e rituais, mesmo sendo historicamente marginalizada como fonte legítima. Como destaca Ki-Zerbo (1972), sua legitimidade se sustenta na vivência coletiva e na continuidade histórica. Malta e Ruivo (2020) apontam que essa oralidade também favoreceu o contato linguístico entre o yorubá e o português, sobretudo por meio dos cânticos e rezas, gerando um espaço de fusão e resistência cultural.

A língua yorubá, originalmente oral, passou por um complexo processo de sistematização escrita, enfrentando desafios fonológicos e tradutórios. Ainda assim, manteve-se viva como expressão cultural, simbólica e espiritual. Seu percurso reflete não apenas a preservação de uma identidade linguística, mas também a capacidade de adaptação e resistência diante das transformações históricas.

Quando chegaram ao Brasil, atravessando o Atlântico em meio às violências da diáspora, os elementos da tradição religiosa yorubá não desapareceram. Pelo contrário, encontraram nos terreiros de candomblé um novo lugar para se manter vivos. Esses terreiros não são só espaços de culto religioso – são também centros onde os saberes dos ancestrais continuam sendo vividos, ensinados e sentidos. É

ali que a língua, o corpo e a espiritualidade se unem e ganham novos significados no dia a dia da tradição.

1.4 O terreiro de candomblé como espaço de resistência e tradução cultural

Os terreiros de candomblé, também conhecidos como casas de culto, constituem muito mais do que espaços físicos: são territórios de resistência, espiritualidade e preservação cultural. Nascidos do enfrentamento à opressão colonial e religiosa, esses espaços acolheram e mantiveram vivas as tradições dos povos de matriz africana no Brasil. Em yorubá, o termo que os designa é *ilé*, que significa “casa” — palavra que carrega, além do sentido material, um profundo valor simbólico e comunitário.

Esses espaços foram historicamente moldados sob as imposições de uma sociedade marcada pela intolerância religiosa e pela supremacia da crença colonial cristã. Como destaca Beniste (2006), foi apenas a partir de 1890, dois anos após a abolição da escravidão e um ano depois da Proclamação da República — que se instituiu a separação entre Igreja e Estado. Até então, apenas a religião católica era legalmente permitida, e qualquer outra prática religiosa era criminalizada.

Mesmo após essa separação formal, autoridades policiais ainda invadiam espaços de culto de matriz africana, prendendo seus praticantes. Segundo o autor, esse cenário provavelmente levou muitos grupos religiosos afro-brasileiros a registrarem suas casas com nomes de santos católicos, como forma de proteção e adaptação à realidade hostil (Beniste, 2006, p. 29).

Ainda segundo Beniste, apesar de esse rompimento jurídico com a Igreja ter sido um passo importante, os terreiros só passaram a adotar oficialmente nomes em línguas africanas a partir de 1964. Um exemplo disso é a antiga Sociedade Beneficente e Recreativa São Jorge do Engenho Velho, fundada em 1943, que passou a se chamar *Ilé Àṣẹ̀ Ìyá Nàsó Òkà* — mais conhecida como Casa Branca, existente desde 1830.

A adoção do termo *ilé* para nomear os terreiros reafirma essa resistência simbólica e cultural. Em yorubá, *ilé* significa “casa”, mas seu sentido vai além do físico: é o espaço onde se cultiva o axé, a ancestralidade e os vínculos comunitários. Tradicionalmente, também se refere ao salão onde os rituais são realizados, mas, com o tempo, passou a designar todo o espaço religioso. Assim, o uso da língua

yorubá na denominação desses territórios sagrados representa não apenas uma recuperação identitária, mas também uma resposta à violência histórica que tentou silenciar essas práticas e saberes.

Essa dimensão simbólica e cultural ganha ainda mais profundidade quando se considera, como pontua Capone (2023), que cada terreiro tem seus próprios modos de ritualizar, com práticas e particularidades que o tornam único. Ou seja, embora partilhem uma matriz comum, os terreiros desenvolvem práticas singulares, e a forma como se apropriam da língua e dos elementos culturais africanos reflete essas particularidades.

E é nesse espaço sagrado que a língua yorubá se faz viva. Cânticos, rezas, saudações e nomes de orixás são entoados em yorubá durante os rituais, às vezes acompanhados de tradução, outras vezes não. Ainda assim, mesmo sem tradução literal, esses termos são plenamente compreendidos dentro do contexto da experiência religiosa.

Capone (2023), ao contar sua experiência ensinando yorubá para iniciados no candomblé, destaca a importância de dar a eles condições de entender o significado das cantigas sagradas que cantam nos rituais. Isso mostra como o domínio da língua pode aprofundar o envolvimento e a compreensão espiritual dentro do culto.

Mas, mesmo quando a tradução verbal não está presente ou não é suficiente, a comunicação ainda acontece de outras formas. A tradução, quando acontece, não é apenas entre palavras, mas se dá no corpo, no gesto, no som, na repetição e no sentimento compartilhado.

A presença da língua yorubá nas cerimônias e práticas do candomblé não é algo decorativo, mas essencial. Ela carrega saberes ancestrais, conecta os praticantes com os orixás e com suas raízes africanas, e estrutura o próprio culto. A adoção de elementos da cultura africana — como a música, a dança, os símbolos, a língua e os modos de vestir — aparece de forma normativa nas cerimônias, guiando cada movimento e cada intenção do rito.

Esse uso da língua revela, também, que o terreiro é um espaço de tradução cultural. Mais do que traduzir palavras, traduz-se ali uma visão de mundo. A língua yorubá expressa sentidos que não encontram equivalência direta no português, porque fazem parte de uma cosmologia própria, com outras formas de nomear, perceber e se relacionar com o sagrado. Termos como o próprio tema destacado *ilé*,

e *èbó*, não se traduzem apenas com dicionário — eles precisam ser vividos, sentidos, contextualizados.

Nesse sentido, o terreiro ensina que traduzir é, muitas vezes, sustentar o mistério e respeitar o que não cabe em outra língua. A tradução cultural, nesse caso, é um gesto de escuta e cuidado, que busca transmitir o sentido sem apagar a diferença. Considerando a relevância da língua yorubá para os rituais e a identidade dos terreiros de candomblé, é importante conhecer suas origens e características linguísticas. A seguir, apresentamos um breve panorama da língua yorubá, destacando sua classificação e contexto histórico.

1.5 Origens da língua Yorubá

O yorubá é uma das mais de 250 línguas faladas na Nigéria e pertence à Família Níger-Congo, considerada a mais extensa da África em número de falantes e abrangência territorial (Munanga, 2009). Essa língua se insere na subfamília benuê-congo, segundo a classificação atualizada de Greenberg (1982), substituindo antigas divisões como a família *kwa*.

A origem da língua alude ao povo yorubá, cuja organização social e religiosa tem raízes na mitologia de *Odùdùwà*, ancestral comum de diversos reinos como *Ọ̀yọ́*, *Ketu* e *Ilé-Ife* (Ki-Zerbo, 1972). Essa dispersão inicial ajudou a formar um senso de pertencimento étnico, refletido tanto nas práticas religiosas quanto na formação de uma identidade coletiva. A formação do termo “yorubá”, enquanto identidade comum, só se consolidou no século XIX, inicialmente usado para os habitantes do reino de *Ọ̀yọ́* e ampliado pelos missionários protestantes que buscavam uniformizar a linguagem dos descendentes de *Odùdùwà* (Campone, 2011).

Originalmente ágrafa, a língua yorubá era transmitida oralmente, como observa Verger (1997), até que missionários cristãos começaram a sistematizar sua escrita no século XIX, utilizando o alfabeto latino. O marco inicial dos registros gráficos data de 1819, com as anotações de Thomas Bowdich. Contudo, foi Samuel Ajayi Crowther, um ex-escravizado convertido ao cristianismo, quem desenvolveu um sistema de padronização ortográfica ao traduzir a Bíblia para o Yorubá. Com isso, o povo yorubá teve acesso aos primeiros registros escritos em sua própria língua, bem como à possibilidade de iniciar um processo de alfabetização em sua língua materna (Owodayo, 2021).

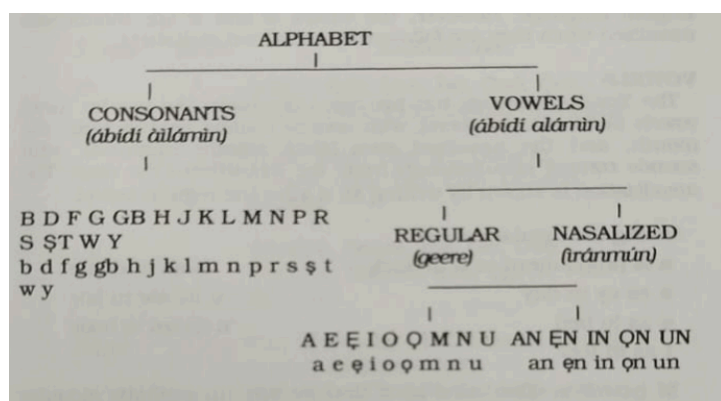
Ademais, por meio da criação de manuais de leitura como o *Ìwé Kíkà Yorùbá*, impulsionada por missões religiosas, estabeleceu-se uma base sólida para o ensino da língua, o que favoreceu seu uso em textos litúrgicos e ampliou o seu alcance. A partir desse processo, o yorubá deixou de ser apenas uma língua falada para se tornar também uma ferramenta de resistência, preservação cultural e expressão identitária.

1.5.1 Estrutura da língua Yorubá

A língua yorubá apresenta um alfabeto com 25 letras: **a, b, d, e, ẹ, f, g, gb, h, i, j, k, l, m, n, o, ọ, p, r, s, t, u, w, y**. Entre essas, destacam-se vogais com diacríticos, isto é, sinal gráfico “que se acrescenta a uma letra para conferir-lhe novo valor fonéticos e/ou fonológico” (Houaiss, 2004, p. 1029), quais sejam: **ẹ; ọ**.

Beniste (2021) reconhece sete vogais simples (**a, e, ẹ, i, o, ọ, u**), enquanto Fakinlede (1978) amplia essa lista para nove, incluindo M e N como vogais regulares, pois, em algumas palavras, elas funcionam como núcleo silábico, pois sozinhas formam uma sílaba, como em *m̀bà* (*eu aceito*) e *ń̀ṣe* (*está fazendo*). Ambos também identificam cinco vogais nasais: **an, ẹn, in, ọn, un**. Veja-se a proposta do autor, Figura 2:

Figura 2: Distribuição do sistema linguístico Yorubá



Fonte: Fakinlede (1978).

Embora a estrutura gramatical do yorubá compartilhe categorias como substantivo e verbo com línguas como o português, o seu sistema fonológico é distinto, como aponta a *Essentials of Yoruba Grammar* (1978): letras e sons não

coincidem diretamente, sendo as letras representações visuais convencionadas dos sons.

Essa distinção é essencial, como ilustra a palavra **àṣẹ**, conhecida no Brasil como “axé”. Segundo Beniste (2021), mudanças de entonação (sinais diacríticos) alteram seu sentido:

- **ÀṢẸ**: força vital, autoridade, princípio estruturante.
- **ÀṢẸ́ / ÍṢẸ́**: menstruação.
- **ÀÀṢẸ́**: portal (não explorado neste estudo por ser de uso mais restrito à fala).

Assim, a precisão na pronúncia e na escrita da língua é essencial para garantir a fidelidade dos significados e preservar sua profundidade cultural. Como destaca Oyegoke (1982), a língua yorubá é veículo essencial da memória e da cultura, transmitindo mitos, histórias e saberes entre gerações.

Traduzir e compreender o yorubá, especialmente no Brasil, é parte vital do reconhecimento da contribuição africana para nossa formação cultural.

1.5.4 A língua Yorubá no Brasil

A presença da língua yorubá no Brasil reflete a resistência cultural dos africanos escravizados, especialmente no Nordeste, onde sua influência foi mais forte, como na Bahia. Apesar da violência do processo escravista, a língua sobreviveu e se transformou, tornando-se híbrida e adaptada ao contexto brasileiro (Petter, 2006).

Nina Rodrigues(1988) já reconhecia, no século XIX, que o yorubá manteve no Brasil uma feição literária única entre as línguas africanas trazidas (Capone, 2023). Na segunda metade do século XX, surgiram iniciativas institucionais de ensino da língua: em 1964, o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) criou uma cadeira de yorubá, ocupada pelo professor nigeriano Ebenezer Latunde Lashebikan. Mais tarde, em 1977, a Universidade de São Paulo ofereceu um curso voltado especialmente a sacerdotes do candomblé, fortalecendo o vínculo entre a língua, a religião e a ancestralidade africana (Capone, 2023).

Entretanto, a busca pelo aprendizado da língua era frequentemente atravessada pelo interesse nos mitos e ritos das divindades, o que levou a uma

mudança de foco nos cursos oferecidos. Ainda assim, a manutenção e o ensino do yorubá fortaleceram a conexão com os terreiros, preencheram lacunas de tradução nos rituais e reafirmaram a centralidade da língua na preservação da identidade afro-brasileira.

2 TRADUÇÃO, CULTURA E PLURIVERSALIDADE

Em determinado *itàn* yorubá transcrito por Jean Ziégler⁴ e citado por Trindade (1978), narra-se a história de que no começo dos tempos o universo era um único território, mas se dividia, de forma invisível, em dois mundos: o orun (céu), morada de Olorum e dos orixás, e o ayé (terra), onde vivem os seres humanos.

Conforme relatado por Prandi (2001) no mito da criação do mundo aos homens, com o tempo, essas duas dimensões se separaram, e a terra passou a se transformar — surgiram os continentes, as montanhas, as florestas e as ilhas. No início, tudo era instável, mas logo se firmou, tornando possível a vida humana.

Cada parte da terra passou então a conter uma energia própria — o *àṣẹ* —, e a abrigar diferentes formas de viver, de falar, de acreditar e de se conectar com o sagrado. Essa diversidade, longe de ser vista como desordem, é compreendida pelas cosmologias africanas como expressão da força vital que cria e sustenta a vida (Prandi, 2001; Verger, 1981). Cada cultura, portanto, carrega em si um fragmento do divino. Esse tipo de visão valoriza o território, a ancestralidade e a espiritualidade, mostrando que cada povo carrega uma referência sagrada sobre sua origem e seu lugar no mundo.

Roger Bastide⁵, também citado por Trindade (1978), descreve que muitos povos africanos acreditam na existência de um lugar sagrado onde, em tempos míticos, céu e terra estiveram unidos. Essa memória de origem, preservada em mitos e práticas culturais, resiste à lógica ocidental que tenta centralizar a verdade e hierarquizar os saberes. Em oposição, afirma-se a existência de múltiplos centros epistêmicos, de diversos mundos possíveis — o que Mignolo (2008) chamaria de “pluriversalidade”.

Ao nos debruçarmos sobre o tema da tradução cultural, esse pano de fundo cosmológico e filosófico se torna essencial. Traduzir não é apenas transpor palavras de uma língua a outra, mas reconhecer e respeitar modos distintos de ver, viver e narrar o mundo. A tradução, nesse sentido, é um gesto ético e político, que exige escuta, cuidado e sensibilidade para com os territórios simbólicos e espirituais de cada cultura.

⁴ ZIEGLER, Jean. **Les vivants et la mort**. Paris, Seuil, p. 89-90, 1975.

⁵ BASTIDE, Roger. Religions africaines et structures de civilisation. **Présence africaine**, n. 66, p. 98-111, 1968.

É nesse contexto que este capítulo propõe compreender a tradução cultural como uma prática de resistência simbólica, de restituição de sentidos e de afirmação de pertencimentos. Ao articular conceitos como cultura, pluriversalidade, àṣẹ, ìtàn, e os desafios da tradução entre o yorubá e o português, buscamos refletir sobre os limites e as possibilidades de nomear o mundo a partir de múltiplas vozes e epistemes.

2.1 Compreendendo a cultura como movimento e construção coletiva

Para iniciar o percurso teórico que embasa esta discussão, é necessário retomar o conceito de cultura em sua dimensão dinâmica e transformadora. Recorremos à contribuição de Santos (2006), que propõe uma compreensão da cultura não como algo estático ou imutável, mas como um processo em constante transformação, refletindo os movimentos e mudanças sociais. O autor destaca que “as culturas humanas são dinâmicas” e que estudá-las permite compreender os processos de transformação vividos pelas sociedades contemporâneas (Santos, 2006, p. 26).

Segundo o mesmo autor, o conceito de cultura pode ser compreendido a partir de duas concepções fundamentais: como totalidade da vida social e como domínio do conhecimento e das ideias. Ambas se complementam ao evidenciar que a cultura abrange, simultaneamente, os modos de viver e os sistemas simbólicos produzidos por uma sociedade.

A primeira concepção refere-se à cultura como totalidade da vida social, ou seja, tudo aquilo que compõe o modo de viver de um povo ou grupo: organização, práticas cotidianas, crenças, relações sociais, sistemas de produção e visões de mundo. Como exemplifica Santos (2006), podemos falar da cultura de um povo como a dos franceses, dos astecas ou dos camponeses, atentando para suas especificidades históricas e sociais. No Brasil, essa dimensão é claramente observável nos terreiros de candomblé, onde a presença da cultura yorubá se manifesta na organização dos rituais, no uso de vestimentas específicas, nas comidas oferecidas aos orixás, no toque dos atabaques e, sobretudo, na estrutura hierárquica baseada na senioridade e no respeito às tradições ancestrais.

A segunda concepção entende a cultura como domínio do conhecimento e das ideias, centrando-se nos saberes, crenças, valores e expressões simbólicas que

circulam e se perpetuam socialmente. Santos (2006, p. 24) salienta que essa abordagem enfatiza “o conhecimento, as ideias e crenças”, incluindo a maneira como esses elementos se constituem dentro da vida social. No contexto do candomblé, isso se evidencia nos conhecimentos transmitidos sobre os orixás, nos mitos (itans), nos cantos sagrados, nas rezas, bem como nos fundamentos espirituais e filosóficos da religião. A presença da língua yorubá como idioma litúrgico reforça essa dimensão, pois conhecer os cânticos, as histórias e os nomes das divindades do panteão africano representa a continuidade de um legado cultural transmitido entre as gerações.

Essa ideia de cultura como algo que combina modos de vida com significados simbólicos encontra eco em Eagleton (2006, p. 26, supressão nossa), que afirma:

em certo sentido, [a cultura] limita-se a designar uma forma de vida tradicional [...] uma vez que é suposto que as noções de comunidade, tradição, enraizamento e solidariedade mereçam a nossa aprovação [...] é possível pensar que há algo de afirmativo na pura e simples existência de uma tal forma de vida

Nesse sentido, as práticas culturais presentes nos terreiros não são apenas expressões de um passado preservado, mas afirmações contemporâneas de identidade, resistência e pertencimento. Tal como Santos (2006), Eagleton nos ajuda a perceber a cultura como um campo vivo, que expressa tanto o cotidiano quanto os valores de uma coletividade.

William (2020), ao discutir o conceito de cultura, recorre a uma entrevista com Kabengele Munanga, na qual o autor afirma que a cultura é resultado da ação humana. Para Munanga, ela se expressa nas estratégias criadas pelas pessoas para transformar a natureza e melhorar a vida em sociedade. Nesse sentido, o desenvolvimento também é compreendido como cultura, pois envolve mudanças que promovem "melhoria de saúde, alimentação, transporte, comunicação e instituições que abrigam os nacionalismos cívicos, as formas democráticas e o bem-estar em geral" (Munanga apud William, 2020, p. 23).

2.2 Exu e a tradução como transformação ética

Nos apegamos à liberdade religiosa e poética de William (2020), que destaca a forte ligação entre a noção de cultura e a ideia de desenvolvimento com a

potencialidade do orixá Exu, "imprescindível na ordenação do caos". William recorre ao *itan* de *Exu Yangi*, o primeiro ser a surgir no universo, concedido por Olodumare a Orunmilá para nascer na Terra. Elegbara, nome dado a Exu, devorou tudo ao seu redor, incluindo sua mãe, e por isso foi despedaçado por Orunmilá em 201 partes, regenerando-se a cada vez. Ao final, firmou-se um pacto: Exu devolveria tudo o que havia devorado e, em troca, manteria a multiplicidade de estar em todos os lugares. Para William (2020), esse ato de devolver a ordem e recriar o mundo implica reconhecer os limites e repactuar relações.

Esse entendimento simbólico pode ser enriquecido ao ser colocado em diálogo com a proposta de Haroldo de Campos, que concebe a tradução como transcrição — uma recriação do texto original que preserva sua força e singularidade, mas que também permite uma liberdade criativa. Para Campos, ao retomar a noção de "língua pura" desenvolvida por Walter Benjamin, a tradução deixa de ser uma simples cópia e passa a ser uma forma de reinvenção. Nesse sentido, a figura de Exu surge como uma metáfora potente para a transcrição: um mensageiro entre mundos, que transforma sem apagar, que traduz sem domesticar. Traduzir, então, torna-se um gesto ético e criativo, que acolhe a diferença sem apagá-la ou submetê-la.

A proposta de Grada Kilomba (2020) reforça essa leitura ao propor que a tradução cultural é, também, um ato político. Ao afirmar: "sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita", ela rompe com a lógica epistêmica colonial e assume o controle sobre a própria narrativa. Kilomba (2020) entende que traduzir saberes subalternizados envolve uma negociação tensa com os códigos dominantes, sem que isso signifique perder sua essência. A tradução, nesse sentido, não é apenas uma operação linguística, mas uma disputa por legitimidade.

Walter Mignolo também amplia essa perspectiva ao compreender a tradução cultural como prática insurgente. Para ele, traduzir é tomar posição, é situar-se geopoliticamente e disputar os termos da inteligibilidade. Traduz-se não apenas o conteúdo, mas a autoridade sobre o que merece ser traduzido — e por quem. Nesse contexto, a tradução cultural torna-se um instrumento de ruptura com a colonialidade do saber, tal como discutido por Aníbal Quijano. Trata-se de afirmar, por meio da tradução, outras epistemologias e modos de existência que resistem à homogeneização do pensamento ocidental.

Assim, o mito de Exu e as reflexões de Kilomba (2020) e Mignolo (2008) se entrelaçam ao nos mostrar que traduzir é pactuar, transformar e resistir. É um gesto ético de escuta e restituição, mas também um gesto político de insurgência contra silenciamentos históricos. A tradução cultural, então, é uma ação que cria e recria mundos — plurais, vivos e inacabados.

2.3 A não tradução e resistência simbólica

No campo dos Estudos da Tradução, é comum nos depararmos com palavras, expressões ou nomes que estão profundamente ligados à cultura de onde vêm. Esses elementos são chamados de itens culturais específicos — ou *culture-specific items* (CSIs), como define Javier Franco Aixelá (1996).

Segundo Aixelá (1996) os elementos não são um problema em si, mas se tornam desafiadores quando precisam ser traduzidos para outra língua e cultura, pois muitas vezes não há uma equivalência direta, o que pode fazer com que percam parte de seu significado simbólico, social ou afetivo.

Diante desse desafio, quem traduz discursos orais ou atua na mediação entre línguas precisa fazer escolhas importantes. Em algumas situações, busca-se adaptar o termo à realidade cultural do público receptor; em outras, opta-se por manter o termo original. A decisão de não traduzir pode ter diferentes motivações: pode ser uma forma de preservar a diferença cultural e evitar apagamentos de sentido, mas também pode refletir o domínio simbólico de culturas mais influentes, cujos termos já são amplamente reconhecidos e, por isso, não geram estranhamento.

Para Aixelá (1996), essas decisões representam zonas de fricção cultural. Ele argumenta que os itens culturais específicos carregam valores, práticas, instituições, objetos e visões de mundo profundamente enraizados em sua cultura de origem (CO). Ao serem transferidos para outra cultura, correm o risco de sofrer deslocamentos, silenciamentos ou distorções.

Uma das estratégias usadas nesses casos é a não tradução, ou seja, manter no texto traduzido o termo original da cultura de partida. À primeira vista, essa escolha pode parecer simples, mas carrega implicações importantes. Por um lado, pode ajudar a preservar a identidade cultural do termo; por outro, pode reforçar o

prestígio de culturas dominantes, cujos termos são mantidos por já ocuparem um lugar de destaque no imaginário coletivo.

Um exemplo marcante dessa disputa cultural pode ser observado na forma como a figura de Exu foi traduzida e representada fora do contexto yorubá. Em muitas traduções feitas por missionários cristãos, Exu foi associado ao diabo, o que levou à sua demonização. Esse processo é um exemplo claro de como traduções podem impor uma visão de mundo sobre outra. Vagner Òkè (2024) discute essa questão e aponta que muitas pessoas hoje têm uma imagem de Exu que ele mesmo não reconheceria. Baseando-se em Cumino (2022), Òkè afirma que “criaram um diabo imaginário”, enquanto, na verdade, Exu é uma divindade ancestral, complexa e fundamental dentro da cosmologia yorubá.

Essa distorção foi reforçada por líderes religiosos como o pastor protestante Thomas Bowen, que afirmou que “na língua iorubá, o diabo é denominado Exu” (Òkè, 2024, p. 33), e o padre R. P. Baudin⁶, que o descreveu como “o chefe de todos os gênios maléficos” (Prandi, 2001, p. 48). Tais interpretações equivocadas deixaram marcas profundas nos registros escritos, nos dicionários e em muitas representações culturais, perpetuando até hoje um erro com forte carga moral e simbólica.

Além dessas questões religiosas, outro aspecto relevante diz respeito à tradução da estética e da poética das línguas africanas. A socióloga Oyèrónké Oyěwùmí (2021), ao citar o crítico Ulli Beier⁷, chama atenção para a perda de musicalidade da língua yorubá nas traduções. Segundo Beier, “a poesia é deixada de fora” quando a língua é traduzida (Oyěwùmí, 2021, p. 240). A citação evidencia como a tradução, em certas circunstâncias, pode apagar camadas simbólicas, emocionais e espirituais do texto original, empobrecendo sua força expressiva.

Além dessas distorções de ordem religiosa, há também perdas significativas na dimensão estética e poética das línguas africanas. A socióloga Oyèrónké Oyěwùmí (2021), ao citar o crítico Ulli Beier, chama atenção para a perda da musicalidade da língua yorubá nas traduções. Segundo Beier, “a poesia é deixada de fora” quando a língua é traduzida (Oyěwùmí, 2021, p. 240). Isso mostra como a

⁶ BAUDIN, R. P. *Fétichisme et Féticheurs*. Lyon, Séminaire des Missions Africaines – Bureau de Missions Catholiques, 1884.

⁷ Beier, U. *Yoruba Poetry: An Anthology of Traditional Poems*, p. 11.

tradução pode, em certas situações, apagar camadas simbólicas, emocionais e espirituais do texto original, empobrecendo sua expressividade.

Nesse sentido, é importante considerar que as estratégias tradutórias não se limitam a escolhas técnicas ou linguísticas — elas envolvem decisões éticas, culturais e políticas. James Dickins (2012), ao tratar dos desafios da tradução de itens culturalmente específicos, propõe estratégias que ajudam o tradutor a lidar com expressões que têm um significado particular em uma cultura e que muitas vezes não possuem equivalentes diretos em outra. Para o autor, esse tipo de tradução envolve o que ele chama de “deslocamento” (dislocation), pois exige que o tradutor tome decisões sobre como representar elementos de uma cultura em outra língua, que pode ter valores, referências e estruturas diferentes.

Segundo Dickins, existem dois extremos possíveis nesse processo. O primeiro é o empréstimo cultural, que consiste em manter o item original da cultura de origem, mesmo que ele soe estranho ao leitor da cultura de chegada. O segundo é o transplante cultural, que adapta completamente o item para algo familiar ao público-alvo, ainda que isso possa alterar o conteúdo original (Dickins, 2012, p. 43-44). Em ambos os casos, o tradutor precisa lidar com o risco de perda de sentido, apagamento simbólico ou, ao contrário, excesso de domesticação, o que reforça a ideia de que traduzir também é mediar tensões e negociar sentidos.

Esses exemplos mostram que determinadas escolhas tradutórias podem impactar negativamente a forma como culturas são compreendidas e representadas. É nesse contexto que Mulinacci (2021) propõe repensar a história da tradução a partir da perspectiva da não tradução, entendida não como falha, mas como uma categoria analítica e um fenômeno cultural relevante.

Apoiando-se em autores como Gentzler (2017), Mulinacci (2021) argumenta que a não tradução pode lançar luz sobre dinâmicas de poder, processos de exclusão e critérios de seleção cultural que moldam os sistemas literários e tradutórios. Entre os pontos que ele destaca, estão: a não tradução como categoria complementar à tradução; as motivações culturais e políticas que justificam essa prática; e, de forma especialmente significativa, a não tradução como forma de resistência cultural.

Essa resistência, segundo Mulinacci, não deve ser vista como um erro ou lacuna no sistema, mas como uma ação estratégica e ativa, que pode se relacionar a disputas simbólicas, ideológicas e políticas. Em vez de traduzir determinados

elementos, optar por mantê-los em sua forma original pode ser uma forma de preservar uma identidade, confrontar hegemonias ou afirmar a existência de outros modos de ver e viver o mundo. Como reforça Cees Koster⁸ (2010, p. 29 tradução nossa), “a ausência de tradução resulta de uma resistência intencional, atribuída a instituições ou agentes inseridos em determinado momento histórico”⁹ (Mulinacci, 2021, p. 24).

Dessa forma, Mulinacci defende que a não tradução é parte constitutiva da própria história da tradução. Compreender essa prática é fundamental para uma abordagem crítica, política e plural do campo tradutório, pois permite revelar tanto os mecanismos de exclusão quanto às estratégias de resistência que atravessam os processos de tradução.

Em síntese, essas decisões — manter, adaptar ou excluir elementos culturais — nunca são neutras. Elas são moldadas por contextos históricos, normas editoriais, status das obras e ideologias que orientam o trabalho do tradutor. Por isso, traduzir não é apenas passar palavras de uma língua para outra, mas assumir uma posição diante da diversidade e da pluralidade dos modos de vida que atravessam os textos.

Refletir sobre a não tradução é, portanto, refletir sobre escuta, respeito e responsabilidade na mediação entre mundos diferentes. Cada escolha feita pelo tradutor, seja manter um termo original, adaptar seu significado ou deixá-lo de fora, ajuda a moldar aquilo que será visível ou invisível no texto traduzido. E, nesse processo, decide-se também que culturas terão voz, e quais seguirão silenciadas..

2.4 O culturema entre o yorubá e o português

O conceito de culturema, segundo Petrescu (2011), refere-se a elementos culturais característicos de uma sociedade que, ao serem traduzidos, exigem atenção às diferenças entre a cultura de origem e a de chegada. Para ela, traduzir um culturema não é apenas trocar uma palavra por outra — é um processo simbólico e cultural mais profundo, que envolve também os valores e a forma como o mundo é compreendido por quem recebe esse conteúdo. Nas palavras da autora

⁸ Do inglês: “Non-Translation as an Event. The Reception in the Netherlands of John Dos Passos in the 1930s”. Event or Incident/Événement ou Incident. On the Role of Translation in the Dynamics of Cultural Exchange/Du rôle des traductions dans les processus d’échanges culturels, Naaijken Ton (Ed.). Bern: Peter Lang, 2010, pp. 29-45.

⁹ Do inglês: “the absence of translation follows from intentional resistance that can ascribed to institutions or agents framed within a specific time span”.

(2011, p. 142, tradução nossa), “traduzir é levar espiritualmente uma obra de uma cultura para outra que a acolhe”¹⁰, o que implica transportar não só a linguagem, mas também os modos de pensar e viver de um povo.

Nesse contexto, Petrescu propõe que os culturemas sejam tratados a partir de uma perspectiva funcionalista, ou seja, levando em conta a função que o texto cumpre na cultura de destino (CD). Molina Martínez (2006, p. 151, tradução nossa) reforça essa ideia ao afirmar que “os culturemas são elementos ligados ao contexto e aparecem no processo de troca cultural entre duas culturas, A e B [...] sendo representações com as quais a sociedade retratada se reconhece e se identifica”¹¹.

Essa concepção encontra base na proposta de Eugene Nida (1945), que, ao estudar os desafios da tradução intercultural, ressalta que as palavras são, antes de tudo, símbolos de elementos culturais, e que traduzir exige conhecer profundamente as culturas envolvidas para evitar distorções de sentido. Como afirma o autor (1945, p. 194), “o tradutor precisa estar constantemente atento ao contraste entre os universos culturais das línguas envolvidas”.

Pensar o par linguístico português-yorubá com base nessas ideias nos ajuda a entender por que tantas palavras e expressões presentes em uma língua não encontram equivalentes diretos na outra. O português é fortemente marcado por tradições ocidentais e cristãs, enquanto o yorubá traz uma visão de mundo centrada na ancestralidade, na natureza e na espiritualidade africana. Isso faz com que muitas palavras, nomes, rituais e expressões não sejam facilmente traduzíveis — não por limitação do idioma, mas porque vêm de universos simbólicos diferentes.

Elementos como “Èṣù”, “Àṣẹ” ou “Ìyálòrìṣà” não têm apenas um significado literal. Eles carregam valores religiosos, afetivos e históricos que fazem sentido dentro da tradição yorubá e nos contextos onde essa cultura é vivida, como os terreiros de candomblé. Traduzir esses termos exige sensibilidade para reconhecer que há sentidos que não cabem em explicações diretas ou rápidas.

Nesse ponto, conforme pontuado por Petrescu, a proposta de Nida (1975) ajuda a compreender melhor os culturemas, ao classificá-los em cinco grandes grupos: ecologia, cultura material, cultura social, cultura espiritual e cultura

¹⁰ Do espanhol: “Traducir significa desplazar espiritualmente la obra de una cultura específica hasta otra cultura de acogida”.

¹¹ Do espanhol: “los culturemas son contextuales y surgen en el seno de una transferencia cultural entre dos culturas A y B, [...] con los que la sociedad descrita se identifica” p. 151.

linguística. Essa tipologia evidencia que os desafios da tradução não se restringem ao vocabulário, mas envolvem modos de vida inteiros.

Garcia (2021) retoma essa tipologia e amplia o conceito, entendendo o *culturema* como uma unidade semiótica que pode se manifestar de muitas formas — por palavras, gestos, objetos, imagens ou práticas cotidianas.

Com isso, percebemos que muitos termos ligados às religiões afro-brasileiras carregam sentidos que não podem ser traduzidos ao pé da letra ou fora de contexto. Como lembra Nida (1945), um dos erros mais comuns do tradutor é ser literal demais ou tentar evitar palavras estrangeiras, o que pode causar confusão ou distorcer o significado. Um exemplo disso está em uma tradução da Bíblia: a expressão “children of the bridechamber”, que se referia aos amigos ou convidados do noivo, foi traduzida literalmente para a língua africana bantu. O autor explica que o problema é que, nessa cultura, a poligamia era comum, e a tradução acabou sugerindo que se tratava dos filhos de outras esposas do noivo. O tradutor, sem conhecer os costumes judaicos, criou uma frase sem sentido naquele contexto: algo como “os filhos da casa do homem que casa com a mulher”. Segundo Da Costa Machado (1990), a poligamia era uma prática comum e aceita entre os judeus do período bíblico, o que reforça a necessidade de compreender o contexto cultural tanto da língua de origem quanto da língua de destino. Nesse caso, a tradução falhou por não considerar que cada idioma expressa uma forma própria de ver o mundo, e que o sentido de uma expressão depende diretamente dos valores e práticas culturais que a sustentam.

Outros estudiosos também trazem contribuições importantes. Newmark (1988) chama atenção para a diversidade entre os *culturemas*, que podem estar ligados tanto ao mundo material quanto ao simbólico. Katan (1999) relaciona os *culturemas* à identidade dos sujeitos, lembrando que traduzir também é um ato cultural e político.

Já Luque Nadal (2009) entende o *culturema* como algo que ajuda as pessoas a se expressarem e a entenderem o mundo onde vivem. Ela propõe quatro critérios para reconhecer um *culturema*: ele deve ser vivo e compreensível, aparecer com frequência em contextos sociais, gerar variações e carregar sentidos complexos e simbólicos.

Vercher Garcia (2021) também observa que o termo *culturema* foi usado pela primeira vez por Fernando Poyatos, em 1976, ao estudar comportamentos culturais

recorrentes. Depois disso, autores como Vermeer (1987), Oksaar e Nord (1997) deram continuidade à discussão, com foco no papel social e comunicativo desses elementos.

Pensar na tradução entre português e yorubá a partir dessa perspectiva é reconhecer que muitas expressões não se traduzem com exatidão porque fazem parte de formas diferentes de estar no mundo. Além disso, o peso da colonização e do apagamento de saberes africanos no Brasil faz com que certos sentidos sejam ainda mais difíceis de comunicar sem perder a riqueza original.

Vercher Garcia (2021) destaca que os culturemas também estão presentes nas práticas religiosas, nos gestos, nos cantos e nas narrativas, especialmente quando ligados à espiritualidade. Traduzir, nesses casos, é também um gesto de respeito e de resistência. Não se trata só de tornar o conteúdo compreensível, mas de preservar o valor simbólico e ancestral dessas expressões. Como exemplifica Nida (1945, p. 196, tradução nossa) “uma tradução que tenta descrever um jumento como ‘um pequeno animal de orelhas longas’, quando a palavra ‘burro’ é conhecida pelos falantes, cria mais confusão do que clareza”¹². Isso mostra que, às vezes, tentar evitar termos estrangeiros ou culturais pode acabar prejudicando o entendimento.

Por isso, ao traduzir termos do yorubá ligados a religiões de matriz africana, é preciso atenção ao contexto e às implicações culturais de cada palavra. Expressões como Òrìṣà, Àṣẹ ou Mòtùmbà não são meramente descritivas — elas mobilizam um conjunto de experiências, crenças e saberes que não podem ser ignorados. Traduzir, nesse caso, é também um ato político, que ajuda a manter vivos os sentidos e os modos de vida que foram historicamente silenciados. Como afirma Nida, o principal desafio da tradução está em encontrar equivalências entre culturas diferentes. Entender isso é um passo essencial para traduzir com ética, cuidado e respeito ao outro.

¹² Do inglês: “the translation by ‘a small long-eared animal’ did not make sense to the native, for it is as applicable to a rabbit as to a burro”.

2.4 Pluriversalidade e pertencimento

A língua yorubá além de ser um meio de comunicação, também é um veículo de cultura, identidade e expressão. Hoje, ela representa um símbolo de pertencimento e resistência para um povo e uma tradição. Tanto os povos originários da África quanto aqueles que preservam suas tradições na diáspora podem ser compreendidos como uma comunidade imaginada, cuja ligação vai além da simples troca linguística. Benedict Anderson (2008, p. 32) define essa ideia ao afirmar que “ela é imaginada porque, mesmo os membros da menor das nações, jamais conhecerão, encontrarão ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”.

Esse sentimento de pertencimento fortalece a comunidade yorubá, unida por uma identidade cultural compartilhada, onde a língua desempenha um papel central. No Brasil, o candomblé torna-se um elemento essencial na construção dessa comunidade imaginada, pois a prática do sagrado e a difusão dos mitos yorubás criam e preservam uma memória coletiva. Mesmo influenciado por diferentes realidades locais, o culto mantém viva a conexão com os ensinamentos dos ancestrais, consolidando uma identidade espiritual, filosófica e linguística.

Terry Eagleton (2006, p. 20), ao discutir os conceitos de Schiller (1795-2009) e Raymond Williams (1983), destaca que a cultura pode tanto reforçar estruturas sociais quanto atuar como espaço de resistência. A cultura, ao mesmo tempo em que mantém tradições, também define normas de convivência e reafirma pertencimentos. Nesse contexto, a resistência da língua yorubá fortalece os vínculos identitários de seus praticantes e promove uma afirmação política da diferença.

Contudo, a resistência cultural ocorre em meio a desafios históricos. A colonização impôs o português como norma e desvalorizou as expressões culturais africanas. Ramon Grosfoguel (2016, p. 25) critica esse epistemicídio, ao afirmar que o monopólio ocidental do saber gerou racismo e sexismo epistêmicos, desqualificando outros conhecimentos. Walter D. Mignolo (2008) reforça essa crítica ao entender que a identidade é uma questão política, sendo a imposição de categorias como “negro” uma estratégia de dominação colonial.

A proposta de uma pluriversalidade insurgente, como defendem Kilomba (2020) e Mignolo (2008), mostra que não se trata apenas de reivindicar espaços, mas de afirmar a existência de outros mundos possíveis. A prática da tradução

cultural, ao circular entre códigos, saberes e territórios, torna-se o fio que tece essas novas cartografias de pertencimento. É uma prática de escuta, mediação e insurgência — uma forma de manter vivas memórias, histórias e futuros que resistem à homogeneização.

Hoje, essa resistência se desdobra para além dos terreiros, alcançando o ambiente digital. Nas redes sociais, a língua yorubá é compartilhada, reinterpretada e, às vezes, desconectada de seu contexto original. Nessa transição, a tradução torna-se ainda mais necessária, pois o sentido das expressões depende de seu contexto ritualístico e simbólico. A presença digital amplia o alcance da cultura yorubá e reforça sua condição pluriversal – múltipla, dinâmica e em constante recriação.

2.5 A tradução como respeito e resistência

William (2020) nos alerta para um problema recorrente: quando elementos de uma cultura são usados fora de seu contexto, sem compreensão ou respeito, eles perdem seu significado e podem ser esvaziados. Isso acontece, sobretudo, com símbolos de culturas historicamente marginalizadas, que, uma vez retirados de seus contextos, passam a ser vistos como simples modas ou objetos de consumo.

O referido autor dá exemplos claros: turbantes usados sem referência às mulheres do candomblé, dreads sem conexão com o movimento rastafári, cocares usados sem vínculo com os povos indígenas, e até objetos religiosos de outras tradições sendo transformados em acessórios. Esse processo de esvaziamento cultural não é neutro, ele reforça desigualdades, apaga histórias e alimenta sistemas de dominação.

Essa lógica de apropriação simbólica encontra eco na prática tradutória, quando esta é realizada sem atenção aos sentidos próprios de uma cultura. Traduzir, nesse caso, deixa de ser uma ponte e se torna uma forma de apagamento, se não houver cuidado, escuta e comprometimento com os sujeitos e seus territórios culturais.

O desafio, portanto, é enorme: como traduzir palavras como àșe ou ebó, que carregam significados espirituais, coletivos e filosóficos, sem esvaziá-las? Não basta procurar equivalentes no português. É preciso compreender o contexto, o chão, a energia e a história que essas palavras corporificam.

No caso de ebó, por exemplo, é muito comum vê-lo traduzido como “despacho”, “oferta” ou, de maneira preconceituosa, “macumba”. Nenhuma dessas expressões dá conta do que ebó realmente é: um ato sagrado, de cuidado, de reorganização das energias, de equilíbrio e de proteção, profundamente enraizado nas cosmologias africanas e afro-diaspóricas.

Dessa forma, a tradução cultural não pode ser reduzida a um exercício linguístico superficial. Ela precisa ser um ato de escuta, de negociação ética, de restituição de sentidos e de cuidado com as palavras, as culturas e os modos de viver que elas representam.

Como nos ensinam Kilomba (2020), Mignolo (2008), Santos (1986), Eagleton (2006) e William (2020), e com o atrevimento de incluir, nesse espaço tradicionalmente reservado à revisão bibliográfica, o arquétipo de Exu, que em nossa vivência religiosa, por meio dos *itàn*, também nos ensina que compreender a complexidade da tradução cultural é mais do que um gesto político: é um compromisso com a preservação e o respeito às diferenças, que nos orientam a transformar, restituir e manter vivo o pertencimento ancestral.

A tradução cultural, assim compreendida, pode ser entendida como uma maneira de dar visibilidade e valor às práticas sociais, culturais e espirituais que atuam como formas de resistência e reorganização diante das forças hegemônicas globais. Como propõe Pratt (2007), a linguagem, esse espaço simbólico onde o mundo se inscreve, está sempre atravessada por experiências traduzidas, não apenas no sentido linguístico, mas também cultural, existencial e político.

Nesse sentido, a autora (2007, p. 17) chama a atenção para a limitação dos vocabulários convencionais ao afirmar que “nos faltam vocabulários mais exigentes, mais explicativos”. Sua crítica se dirige à maneira como a globalização impõe novas experiências que precisam ser nomeadas, mas para as quais as línguas existentes — carregadas de histórias coloniais e epistemologias dominantes — já não dão conta. Por isso, a linguagem se torna um campo de disputa por significados e territórios simbólicos.

É nesse contexto que Pratt (2007) propõe revalorizar aquilo que historicamente foi considerado “insignificante” — experiências marginais, práticas não hegemônicas, modos de vida invisibilizados —, defendendo que o que consideramos “histórico” ou “significante” é, na verdade, uma construção social. Essa proposta representa uma crítica epistemológica potente, que reafirma o papel

da tradução cultural como ferramenta política para redesenhar os mapas do saber e da existência a partir de vozes historicamente silenciadas.

Gadini e Reis (2016) ajudam a entender que a globalização cultural não significa simplesmente a substituição das culturas locais por uma cultura global única e homogênea. Pelo contrário, o que acontece é um movimento constante de trocas, negociações e recriações entre o que vem de fora e o que já existe nas comunidades locais. Mesmo diante da forte presença de produtos culturais globais, como filmes, músicas ou marcas famosas, as culturas locais não desaparecem. Elas se reinventam.

Os autores mostram que esse processo envolve uma hibridização, em que elementos globais são ressignificados e adaptados aos contextos locais, dando origem a novas formas culturais. Assim, a globalização não apaga a diversidade, mas provoca uma reorganização dinâmica das identidades culturais. É dessa mistura que nascem novas expressões, que falam tanto do mundo quanto do lugar onde as pessoas vivem.

Dentro desse cenário de globalização e reinvenção cultural, a tradução cultural se revela uma ferramenta essencial para dar sentido a essas dinâmicas. Como apontam Gadini e Reis (2016), o global e o local se entrelaçam em processos de hibridização e reinvenção, e é justamente nesse espaço intermediário que a tradução cultural atua — não apenas como um ato de mediação linguística, mas como uma prática crítica que valoriza experiências historicamente marginalizadas.

Essa leitura se articula com a proposta de Pratt (2007), que entende a linguagem como um território simbólico e político, atravessado por traduções de experiências, saberes e resistências. Assim, a tradução cultural se torna um modo de enfrentar os limites impostos pelos vocabulários coloniais e de construir novos caminhos para nomear e habitar o mundo.

A análise de Romão (2018) sobre a resistência cultural dos povos africanos escravizados evidencia o sincretismo religioso como uma forma de tradução cultural. Diante da imposição do catolicismo pelos colonizadores, os africanos desenvolveram estratégias práticas para preservar suas tradições espirituais, incorporando símbolos, santos e rituais cristãos de maneira tática e simbólica. Essa apropriação criativa possibilitou a manutenção e rearticulação de suas crenças originárias, resultando no que o autor define como uma religiosidade híbrida — um espaço de resistência em que a opressão é transformada em potência cultural.

No entanto, Romão (2018) também chama atenção para um problema que persiste até hoje: o preconceito contra religiões de matriz africana. Segundo ele, esse preconceito funciona como uma violência simbólica que tenta apagar a identidade e a espiritualidade negra.

Essa ideia dialoga diretamente com as reflexões de Jeferson Santos do Socorro (2020), que também aborda a tradução como um processo marcado por resistência e memória. Ao pensar na tradução de textos da afrodíaspóra, ou seja, produzidos por pessoas negras em contextos pós-escravidão, o autor defende que é preciso considerar mais do que apenas a linguagem. Traduzir esses textos exige respeitar a história, os saberes, as formas de ver o mundo e a espiritualidade desses povos.

Para ele, o corpo negro carrega marcas dessa herança cultural, e a tradução precisa levar isso em conta. Assim como no caso do sincretismo analisado por Romão, a tradução aqui também se torna um gesto político e afetivo: uma maneira de preservar memórias, de lutar contra o apagamento e de recontar o mundo a partir de outras vozes.

Retomando a discussão sobre culturemas, fica evidente que traduzir entre línguas culturalmente distantes, como o yorubá e o português, vai muito além da simples substituição de palavras. Palavras, gestos e símbolos carregam formas próprias de ver e sentir o mundo, que exigem do tradutor sensibilidade e cuidado. Assim, a tradução se configura como um ato de respeito e resistência contra as formas sutis de apagamento cultural que ainda persistem nas práticas sociais e discursivas

Portanto, traduzir não é apenas trocar uma palavra por outra. É ouvir com atenção, respeitar a cultura do outro e ajudar a manter vivas histórias e tradições que correm o risco de serem esquecidas. Por isso, uma tradução feita com cuidado pode ser um modo potente de resistência e valorização das diferenças.

2.6 Estudos da Tradução

O ato de traduzir é uma tarefa que exige do tradutor muito cuidado e possivelmente um estudo aprofundado do texto a ser traduzido. A maneira como a tradução será realizada pode depender do propósito ou das necessidades do

solicitante. Mesmo sem a intenção de tornar o processo mais simples ou mais complexo, o resultado pode variar em complexidade.

A ciência da tradução ou Estudos da Tradução, conforme é chamada no meio acadêmico, tem destacado diversas questões relacionadas à língua de partida e à língua de chegada no processo tradutório. E assim direcionarmos nosso pensamento nos Estudos da Tradução, em consonância com o escopo deste trabalho, a proposta de Friedrich Schleiermacher (2007)¹³ é apropriada, pois sugere diferentes formas de tradução — ou aproximando o leitor da cultura original ou adaptando para facilitar a compreensão no idioma de chegada — é muito relevante para a tradução do yorubá para o português nas redes sociais.

Nesses espaços, o tradutor precisa escolher entre manter o sentido cultural das expressões yorubás ou adaptá-las para que sejam facilmente entendidas pelos falantes de português. Essa decisão é importante, pois mostra como a tradução pode ajudar a valorizar a cultura yorubá ou, quando necessário, tornar a mensagem mais acessível para o público.

Logo, Schleiermacher (2007) defende que é essencial reconhecer que, mesmo quando pessoas ou grupos usam a mesma língua, suas interpretações podem variar.

Pois, não apenas os dialetos dos diferentes ramos de um povo e os diferentes desenvolvimentos de uma mesma língua ou dialeto, em diferentes séculos, são já em um sentido estrito diferentes linguagens, e que não raro necessitam de uma completa interpretação entre si; mesmo contemporâneos não separados pelo dialeto, mas de diferentes classes sociais, que estejam pouco unidos pelas relações, distanciam-se em sua formação, seguidamente apenas podem compreenderem-se por uma semelhante mediação. Sim, não somos nós frequentemente obrigados a previamente traduzir a fala de um outro que é de nossa mesma classe, mas de sensibilidade e ânimo diferentes? A saber, quando nós sentimos que as mesmas palavras em nossa boca teriam um sentido inteiramente diferente ou, ao menos, um conteúdo aqui mais forte, ali mais fraco, que na dele e que, se quiséssemos expressar do nosso jeito o mesmo que ele disse, nos serviríamos de palavras e locuções completamente diferentes. Na medida em que determinamos mais precisamente este sentimento, trazendo-o ao pensamento, parece que traduzimos. As nossas próprias palavras, às vezes, temos que traduzir após algum tempo, se quisermos assimilá-las apropriadamente outra vez (Schleiermacher, 2007, p. 39).

¹³ Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher foi um teólogo protestante, filólogo clássico, filósofo, jornalista, teórico político, político eclesiástico e educador alemão. O texto "Sobre os diferentes métodos de traduzir" foi traduzido por Celso Braida.

Para o autor (2007), a tradução não é apenas a conversão de palavras de um idioma para outro, mas sim a adaptação da comunicação para garantir que seja compreendida corretamente.

Seguindo o pensamento de Schleiermacher (2007), podemos classificar as traduções em traduções técnicas (comercial) ou tradução artística (científica). A tradução técnica busca transmitir informações de maneira clara e eficiente, enquanto a tradução literária procura reproduzir a beleza do original, captando nuances culturais e estilísticas. Para (Schleiermacher, 2007, p. 41):

O intérprete efetivamente exerce o seu ofício no domínio da vida comercial, o tradutor genuíno preferencialmente no domínio da ciência e da arte. Se esta definição das palavras parecer arbitrária, uma vez que habitualmente se entende por interpretação mais a oral e por tradução a escrita, que ela seja aceita pela comodidade para os presentes propósitos e mais ainda porque as duas determinações não estão assim tão distantes. A escrita é própria dos domínios da arte e da ciência, através da qual suas obras tornam-se duradouras; e a interpretação de boca a boca das produções científicas ou artísticas seria tão inútil quanto parece ser impossível. Para o comércio, ao contrário, a escrita é apenas um meio mecânico; as transações orais são aqui o primário, e toda interpretação escrita propriamente apenas pode ser vista como registro de uma oral.

Enquanto, para Schleiermacher (2007), a tradução técnica tende a seguir um padrão mais direto e funcional, a tradução artística valoriza expressões idiomáticas, metáforas e elementos culturais. Ainda assim, ambas exigem um conhecimento profundo do idioma e da cultura do texto original, cada uma com suas necessidades específicas. Na tradução artística, é preciso captar nuances culturais e estilísticas; já na técnica, a precisão dos termos e a clareza são fundamentais. Mas ambas traduções exigem um conhecimento profundo do idioma e da cultura do texto original, considerando as demandas específicas de cada tipo de conteúdo.

Para isso, nos atentamos a um método ou proposta de Estudos da Tradução voltada para a necessidade de uma compreensão integral do texto fonte para produzir uma tradução adequada e eficaz, refletindo a importância de captar tanto o conteúdo quanto o estilo e o tom do original.

3 – METODOLOGIA

3.1 Abordagem da pesquisa

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada nos princípios da epistemologia decolonial (Mignolo, 2008) e dos Estudos da Tradução com ênfase sociocultural. Parte-se do entendimento de que a linguagem para além de representar o mundo, também é um elemento que o constrói e o coloca em disputa (Sapir, 1928; Hall, 1981), especialmente quando atravessada por dinâmicas de poder, identidade e resistência.

A pesquisa é qualitativa à medida que busca compreender o fenômeno a partir de sua perspectiva interna, valorizando os sentidos que eles atribuem às suas experiências (Paiva, 2019). Em relação aos objetivos, é exploratória pois busca aportar com uma visão panorâmica (Paiva, 2019) e ampliar o conhecimento sobre como grupos religiosos afro-brasileiras (os terreiros) empregam termos yorubás em ambientes digitais e como esses termos são utilizados, traduzidos ou ressemantizados.

Para tal abordagem, tem-se como premissa basilar o reconhecimento da oralidade como principal forma de transmissão dos saberes ancestrais da cultura yorubá, sobretudo no contexto dos terreiros de Candomblé (Malta; Ruivo, 2020; Santos, 2021). Assim, a abordagem qualitativa nos permite inferir os sentidos atribuídos aos termos yorubás utilizados nas redes sociais como marcadores de identidade, pertencimento e resistência cultural. Compreende-se, nesse sentido, que a tradução cultural é aqui assumida como um ato ético, político e simbólico, capaz de revelar negociações entre o sagrado e o digital, entre o local e o global.

3.2 Método da pesquisa

Considerando o objeto analisado, adota-se o Estudo de caso, uma vez que nos auxilia na análise, categorização e interpretação de um fenômeno em seu ambiente natural, em número reduzido. Em outras palavras, permite focar em um contexto social e cultural específico: os terreiros e suas práticas linguísticas online. Tal enfoque nos mostra a dinâmica de um fenômeno por meio de representantes particulares, que refletem características de um conjunto mais amplo de situações semelhantes (Denzin; Lincoln, 2005).

De acordo com Paiva (2019), o estudo de caso é uma abordagem que busca compreender em profundidade uma situação específica, envolvendo pessoas ou grupos em seus próprios contextos. Esse tipo de pesquisa se caracteriza por observar os acontecimentos tal como ocorrem naturalmente, sem a criação de ambientes artificiais. Isso permite que o pesquisador acompanhe os fenômenos em sua complexidade, valorizando o ambiente real em que se desenvolvem.

Assim, a escolha pelo estudo de caso justifica-se pela necessidade de compreender o fenômeno em sua complexidade e singularidade, permitindo articular as dimensões linguísticas, culturais e identitárias mobilizadas pelos terreiros de Candomblé em seus enunciados digitais. Partindo-se do ambiente natural transposto dessas práticas, isto é, as redes sociais enquanto extensão simbólica dos espaços sagrados, a pesquisa busca apreender os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos, sem descontextualizá-los.

3.3 Contexto da pesquisa

A coleta dos dados textuais foi realizada exclusivamente em perfis públicos do Instagram, selecionados por sua representatividade histórica, relevância atual e pela presença significativa da língua yorubá como marcador identitário, simbólico e/ou litúrgico. Inicialmente, havia a intenção de incluir outras plataformas, como o X (antigo Twitter) e o Facebook. No entanto, o acesso ao X estava suspenso por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em 31 de agosto de 2024, o que inviabilizou sua utilização. Quanto ao Facebook, optou-se por não incluí-lo, pois o Instagram se mostrou mais adequado para observar os dados linguísticos desejados, especialmente pela natureza visual e textual das publicações, que favorecem a análise de usos contemporâneos da língua yorubá em contextos digitais.

A seleção dos perfis seguiu critérios que consideraram tanto a presença digital ativa quanto o papel histórico dos terreiros no cenário religioso afro-brasileiro. Cabe dizer que com o advento das tecnologias de informações, instituições religiosas de matriz africana vêm utilizando recursos multimodais – texto, imagem, vídeo e som – para divulgar elementos da cultura yorubá, o que pode estar relacionado a busca por maior representatividade e tradutibilidade da sua cultura visibilidade, como processo de ressignificação e resistência no espaço digital.

Podemos dizer que, nesse contexto, a presença da língua yorubá nas redes é, assim, compreendida como uma extensão ritual e simbólica dos espaços físicos dos terreiros, articulando tradição e contemporaneidade.

Para focalizar o objeto de estudo, foram delimitadas instituições reconhecidas por sua tradição na preservação da cultura yorubá no Brasil, com base em referências como Batiste (1961), que identifica o Terreiro do Engenho Velho como o mais antigo, sendo a origem dos terreiros do Gantois e do *Opô Afonjá*. Por outro lado, Verger (2002) destaca a Casa Branca e o Alaketu como casas de referência histórica e religiosa.

Entre os perfis analisados, destacam-se: *Ilê Axé Iyá Nassô Oka* (Casa Branca); *Ilê Iyá Omi Àṣẹ̀ Iyámase* (Terreiro do Gantois); *Ilê Axé Opô Afonjá*, entre outros que serão listados posteriormente. Não foi possível incluir o *Ilê Axé Alaketu* na análise, pois não foi identificado um perfil público oficial ou ativo da instituição no Instagram, plataforma escolhida para a coleta dos dados.

Além desses, foram considerados outros terreiros com atuação marcante nas redes sociais, em especial aqueles que promovem conteúdos voltados à divulgação de cantigas, rezas, ensinamentos religiosos, saudações e explicações sobre os orixás em língua yorubá.

3.4 A Web e as Redes Sociais: da conectividade à estrutura relacional

A World Wide Web (Berners-Lee; Fischetti, 2000), criada em 1989, evoluiu de um sistema estático de documentos hipermídia para uma plataforma interativa e dinâmica. Essa transformação possibilitou o surgimento de novas formas de sociabilidade mediadas por tecnologias digitais, marcando a transição da Web 1.0 para a Web 2.0. Nesse novo cenário, os usuários deixaram de ser apenas consumidores de conteúdo para se tornarem também produtores e articuladores de redes.

As redes sociais digitais, nesse contexto, consolidaram-se como estruturas complexas de interação, nas quais indivíduos e grupos compartilham informações, afetos, saberes e práticas culturais. Conforme Souza e Quandt (2008), redes sociais são estruturas dinâmicas e descentralizadas, compostas por atores (indivíduos, grupos ou instituições) interligados por elos relacionais que variam em intensidade, direção e frequência.

A Análise de Redes Sociais (SNA) destaca-se por seu foco no aspecto relacional dos dados, priorizando os vínculos entre os atores em detrimento de suas características individuais. Essa abordagem é particularmente relevante para o estudo das redes sociais digitais, pois permite identificar padrões de centralidade, densidade, coesão e influência. Tais padrões revelam, por exemplo, quais perfis atuam como estratégicos na disseminação de conteúdos ou como pontes entre subgrupos distintos.

No caso específico desta pesquisa, que analisa perfis públicos de terreiros de Candomblé no Instagram e Facebook, observa-se a constituição de redes informais, com alto fluxo comunicacional e ausência de hierarquias rígidas — características típicas das redes sociais contemporâneas (Souza; Quandt, 2008). Essas redes funcionam como extensões simbólicas dos espaços sagrados, articulando tradição e contemporaneidade por meio da circulação de termos em yorubá, cantigas, rezas e narrativas identitárias.

Ainda que a plataforma X (antigo Twitter) tenha sido excluída da análise por razões legais, os dados coletados nas demais plataformas permitem observar como os terreiros constroem e mantêm redes de pertencimento, resistência e visibilidade, nas quais a língua yorubá atua como marcador cultural e político.

Por fim, a seleção dos dados textuais respeitou critérios metodológicos rigorosos, assegurando que o corpus fosse composto por textos autênticos, representativos e variados. Essa atenção visa garantir a fidelidade aos usos reais da linguagem e reforça o compromisso da pesquisa com a escuta dos sujeitos em seu próprio território discursivo.

3.4.1 Perfis analisados

A seguir, apresentam-se os perfis selecionados para a coleta de dados, com uma breve descrição de sua relevância histórica, atuação digital e uso da língua yorubá.

O primeiro perfil tem como nome *Ilé Àṣẹ̀ Ìyá Nassô Ọ̀ka* (Casa Branca do Engenho Velho)¹⁴. A Casa Branca do Engenho Velho foi fundada em 1830, e é o terreiro mais antigo do Brasil, símbolo da resistência afro-brasileira. É mantido pela

¹⁴ Ilé Àṣẹ̀ Ìyá Nassô Ọ̀ka (Casa Branca do Engenho Velho): <https://www.instagram.com/terreirocasabranca/>

Associação São Jorge do Engenho Velho, o perfil digital (@terreirocasabranca) reforça sua importância histórica e religiosa, com publicações que preservam tradições e valorizam a língua yorubá como expressão cultural e espiritual.

O próximo perfil analisado refere-se ao Terreiro do Gantois, em Yorubá *Ilê Iyá Omi Àse Iyamasé*¹⁵. A seguir, apresentamos a Figura 3, que expõe uma publicação que recorda a fundadora desse terreiro.

Figura 3: Fundadora do Terreiro do Gantois



Fonte: Instagram, 2025.

Criado em 1849 por Maria Júlia da Conceição Nazareth, o Gantois é um dos terreiros mais emblemáticos da Bahia. O perfil (@terreirodogantois) deste terreiro atua como ponte entre tradição e contemporaneidade, promovendo conteúdos que celebram a ancestralidade e o uso da língua yorubá em rituais e homenagens.

O outro perfil objeto de coleta de dados é o *Ilê Axé Opô Afonjá Bahia*¹⁶. Trata-se de uma rede social destinada a divulgar aspectos culturais do grupo Afonjá. Esse grupo foi fundado por Mãe Aninha, e se tornou referência nacional em candomblé e cultura afro-brasileira. A presença digital (@afonja_ba) destaca sua liderança espiritual e educativa, com postagens que incluem termos em yorubá, fortalecendo a identidade linguística e religiosa da comunidade. Na Figura 4, a

¹⁵ Ilê Iyá Omi Àse Iyamasé (Terreiro do Gantois): <https://www.instagram.com/terreirodogantois/>

¹⁶ Ilê Axé Opô Afonjá Bahia: https://www.instagram.com/afonja_ba/

seguir, apresenta-se um convite para festa do Xangô publicado no perfil, a fim de angariar adeptos.

Figura 4: Convite para festa de Xangô



Fonte: Instagram, 2025.

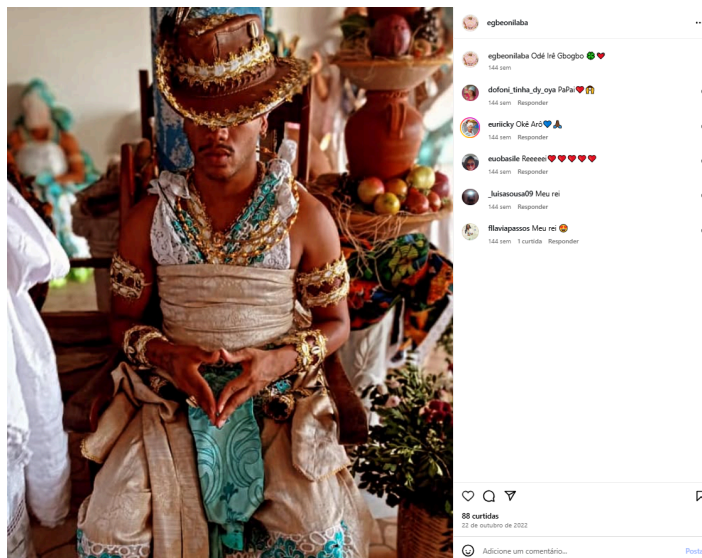
O seguinte perfil de *Instagram* é denominado Ilê Asé Omôs Oní Labá¹⁷ ((@egbeonilaba). É um perfil de terreiro localizado em Conceição do Jacuípe (BA), sua presença na plataforma *Instagram* cumpre a função de difundir conteúdos relacionados ao Candomblé, tanto no aspecto ritualístico quanto no simbólico, articulando elementos visuais, textuais e sonoros. As publicações, que incluem convites, mensagens devocionais e registros de práticas litúrgicas, empregam recursos multimodais e o uso estratégico de hashtags (*#candomblé*, *#umbanda*, *#exu*, *#oxum*, entre outras) para ampliar o alcance e potencializar a circulação de saberes religiosos.

A curadoria dos conteúdos evidencia uma valorização das divindades (orixás) e da tradição oral, além de reforçar identidades coletivas e redes de pertencimento. O discurso do perfil mescla narrativas poéticas e afirmações de fé, como se observa em postagens que exaltam o caráter sagrado das oferendas e a importância da manutenção dos vínculos com os orixás. Dessa forma, o perfil funciona como um espaço virtual de manutenção, afirmação e visibilidade da religiosidade afro-brasileira, ao mesmo tempo em que estabelece conexões com praticantes e

¹⁷ Ilê Asé Omôs Oní Labá: <https://www.instagram.com/egbeonilaba/>

simpatizantes em escala translocal. A seguir, a Figura 5 apresenta uma divulgação de prática religiosa.

Figura 5: Atividade religiosa



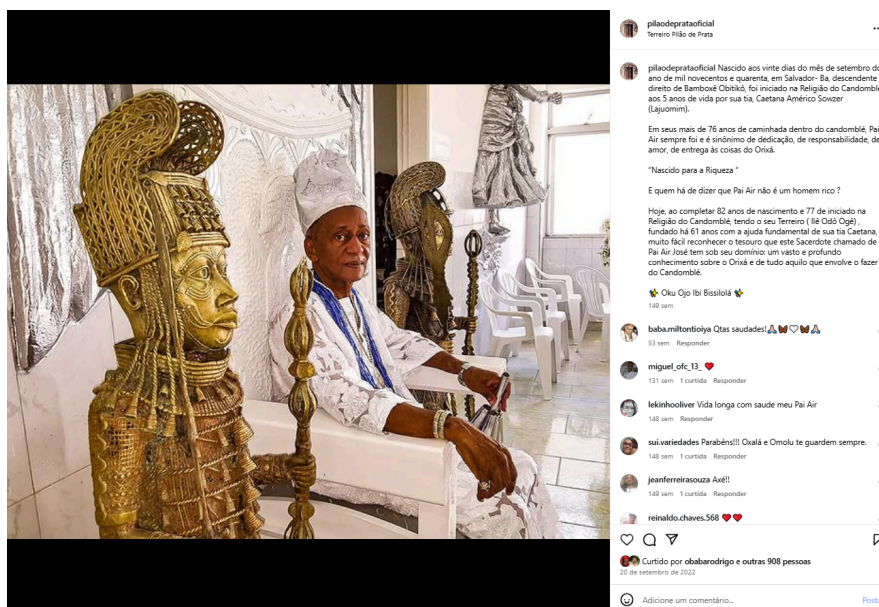
Fonte: Instagram, 2025.

Por outro lado, o perfil @pilaodeprataoficial corresponde à plataforma digital oficial do Terreiro Pilão de Prata (*Ilê Odô Ogê*¹⁸), uma comunidade religiosa da nação Ketu sediada em Salvador, Bahia. Fundado em 1961 por Iyá Caetana Bámbobôsé e Air José Bámbobôsé, o terreiro foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia em 2004 por seu valor histórico e artístico.

Na esfera virtual, o perfil desempenha um papel central como canal de comunicação interna e externa, disseminando informações sobre celebrações, memórias e eventos comunitários. As postagens incluem registros de eventos litúrgicos, como aniversários de iniciação, e comunicados emotivos, incluindo notas de pesar, o que denota a função do espaço como extensão da dinâmica ritualística e relacional da casa religiosa. A seguir, veja-se a Figura 6.

¹⁸ Ilê Odô Ogê (Pilão de Prata): <https://www.instagram.com/pilaodeprataoficial/>

Figura 6: Terreiro Pilão de Prata



Fonte: Instagram

O grupo *Ilé Òsùmàrè Aràká Àsè Ògòdó*¹⁹ (Casa de Òsùmàrè), um dos mais tradicionais terreiros da Bahia, a Casa de Òsùmàrè, tem como perfil social o seguinte: @ileosumare. Essa rede de *Instagram* atua como canal virtual para celebrações litúrgicas, testemunhos devocionais, homenagens e registros da ancestralidade, tudo articulado por meio de formatos visuais e narrativas simbólicas.

A partir deste perfil, o terreiro articula sua presença digital como meio de afirmação identitária, preservação de tradições e reforço dos vínculos comunitários, operando como um espaço virtual de mediação simbólica da religiosidade afro-brasileira. Essa estratégia digital complementa a construção de uma narrativa de resistência e continuidade, que se apoia na ancestralidade e no compromisso cultural. Na Figura 7, a imagem mostra uma publicação feita no Instagram com uma frase em yorùbá e sua tradução para o português: “Ayrá me permite tudo, menos desistir”. Essa frase é um ensinamento que transmite força e resistência, atribuído à entidade Ayrá, muito respeitada nas religiões de matriz africana. A imagem traz uma figura com adereços tradicionais e chamas saindo da cabeça, o que reforça a ideia de poder espiritual. O rosto está desfocado, talvez para dar um tom mais simbólico ou universal à mensagem.

¹⁹ Ilé Òsùmàrè Aràká Àsè Ògòdó (Casa de Òsùmàrè): <https://www.instagram.com/casadeoxumare?igsh=eXY5YzNoODFjam8y>

Esse tipo de publicação mostra como os provérbios yorùbá são usados nas redes sociais para ensinar, inspirar e afirmar a identidade cultural. Além disso, o uso da língua yorùbá junto com a tradução ajuda a valorizar e divulgar esse patrimônio linguístico e religioso.

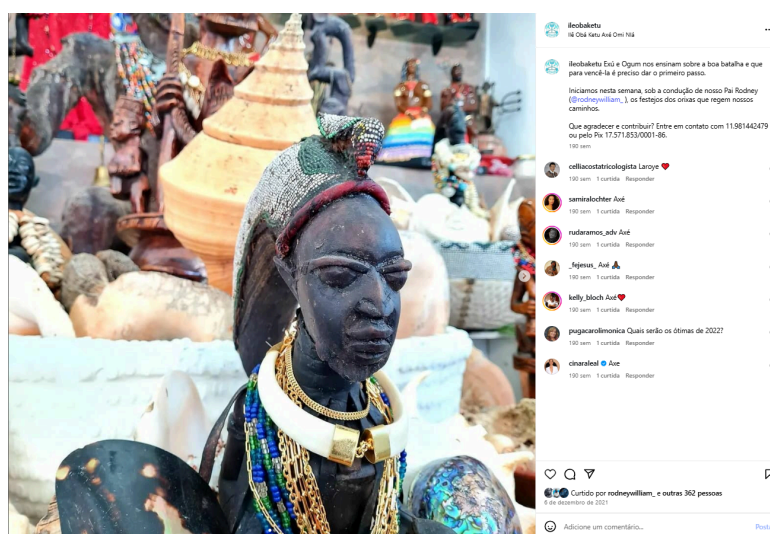
Figura 7: Post Casa de Oxumarê



Fonte: Instagram

Por último, foi objeto de coleta de dados o perfil *Ilê Oba Ketu Axé Omi Nlá*²⁰, rede social de grupo de Candomblé localizado em Mairiporã/SP, sob liderança do Babalorixá Rodney William, este terreiro se destaca pela organização e comunicação direta com o público. Veja-se a Figura 8.

Figura 8: *Ilê Oba Ketu Axé Omi Nlá*



Fonte: Instagram

²⁰ Ilê Oba Ketu Axé Omi Nlá: <https://www.instagram.com/ileobaketu?igsh=dGhrc202NmNlcTQ=>.

Além da divulgação de eventos e atendimentos, o perfil estabelece conexões com outras mídias — como o canal no YouTube e colunas na *Carta Capital* — por meio de hiperlinks externos. Assim, o espaço virtual opera como uma extensão digital do terreiro, reforçando sua presença no ciberespaço, contribuindo para a visibilidade e valorização das práticas culturais afro-brasileiras e promovendo a circulação de discursos identitários, políticos e religiosos que afirmam a centralidade do Candomblé na constituição da memória e da resistência cultural.

3.5 Instrumento de coleta de dados: Linguística de Corpus

Por tratar-se de uma pesquisa desenvolvida em ambientes digitais, adotou-se a Linguística de Corpus (LC) como instrumento metodológico para a coleta e análise dos dados, haja vista sua capacidade empírica e descritiva de estudar a linguagem com base em grandes coleções de textos autênticos, orais ou escritos, denominadas corpora (ou corpus, no singular). Segundo Mona Barker (1995) um corpus linguístico é uma coleção de textos digitais projetados para permitir análises automáticas e semiautomáticas. Trata-se de um conjunto de dados coletados com um propósito definido e critérios rigorosos, de modo a garantir que representem adequadamente uma área ou variedade linguística específica. Assim, o corpus não é meramente um agrupamento aleatório de textos, mas sim uma amostra representativa da linguagem em uso, estruturada para responder a questões específicas sobre práticas linguísticas. Barker (1995) traz ainda que essa perspectiva é reforçada por Sinclair (1994) e Pearson (2004), que enfatizam que um corpus deve refletir a variedade e a especificidade da linguagem que se propõe a investigar.

A LC, por conseguinte, propicia observar padrões linguísticos reais, considerando a recorrência, a coocorrência e prosódia semântica das palavras. Como afirma Teixeira (2008), essas três categorias representam diferentes tipos de associações linguísticas: a recorrência se refere à frequência de um termo, a co-ocorrência indica o quanto ele aparece com outros termos, e a prosódia semântica envolve o valor conotativo ou afetivo com que determinada palavra é recorrentemente usada.

Tais especificações ajudam na compreensão da linguagem como um sistema probabilístico, o que, de alguma forma, evidencia as formas pelas quais ela expressa identidade, cultura e pertencimento, especialmente em contextos específicos, como

o dos terreiros de Candomblé. Assim sendo, investigar a manifestação linguística do yorubá nas redes sociais, para além dos espaços religiosos, nos leva a vislumbrar o surgimento de sublinguagens, ou seja, conjuntos de termos e regras que fazem sentido dentro de uma comunidade restrita, como define Hoffmann (2004). Essas sublinguagens, segundo o autor, podem estar relacionadas a campos técnicos (como o jurídico ou o médico), ou a universos simbólicos e culturais, como o religioso e o ancestral, contexto da presente pesquisa.

É justamente nessas manifestações que ocorrem fora do ambiente físico dos terreiros que a LC se mostra promissora, pois permite identificar as sublinguagens de matriz africana presentes nos discursos digitais. Dessa forma, é possível observar os contextos de uso, as ressignificações linguísticas e como os termos de origem iorubá se articulam entre si e com a língua portuguesa. Além disso, esse procedimento evidencia traços morfológicos, fonológicos e gráficos próprios dessas expressões, permitindo compreender como tais elementos se configuram e operam nas práticas comunicativas em ambientes digitais. Assim, os terreiros digitais não apenas reafirmam identidades e saberes ancestrais, mas também constroem novos sentidos culturais, revelando um movimento contínuo de ressignificação em que tradição e modernidade tecnológica dialogam.

Por outro lado, como destaca Berber Sardinha (2004), a LC adota uma abordagem empírica fundamentada na observação de regularidades linguísticas. Ou seja, parte-se da premissa de que nem tudo pode ser dito, mas o que pode ser dito tende, de fato, a ser registrado em determinados contextos, o que pode auxiliar na identificação de tendências e compreender usos linguísticos em situações autênticas de comunicação.

Tendo essas premissas em mente, a construção do corpus desta pesquisa foi orientada pelas diretrizes propostas por Bardin (1977, p. 96), que define corpus como “o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. Nesse sentido, foram adotados os seguintes princípios:

- Exaustividade: inclusão de todos os dados relevantes para a pesquisa, garantindo uma coleta completa;
- Representatividade: seleção de dados que espelham fielmente o universo linguístico dos terreiros nas redes sociais;
- Homogeneidade: manutenção de critérios consistentes na escolha dos textos;

- Pertinência: alinhamento dos documentos com os objetivos analíticos da pesquisa;
- Exclusividade: categorização única dos dados, evitando sobreposição entre categorias.

Além desses aspectos, foram consideradas as recomendações de Sardinha (2000), que reforçam a importância da autenticidade, utilidade científica, formatação digital adequada, permanência do fenômeno linguístico e amplitude representativa do corpus. Dessa forma, a estruturação do corpus visou garantir não apenas a consistência metodológica, mas também a legitimidade acadêmica e a relevância analítica da investigação.

Ante o exposto, a LC se mostra adequada por permitir a exploração sistemática de registros linguísticos autênticos provenientes das redes sociais, possibilitando a observação de padrões lexicais e discursivos em contextos reais de uso. No caso desta investigação, os dados analisados correspondem às manifestações linguísticas da comunidade de terreiro no ambiente virtual, evidenciando como a língua yorubá é mobilizada como marcador identitário e prática de resistência cultural.

Para aplicar a LC nesta pesquisa, utilizamos algumas ferramentas de linguística computacional em diferentes fases deste trabalho. Essas ferramentas desempenharam um papel crucial na análise e no processamento dos dados. A seguir, descrevemos de forma detalhada cada uma delas e como contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

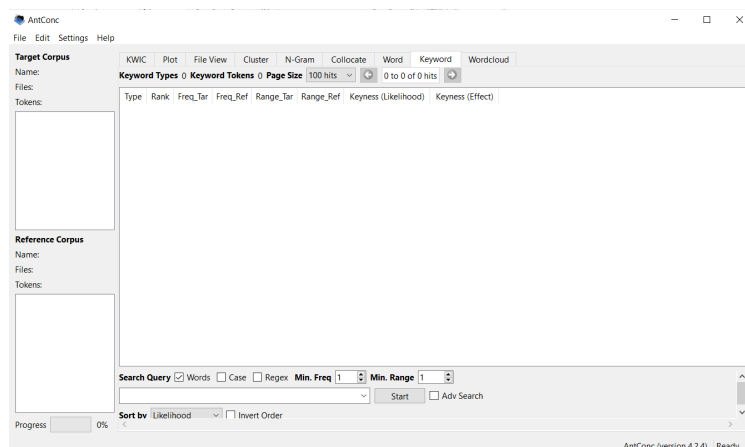
3.5.1 AntConc

O AntConc é um *software* utilizado para análise de corpora, valorizado por sua rapidez, facilidade de uso e, acima de tudo, por ser gratuito. Desenvolvido por Laurence Anthony, da Universidade de Waseda, no Japão, o programa integra várias ferramentas e é compatível com sistemas operacionais como Windows, macOS e Linux. Desde seu lançamento em 2014, o AntConc continua a ser aprimorado, estando atualmente na versão 1.2.1 (Anthony, 2017).

Coimbra Silva (2024) explica que para o AntConc apresentar resultados de maneira eficaz, é necessário que os textos estejam alinhados ao nível da sentença e depois salvos em arquivos no formato .txt. Esse formato, por não ter formatação

complexa, garante que o programa funcione corretamente e atenda aos objetivos da análise de corpora. Na Figura 9, apresentamos o programa.

Figura 9: Tela inicial do AntConc



Fonte: Captura do programa.

Na pesquisa com a corpora aplicada à tradução nas redes sociais, o AntConc oferece ferramentas essenciais para investigar padrões de linguagem e seu contexto cultural do idioma Yoruba. A proposta prevê a utilização das funções Key Word in Context (KWIC), Keywords, Cluster e Collocate, sendo assim, possível explorar como determinados termos aparecem e interagem nos textos analisados, especialmente em contextos da língua Yoruba relacionados ao candomblé.

Considerando o tema proposto, podemos exemplificar as funções da seguinte maneira: a função KWIC permite ver uma palavra ou expressão no contexto em que aparece, mostrando as palavras ao redor; a função Keywords identifica a frequência de termos no corpus em comparação com um corpus de referência, como a palavra "asé", mostrando sua relevância nas redes sociais; a função Cluster identifica sequências de palavras que ocorrem juntas com regularidade, mostrando com quais outras palavras "asé" costuma ser associado, revelando padrões culturais e religiosos; por fim, a função Collocate explora as palavras que aparecem próximas de "asé", ajudando a entender seu uso em contextos específicos, como sua ligação com força, bênçãos ou rituais.

3.6 Coleta e tratamento









A coleta dos dados para compor o *corpus* foi realizada manualmente, acessando individualmente cada página de interesse e utilizando as funções de

copiar e colar no *Microsoft Word*, um processador de texto amplamente utilizado para criação e edição de documentos.

No entanto, como esse processo se mostrou exaustivo, buscou-se aplicar outras formas de extração de dados. Com base no estudo de Teixeira (2008, p. 51), foram feitas tentativas de uso do *software offline WinHTTrack Website Copier 3.30*. Porém, verificou-se que, com as mudanças nas regulamentações de proteção de dados, a extração de textos em grande escala da internet se tornou mais restrita, provavelmente em decorrência do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR) na Europa e da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) no Brasil²¹, especialmente nos contextos mais recentes.

Os arquivos no formato *Word* foram reunidos em uma única pasta e, em seguida, convertidos manualmente para o formato .txt. Após a conversão, os arquivos .txt foram organizados em outra pasta.

Figura 11: Amostra parcial dos arquivos renomeados e convertidos em .txt

Nome	Data de modificação	Tipo	Tamanho
 CB19jul22	11/08/2024 19:43	Documento de Te...	5 KB
 CB11set22	11/08/2024 19:30	Documento de Te...	5 KB
 CB130524	11/08/2024 21:08	Documento de Te...	5 KB
 OE16abr24	12/08/2024 11:08	Documento de Te...	5 KB
 OE17abr24	12/08/2024 11:10	Documento de Te...	5 KB
 OE18jul24	12/08/2024 11:07	Documento de Te...	5 KB
 OE14mar24	12/08/2024 11:00	Documento de Te...	5 KB
 OE8maio24	12/08/2024 11:01	Documento de Te...	5 KB

Fonte: Elaboração própria.

A organização das páginas consultadas seguiu um padrão de nomenclatura nos títulos, destacando a origem da informação. Por exemplo, o arquivo "CB11set22" refere-se à consulta à página da instituição religiosa *Ilé Àșe Ìyá Nassô Òka*, conhecida como Casa Branca, em que "CB" indica as iniciais da instituição, seguido pela data da publicação, neste caso, 11 de setembro de 2022.

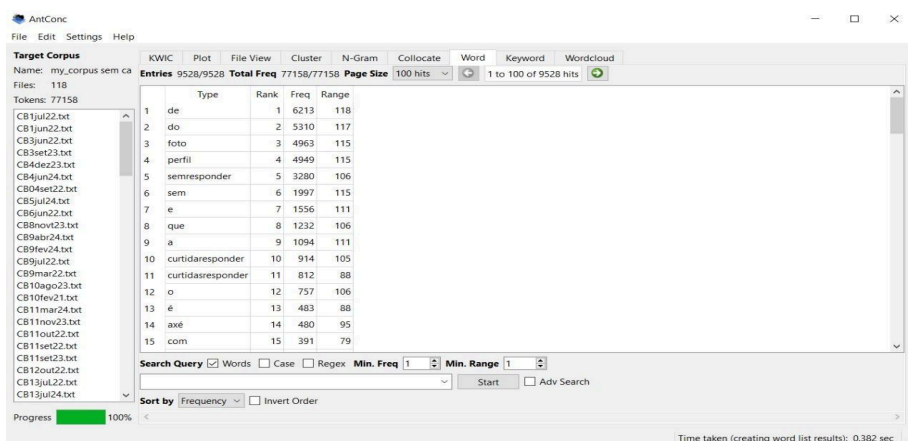
3.6.2 Tratamento do corpus

²¹A LGPD (Lei nº 13.709/2018) estabelece regras para o uso de dados pessoais, garantindo o direito à privacidade e à proteção das informações, tanto em meios físicos quanto digitais.

O tratamento do corpus consistiu em etapas organizadas e sistemáticas, com o objetivo de possibilitar uma análise linguística precisa e representativa dos dados extraídos das redes sociais de terreiros de Candomblé. A organização inicial envolveu a padronização da nomenclatura dos arquivos consultados, de forma a facilitar a rastreabilidade e a identificação da fonte. As análises foram realizadas com o auxílio do software **AntConc**, ferramenta amplamente utilizada nos estudos de Linguística de Corpus.

A primeira etapa do processamento foi a geração da **lista de palavras** mais frequentes no corpus. Conforme as diretrizes do AntConc, a lista foi organizada por ordem decrescente de frequência, revelando as palavras que mais se repetem nos textos analisados. A seguir, Figura 12, apresentamos a organização.

Figura 12: Lista de palavras no AntConc



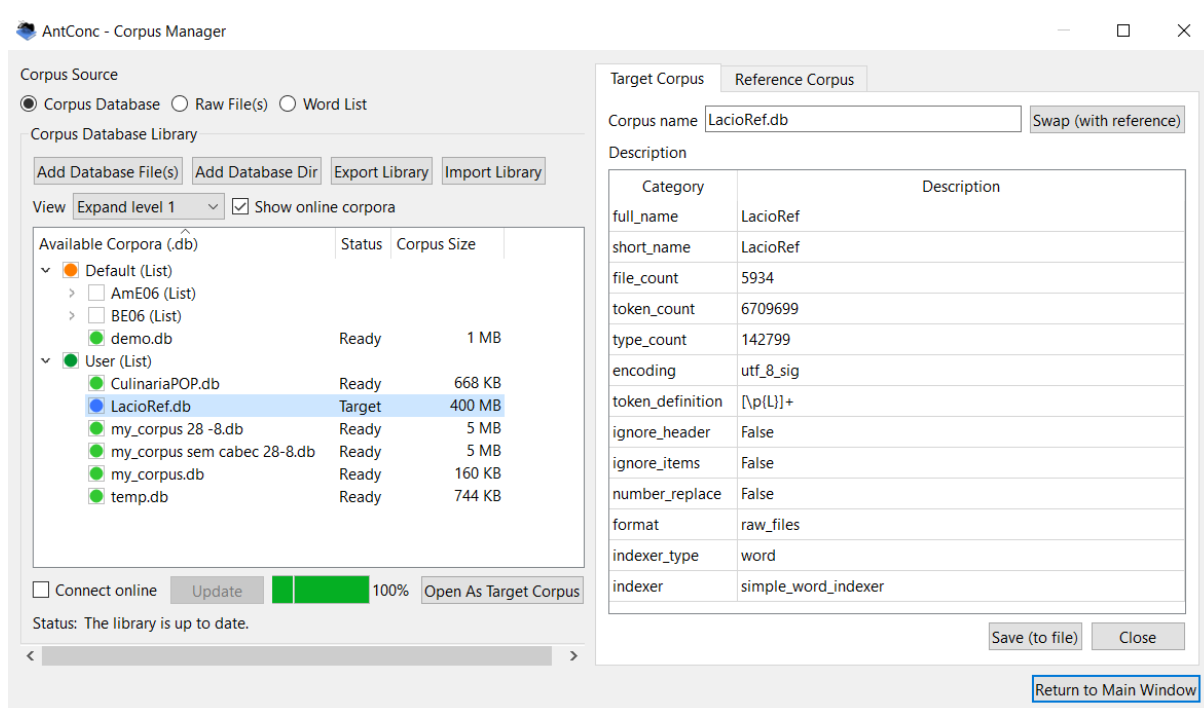
Fonte: Elaboração própria.

A lista de frequência gerada pelo AntConc considera as unidades básicas de análise conhecidas como tokens (todas as ocorrências de palavras no corpus) e types (as formas distintas encontradas, sem repetições). Cada palavra é, então, organizada por ordem decrescente de frequência e recebe um rank, que corresponde à sua posição nessa lista (Berber Sardinha, 2004). Essa distinção é essencial, pois permite diferenciar entre a abundância de certas palavras no corpus e a variedade lexical empregada.

Em seguida, foi elaborada uma **lista de palavras-chave** (*keywords*), gerada por meio da comparação estatística entre o corpus de pesquisa (target corpus) e um **corpus de referência**. Esse procedimento permite destacar os termos mais distintivos do corpus investigado, ou seja, aqueles que ocorrem com frequência significativamente maior em relação ao uso geral da língua.

Para essa etapa, utilizou-se como corpus de referência o Lácio-Ref, um corpus de português brasileiro contendo 1.017.879 palavras, disponibilizado na ferramenta Corpus Manager do AntConc. Segundo Aluísio *et al.* (2003), esse corpus é uma base sólida para estudos de tradução, pois permite observar como termos e estruturas linguísticas são traduzidos e adaptados, especialmente em contextos culturais diversos. Nesse sentido, sua utilização nesta pesquisa contribui para uma melhor compreensão das interações entre o yorubá e o português brasileiro nas mídias digitais.

Figura 13: Tela do Corpus Manager com dados do corpus de referência utilizado



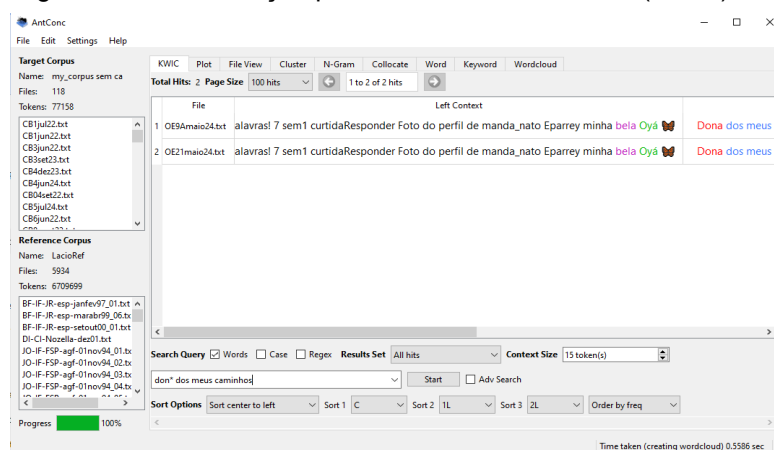
Fonte: Elaboração própria.

Vale lembrar que, ao calcular as palavras-chave, o AntConc leva em conta três noções básicas: tokens (todas as ocorrências de palavras no corpus), types (as formas diferentes, sem repetições) e rank (a posição de cada palavra na lista de frequência). Isso não só ajuda a identificar os termos mais recorrentes, mas também permite avaliar a sua importância quando comparados a um corpus de referência, dando mais consistência à análise.

Por último, foi empregada a função KWIC (*Keywords in Context* – palavras-chave em contexto), também disponível no AntConc. Essa funcionalidade gera linhas de concordância em que é possível observar a palavra selecionada

cercada por seu contexto imediato, tanto à esquerda quanto à direita. Por exemplo, a ocorrência da palavra "oya" pode ser vista em construções como "dona oya", revelando estruturas sintáticas e usos culturais específicos. A seguir, apresentamos a Figura 14.

Figura 14: Tela da função palavra chave em contexto (KWIC)



Fonte: Elaboração própria.

Essa análise contextual permite observar a forma como os termos yorubás são utilizados, interpretados e, por vezes, traduzidos no ambiente digital. Também contribui para compreender as estratégias discursivas e simbólicas mobilizadas pelos terreiros para reafirmar identidades e transmitir saberes ancestrais, inclusive em meio à linguagem híbrida característica das redes sociais.

4 – ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, exploramos o uso da língua yorubá nas redes sociais, focalizando como os termos e expressões desse idioma circulam e são interpretados no ambiente virtual dos terreiros de candomblé. Analisamos o Corpus do Yorubá em plataformas digitais, onde observamos práticas linguísticas e de tradução adotadas pela comunidade. Por fim, avaliamos alguns equivalentes tradutórios encontrados, buscando entender como esses termos mantêm ou transformam o sentido original no contexto cultural dos terreiros.

4.1 Descrição do corpus

Conforme explicado no capítulo de metodologia, recorremos a páginas e/ou endereços virtuais nas redes sociais de terreiros já reconhecidos, além de outros que atualmente têm destaque e representatividade na religião de matriz africana. A coleta dos dados foi realizada entre novembro de 2024 e maio de 2025, período que coincidiu com o levantamento do referencial bibliográfico do mestrado. A pesquisa foi feita exclusivamente no *Instagram*, e as publicações analisadas foram predominantemente dos anos de 2022 a 2024, período em que se observou maior atividade e uso da língua yorubá como marcador identitário, simbólico e/ou litúrgico.

Quadro 2: Instituições coletadas

Nome da instituição	Nome Popular	Fundação	nºSeguidores
<i>Ilê Àṣẹ̀ Ìyá Nassô Ọ̀ka</i>	Terreiro Casa Branca (Engenho Velho)	1830	30,4 mil
<i>Ilê Ìyá Omi Àṣẹ̀ Ìyámase</i>	Terreiro do Gantois	1849	56,1 mil
<i>Ilê Axé Opô Afonjá</i>	Opô Afonjá RJ	1886	4.959
<i>Ilê Axé Opô Afonjá</i>	Opô Afonjá Bahia	1910	823
<i>Ilê Àṣẹ̀ Ìyá Nassô Ọ̀ka</i>	Terreiro Casa Branca	1830	30,4 mil
<i>Ilê Asé Omô Oni Labá</i>			37 mil
<i>Ilê Odô Ogê</i>	Terreiro Pilão de Prata	1961	12,5 mil
<i>Ilê Òsumàrè Aràkà Àṣe Ògòdó</i>	Casa de Oxumarê	1836	99,4 mil
<i>Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá</i>		s/d	39,1 mil

Fonte: Elaboração própria, dados referentes a maio de 2025.

No Quadro 2, são apresentadas as instituições das quais foram coletados os dados, indicando o nome em yorubá, o nome popular em português, o ano de fundação, a plataforma digital em que estão presentes e o número de seguidores até a data de cada coleta.

Na coleta de dados, buscamos um equilíbrio homogêneo de publicações entre as instituições. No entanto, as interações entre cada instituição e seus seguidores resultaram em uma quantidade de dados não totalmente uniforme. Ainda assim, procuramos trabalhar com números iguais ou próximos para todas as casas. A seguir, apresentamos o Quadro 3.

Quadro 3: Dados gerais do Corpus

Nome da instituição	Nome Popular	Tokens (Types)
<i>Ilé Àṣẹ̀ Ìyá Nassô Ọ̀ka</i>	Terreiro Casa Branca (Engenho Velho)	63454
<i>Ilé Ìyá Omi Àṣẹ̀ Ìyámase</i>	Terreiro do Gantois	53028
<i>Ilé Axé Opô Afonjá</i>	Opô Afonjá	21372
<i>Ilé Asé Omô Oni Labá</i>	—	23776
<i>Ilé Odô Ogê</i>	Terreiro Pilão de Prata	13329
<i>Ilé Òsumàrè Aràkà Àṣe Ògòdó</i>	Casa de Oxumarê	84649
<i>Ilé Obá Ketu Axé Omi Nlá</i>	—	57883
<i>Ilé Odô Ogê</i>	<i>Terreiro Pilão de Prata</i>	13329

Fonte: Elaboração própria.

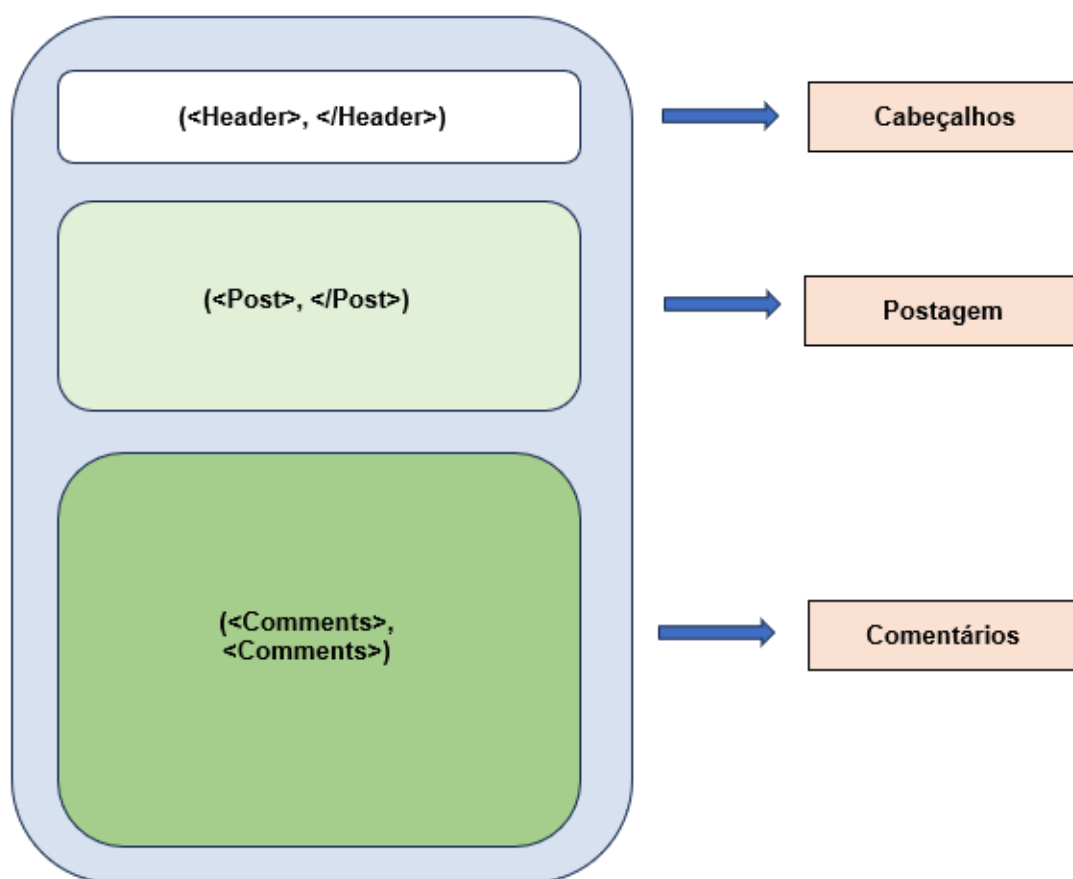
4.2 Organização do corpus

Os arquivos foram organizados em pastas de acordo com a instituição de origem, com o objetivo de proporcionar uma visão individualizada dos usuários de cada instituição. Essa organização inicial facilita a identificação de padrões e particularidades, permitindo um mapeamento mais eficiente das interações sociais entre os participantes. Além disso, utilizamos tabelas para listar as manifestações do corpus, o que torna a organização e a análise mais ágeis por meio do software empregado.

Dando continuidade a essa estruturação, os textos que compõem o corpus de Yorubá foram organizados de modo a possibilitar a análise do objeto de estudo a partir das casas de candomblé e de seus seguidores. Para tornar essa análise mais detalhada e funcional, cada arquivo do corpus recebeu um cabeçalho (<Header> ...

`</Header>`) com informações como título da publicação, nome do arquivo, número de interações sociais da postagem e instituição. Adicionalmente, foram incluídas etiquetas para delimitar duas seções distintas nos arquivos: a postagem em si (`<post> ... </post>`) e os comentários relacionados a ela (`<comments> ... </comments>`). A seguir, a Figura 15 apresenta a organização.

Figura 15: Organização da base de coleta



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 15 mostra como um arquivo do corpus está organizado, dividido em três partes principais. A primeira parte são os cabeçalhos, marcados pelas etiquetas `<Header>` e `</Header>`, que trazem informações importantes para identificar e entender cada arquivo. A segunda parte é a postagem, delimitada pelas etiquetas `<Post>` e `</Post>`, onde está o texto principal da publicação. Já a terceira parte, os comentários, marcada pelas etiquetas `<Comments>` e `</Comments>`, reúne as respostas e interações relacionadas à postagem. Essa organização facilita

a análise, separando as informações gerais, o conteúdo principal e as interações dos participantes.

4.3 Análise dos Dados

Conforme proposto no capítulo anterior, que aborda a metodologia, utilizamos ferramentas do AntConc, como frequência de palavras, concordância e n-gramas, para realizar a análise dos dados.

Após a verificação inicial da lista de palavras, identificamos a ocorrência de termos com diversas variações de escrita. Entre os erros de grafia mais frequentes, destacou-se a ausência de sinais diacríticos. No Quadro 4, temos as palavras e suas frequências.

Quadro 4: Lista geral de palavras

Palavra	Rank	Frequência
asé	61	398
ketu	76	270
ase	116	174
baba	119	169
babá	122	160
arroboboi	123	159
oxumarê	130	150
xangô	131	145
àse	140	136
ilê	155	124
oyá	155	124
asè	159	123
oxum	159	123
oya	166	120
àşę	166	120
orixá	171	118
axe	179	109
ilé	182	108
motumbá	192	102
aràká	195	100
iya	195	100

Palavra	Rank	Frequência
ogum	259	66
iyá	267	63
oxumare	270	62
aro	275	61
oke	275	61
ya	282	60
laroyê	288	59
omô	296	58
arô	304	55
oe	306	54
adupé	310	53
exu	321	51
ooo	321	51
oxossi	321	51
ossayn	328	50
osun	328	50
yá	333	49
orixa	339	48
bàbá	346	47
mojuba	346	47
ogun	351	47

Palavra	Rank	Frequência
atoto	195	100
ògòdó	195	100
iyá	199	99
òsumàrè	199	99
eparrey	205	96
oxóssi	236	78

Palavra	Rank	Frequência
okê	245	73
iyá	267	63
oxumare	270	62
aro	275	61
ya	282	60
iyá	267	63

Fonte: Elaboração própria.

Com a ampliação da lista de palavras, foi possível identificar a repetição de vocábulos de origem yorubá e registrar as diferentes formas como eles aparecem, mesmo com grafias variadas, que foram agrupadas neste trabalho conforme seus significados. A seguir, Quadro 5, são expostas as palavras e suas variações, bem como o significado de cada uma.

Quadro 5: Lista de variação de registro de palavras

Palavra em yorubá	Forma registrada	Significado
àṣẹ	axé, asé, ase, àsé, aseè, asè, àṣé, aseooo, aseeee	Energia, força vital
Bàbá	baba, babalorixá, babalòrìṣà	Pai, sacerdote
àròbóbòì	arroboboi, arrobóboi, aroboboi, arò, arò	Saudação, canto ritualístico
Òṣùmàrè	oxumarê, òsumàrè, òṣùmàrè	Orixá da transformação, arco-íris
Ṣàngó	xangô, sàngó, ṣàngó	Orixá da justiça, trovão
Ilé	Ilê. ile	Casa, templo
Òyá	Oyá, oya	Orixá dos ventos e tempestades
Òṣùn	oxum, òsùn, osun	Orixá da beleza, fertilidade, águas doces
Òrìṣà	orixá, orixás, òrìṣà, òrìṣà, orisa, orixas	Deidades do panteão yorubá
Ọmọlú	omolu, omolú	Orixá da cura, da saúde
Ọgún	ogum, ògún, ogumhê	Orixá da guerra, tecnologia, ferro
Òṣóòṣì	oxóssi, oxosse, osossi	Orixá da caça, sabedoria, natureza
Ọbà	Obá, Oba	Rainha, título feminino de liderança
Èṣù	exu, èsù, èṣù	Orixá mensageiro, guardião dos caminhos
Yemoja	yemanjá, iemanjá, yemoja, iyèmójá	Orixá dos mares, maternidade

Nàná	nanã, nana	Orixá da sabedoria, lama, águas profundas
Òrì	ori, orí	Cabeça, destino, consciência
Olórun	olorun, olorum, olodumare	Ser supremo, criador
Ègbé	egbé, ewé	Associações, ervas sagradas
Òdò	odo, omô, omi	Rio, água
Kàá	kaô, ka	Saudação a Xangô
Modúpé	modupé, motumbá, motumba	Agradecimento, cumprimento
Láròyé	laroyê, làròyé, laroîê	Saudação a Exu
Kòsí	kosi	Não há, ausência
Èpà	epá, epà, epahey	Saudação a Oya
Òkè	okê, òkè	Altura, montanha, referência a Oxóssi
Òdù	odu, odò	Grande destino, rio
Àrólé	arole, arolé, arokò	Herdeiro, mensageiro
Odóyá	odoyá, odara	Saudação a Iemanjá, algo bom
Òtí	otí	Bebida alcoólica, vinho de palma
Àgbà	agbá, àgbà, agus	Ancião, experiência
Ìrẹ	ire	Energia positiva, bênção

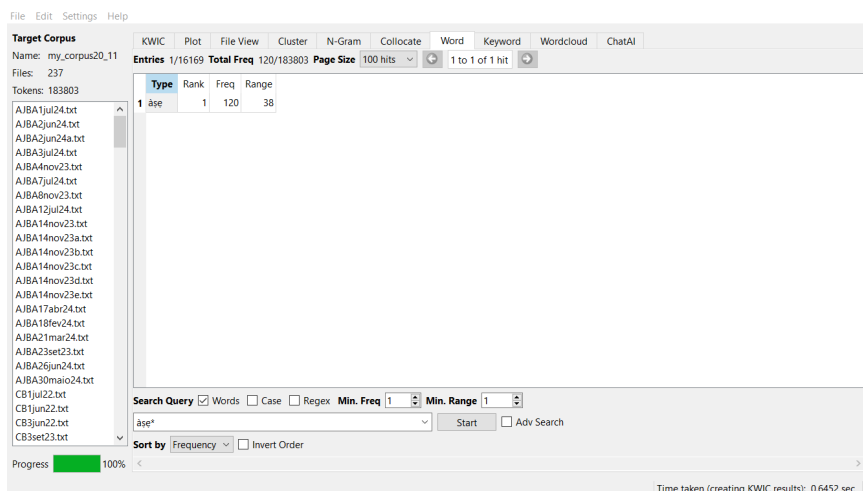
Fonte: Elaboração própria.

4.4 Lexias selecionadas

No conjunto de dados coletados no corpus da língua yorubá, selecionamos algumas palavras específicas, conhecidas como lexias, com base na quantidade de vezes em que apareceram. O objetivo dessa seleção foi observar e analisar o contexto em que essas palavras foram utilizadas, buscando compreender seus significados e funções dentro das interações registradas.

4.4.1 Àṣẹ

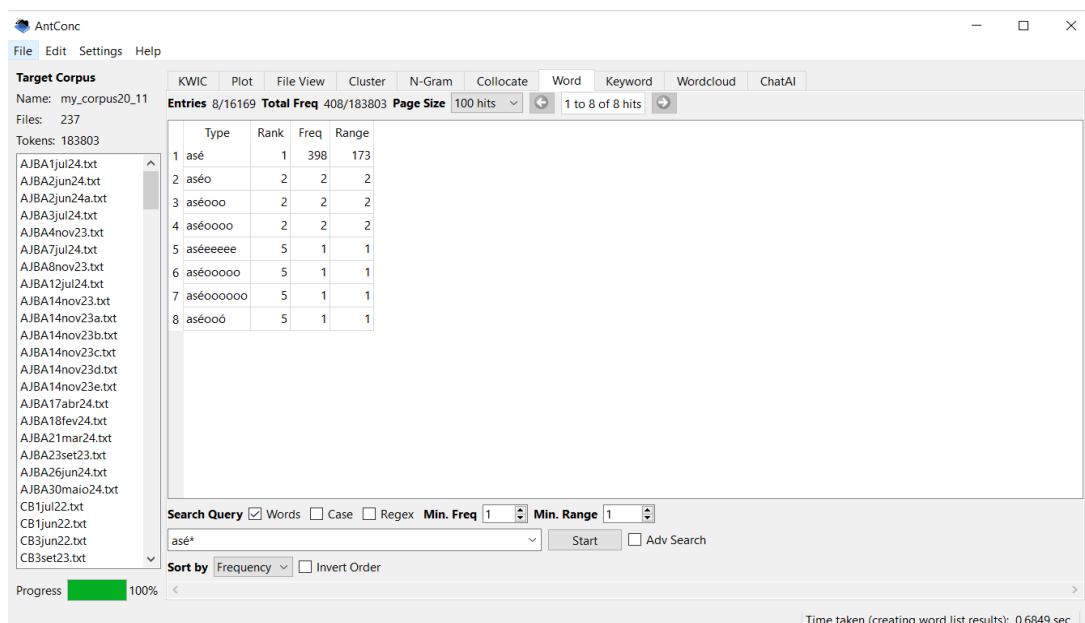
De acordo com Beniste (2009), o termo “Àṣẹ” é um substantivo em yorubá que se refere à força, poder e ao elemento que estrutura uma sociedade, abrangendo conceitos de lei e ordem. Em outras palavras, o Àṣẹ é um conceito fundamental que define a estrutura e a dinâmica de uma sociedade, garantindo a ordem e a harmonia. Na Figura 16, temos o *ranking* de ocorrência.

Figura 16: *Ranking de ocorrência no corpus*

Fonte: Captura do programa.

A lexia yorubá *àse* ocupa o topo do ranking de ocorrência no corpus coletado. É possível identificar diversas tentativas de acerto na grafia, como já mencionado no Capítulo 1. Contudo, tais variações podem ter correspondentes na língua fonte, o que, por vezes, resulta em alterações de significado. Entre as ocorrências registradas, destacam-se as variantes *asé*, *asé*, *àsé*, *aseè* e *asè*.

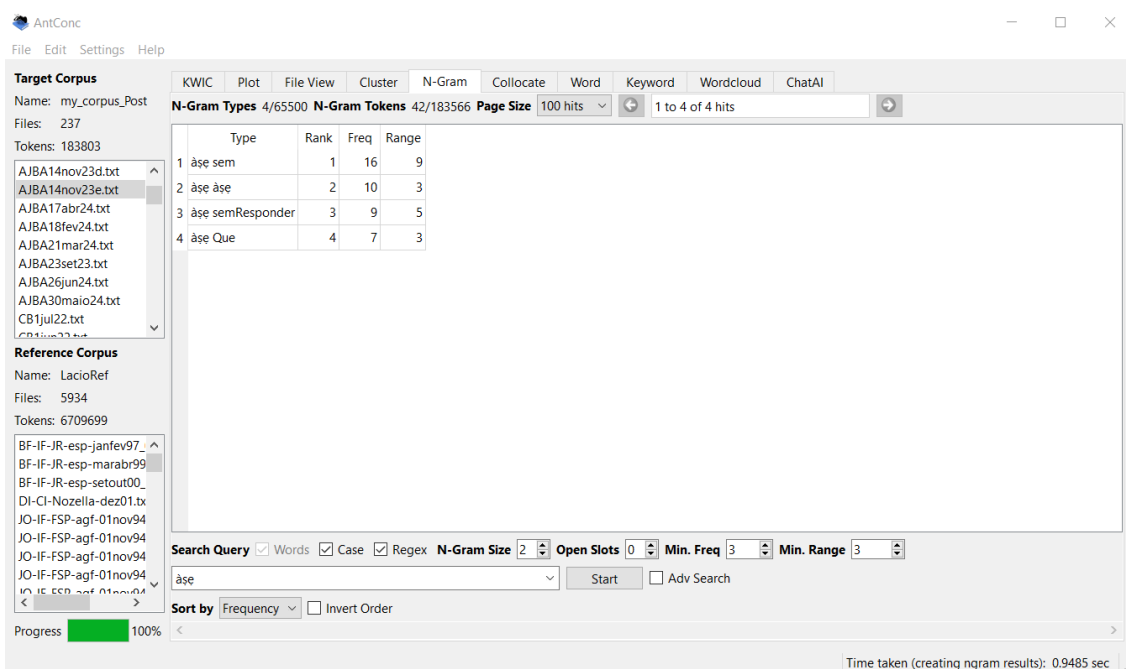
Figura 17: Formas de “asé” e variações encontradas no corpus



Fonte: Elaboração própria.

Apesar dos usos equivocados da palavra *àse*, a análise linguística revelou que, em grande parte, a lexia aparece isoladamente, ou seja, como um unigrama (N=1). Veja a Figura 18.

Figura 18: Tela Ferramenta N-Gram Generator do AntConc



Fonte: Captura do programa.

Para avançarmos na análise, desconsideramos ocorrências em que a lexia *àşe* aparece seguida por terminologias próprias da linguagem das redes sociais. Um exemplo é o bigrama <*àşe sem*>, no qual o termo <*sem*> foi identificado no corpus como um marcador de tempo, referindo-se a “semana”. Assim, elegemos como bigrama mais frequente (N=2) apenas a ocorrência <*àşe àşe*>, que aparece 10 vezes no corpus.

A repetição de *àşe* sugere um uso enfático ou estilístico, típico do contexto oral do idioma yorubá. Quando analisada sob a perspectiva da colocação, essa repetição pode estar associada a uma expressão ritualística ou tradicional, comumente ligada a práticas de afirmação espiritual ou religiosa.

Além disso, observamos que a lexia *àşe* desempenha um papel de grande relevância no campo religioso e espiritual. No contexto cultural yorubá, a palavra está relacionada a conceitos como poder, permissão ou energia vital. Sua alta frequência no corpus reflete sua centralidade em práticas religiosas e em discursos culturais, evidenciando sua importância para a preservação e valorização da herança espiritual yorubá.

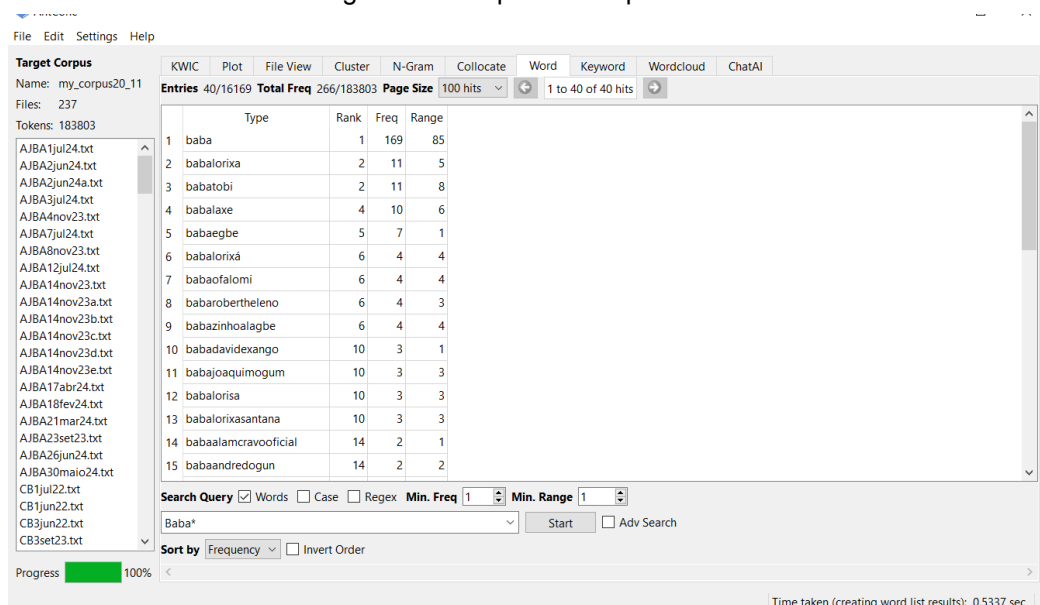
Podemos interpretar que, no ambiente digital, o termo *àşe* atua como um marcador identitário e performático, posto que assume funções que vão além do

léxico religioso estrito: pode servir de saudação, encerramento de mensagem, reforço de legitimidade espiritual ou expressão de concordância e pertencimento. Assim sendo, essa plasticidade semântica é própria de termos carregados de valor ritual, que, ao serem transpostos para outros meios e comunidades, sofrem processos de resignificação; ou, como sugerem abordagens funcionalistas da tradução, de adaptação orientada pela função comunicativa e pelo público-alvo.

4.4.2 Bàbàlòrìṣà

A palavra “Bàbá” (ou “baba”) é um substantivo que significa “pai” ou “mestre” em yorubá. Já “Bàbàlòrìṣà” é um substantivo que se refere a um sacerdote do culto às divindades conhecidas como Orixás. A seguir, apresentamos a frequência desta palavra no corpus, veja-se a Figura 19.

Figura 19: Frequência da palavra Bàbá



Fonte: Captura do programa.

No entanto, ao analisar o corpus, observamos que a palavra “Bàbàlòrìṣà” não foi escrita corretamente em yorubá, aparecendo apenas em variações como “babalòrìṣà” ou em sua forma reduzida “bàbá”. Observamos que a palavra foi

sempre usada em combinação com substantivos ou nomes próprios, destacando sua função principal como título honorífico ou forma de identificação.

Ao analisar a palavra "baba" utilizando as tabelas de N-gram e Collocate, observamos que: a) a palavra "baba" é frequentemente usada em combinação com nomes próprios, como "Pece", "Pérsio", e "Renato"; que b) a palavra "baba" também é usada em combinação com expressões de respeito ou saudação, como "baba mi" ou "mi", que significa "meu pai" ou "meu" em yorubá; c) a palavra "baba" também é usada em combinação com palavras que se referem a contextos religiosos ou espirituais, como "ossayn", "ogiyan" e "olórun".

Podemos interpretar que o uso da palavra em yorubá, sem tradução, configura-se como um mecanismo de manutenção simbólica da religião. Mesmo cientes da possibilidade de tradução ou da existência de equivalentes lexicais entre línguas, os usuários das redes sociais optam pela forma original como forma de realçar uma conexão com outros membros da comunidade. Trata-se, portanto, de um recurso que, além de reforçar laços identitários, age como registro e afirmação da própria religião, conferindo-lhe visibilidade e legitimidade no espaço digital.

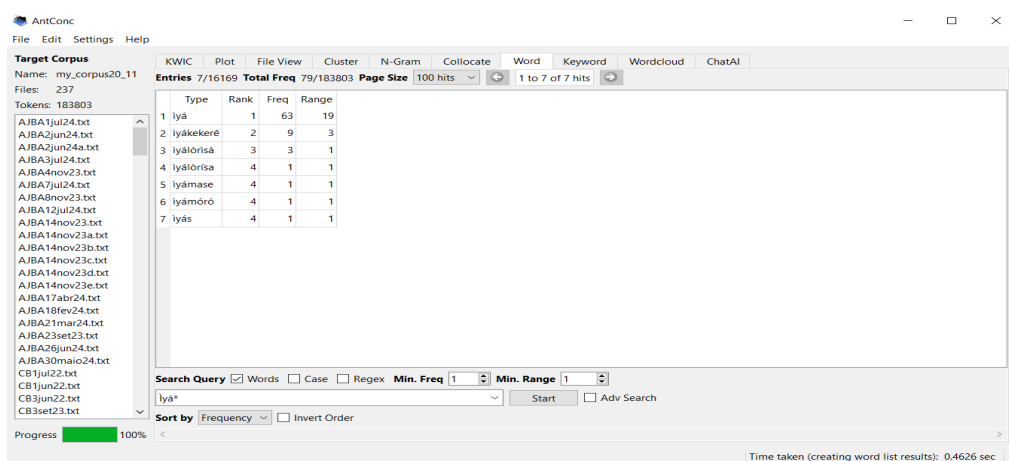
Essa prática também demonstra que, mesmo entre participantes que não dominam a grafia correta na língua yorubá, prevalece o valor simbólico do uso. O ato de empregar termos originais, ainda que com variações ortográficas, reflete um esforço, muitas vezes inconsciente, de resgatar as origens, preservar o idioma e transportar a religião, em suas raízes, para o ambiente das redes sociais.

Nesse sentido, o caráter simbólico, espiritual e de autoridade embutido nesses termos teria uma função de "marcação de território" no ciberespaço. Assim, é possível compreender que adeptos das religiões de matriz africana como usuários das redes sociais buscam, de algum modo, dar voz, reconhecimento e identidade à sua tradição, de forma semelhante ao que ocorre em outras denominações religiosas por meio do uso de expressões e jargões próprios. No caso específico aqui analisado, tal prática ultrapassa a simples demarcação e assume o caráter de ato de resistência, reforçado pela dificuldade de encontrar, em português, equivalentes com a mesma carga simbólica e antropologia semântica.

4.4.3 Ìyálórìsà

A palavra “Ìyálórìsà” (ou “olórìsà”) se refere a um substantivo que significa sacerdotisa do culto aos Orixás, de acordo com Beniste (2009). O termo “Ìyá” literalmente significa “mãe” em yorubá, como no exemplo “Ìyá wa máa ránso wa” que significa “nossa mãe costuma costurar roupa”. A seguir, a Figura 20 apresenta a frequência de aparição dessa palavra.

Figura 20: Frequência da palavra “Ìyálórìsà”



Fonte: Captura do programa.

No entanto, ao analisar o corpus, observamos que a palavra “Ìyálórìsà” não foi escrita corretamente em yorubá, aparecendo apenas em variações como “iyalorishá”, “Ìyaloríxá”, “iyá”, “yá” ou até mesmo na forma traduzida “mãe”. Observamos que a palavra foi sempre usada em combinação com substantivos ou nomes próprios, destacando sua função principal como título ou forma de identificação.

Ao utilizar o N-gram, percebemos que as palavras que mais frequentemente aparecem ao lado de “Ìyálórìsà” são nomes de pessoas, como Neuza, Menininha e Stella, o que pode sugerir que “Ìyálórìsà” seja uma pessoa específica ou uma figura de autoridade em um contexto de religião afro-brasileira. Além disso, a palavra “mãe” também aparece com frequência, o que é consistente com o significado de “Ìyálórìsà” como “mãe-de-santo” em religiões afro-brasileiras.

Ao utilizar a ferramenta Collocate, observamos que os termos que frequentemente acompanham a palavra “Ìyálòrìsà” são nomes próprios, como

“Neuza”, o que nos leva a supor que estamos diante de uma referência específica — possivelmente uma mãe-de-santo amplamente reconhecida no seu contexto. Outros termos recorrentes, como “iyakekere” e “Meninazinha”, reforçam a ideia de que “*ìyálòrìṣà*” aparece vinculada a ambientes e relações de cunho religioso, mais especificamente ligados às religiões afro-brasileiras. A ocorrência da palavra “branca” nesse mesmo campo de coocorrência também aponta para possíveis discussões sobre identidade racial, pertencimento e tensões interétnicas dentro desses espaços.

Essa análise nos permite observar que o termo “*ìyálòrìṣà*” ultrapassa uma simples equivalência linguística. Estamos diante de um culturema, ou seja, de um elemento cultural específico de uma comunidade linguística que não encontra correspondência direta em outras culturas ou línguas. O termo carrega um peso simbólico, afetivo e estrutural, especialmente dentro do universo religioso de matriz africana, no qual a figura da *ìyálòrìṣà* ocupa uma posição central tanto no cuidado quanto na transmissão do axé e dos saberes ancestrais.

No entanto, é fundamental problematizar que o significado simbólico atribuído, na cosmovisão dos terreiros de matriz yorùbá, à palavra em questão não se restringe ao conceito ocidental de “mãe” como progenitora, cuja afetividade está intrinsecamente vinculada ao vínculo biológico. Nesse contexto religioso e cultural, o termo designa, de forma mais ampla, uma figura de autoridade espiritual e protetora, cuja legitimidade decorre de funções sagradas e da posição hierárquica no culto, e não necessariamente da maternidade biológica.

Por outro lado, no imaginário brasileiro, historicamente moldado por estruturas patriarcais, a figura materna é associada a atributos de cuidado, proteção e afeto, mas raramente vinculada a papéis de poder em esferas institucionais, sobretudo no campo religioso-espiritual. Assim, ao manter a forma original da palavra, os praticantes de terreiro parecem buscar preservar o sentido próprio da tradição yorùbá, evitando a polissemia que poderia resultar de uma tradução literal para “mãe”. Tal tradução, ao ser filtrada pelas lentes culturais brasileiras, tenderia a restringir o termo ao âmbito doméstico-afetivo, apagando sua dimensão de liderança e autoridade espiritual, elementos centrais para a compreensão da função que essa figura exerce no contexto religioso afro-brasileiro.

Diante disso, a tradução do termo não pode ignorar sua natureza de culturema. Ao invés de buscar uma equivalência simplificada como “mãe-de-santo”,

que já traz em si uma carga de sincretismos e reduções coloniais, talvez o mais adequado seja preservar o termo original, contextualizando-o no paratexto (dicionário, mediação oral) ou ainda por meio de estratégias tradutórias que mantenham seu valor cultural e afetivo.

Traduzir “Ìyálòrìṣà”, portanto, é um exercício de escuta e responsabilidade cultural, que exige considerar o lugar da palavra na memória coletiva, nas relações de poder e nas estruturas espirituais das comunidades afro-brasileiras e yorubás. É nesse ponto que a tradução se aproxima da prática etnográfica e da tradução cultural: não como transferência mecânica de signos, mas como gesto político, simbólico e ético.

4.4.4 Kétu

Ao analisar a palavra “Kétu” no corpus, percebemos que ela vai muito além de seu significado original. Segundo Fakinlede (2021), “Kétu” embora seja originalmente o nome de uma cidade localizada no território que hoje corresponde à República do Benim, ultrapassa os limites geográficos quando pensamos em sua presença no Brasil. No contexto yorubá, “Kétu” faz parte de um conjunto mais amplo conhecido como Yorubalândia, uma região histórica que abrange diferentes povos e reinos que compartilham a língua, os valores e a cosmologia yorubás. A partir dessa base cultural comum, termos como “Kétu” não representam apenas localizações geográficas, mas expressam modos de vida, práticas religiosas e formas de organização social.

É justamente esse sentido ampliado que chega ao Brasil com os povos trazidos pelo tráfico transatlântico. Aqui, “Kétu” passa a nomear uma das principais nações do Candomblé, carregando a memória de um território africano, bem como também um conjunto de saberes, rituais e estruturas que moldam a vivência religiosa de matriz yorubá. Ao dizer “Kétu” no Brasil, não se fala apenas de uma cidade africana: fala-se de uma tradição espiritual, de um legado ancestral vivo e de uma forma de manter, traduzir e recriar a cultura yorubá em solo brasileiro.

Para compreender mais amplamente por que o uso da palavra em sua forma original se mantém nas redes sociais, é possível recorrer a uma analogia com territórios emblemáticos do Candomblé no Brasil. A Bahia, reconhecida como o berço da religião afro-brasileira, e a cidade de Codó, no Maranhão, conhecida por

sua expressiva diversidade de práticas religiosas afro-brasileiras e espiritualidades, constituem referências simbólicas de legitimidade e tradição. Sempre que se pretende evocar um Candomblé considerado “puro” ou originário, tais localidades são mencionadas como marcos de autenticidade. De modo análogo, a manutenção do termo em sua forma original, no ambiente digital, preserva seu valor cultural e identitário, funcionando como um marcador que remete diretamente à essência da tradição a que pertence.

Nas análises de corpus realizadas por meio de ferramentas como N-gram e Collocate, a palavra “Kétu” aparece frequentemente associada a termos como “Alákétu”, “Candomblé”, “Yorubá”, “Jeje” e “Angola”. Essas combinações indicam que “Kétu” atua como um marcador cultural e religioso no campo da afrodescendência brasileira, refletindo as diversas influências e alianças construídas entre povos africanos durante e após o período da diáspora.

Por isso, podemos compreender “Kétu” como um culturema, ou seja, uma palavra que carrega consigo simbolismo, que é afetivo e histórico que não se traduz apenas com equivalências linguísticas. Seu uso lexical representa uma afirmação de pertencimento à cultura yorubá, espelhada na grande Yorubalândia — uma referência que sustenta, no Brasil, não só a prática religiosa, mas também a reconstrução de uma identidade coletiva, resistente e profundamente enraizada na ancestralidade africana.

Traduzir ou interpretar essa palavra de forma superficial, como “cidade africana” ou “nação do Candomblé”, corre o risco de empobrecer sua complexidade. Por isso, muitas vezes, a melhor escolha tradutória é preservar o termo “Kétu” em sua forma original e explicar seu sentido dentro do contexto afro-brasileiro. Isso garante não só fidelidade cultural, mas também respeito às camadas de significado que atravessam tempo, território e espiritualidade.

Nesse sentido, “Kétu” não é só um nome. É uma ponte entre mundos, uma marca viva da presença africana no Brasil e da força das tradições que resistiram ao tempo e às violências do passado. Traduzir esse termo com atenção é reconhecer a importância dessa memória e a riqueza das culturas afro-brasileiras.

4.4.5 *Arroboboi*

A lexia *Arroboboi* foram em maior parte associada à palavra *Bàbá* (pai) em yorubá. Inicialmente, a primeira associação está vinculada ao signo de pai, no caso *Bàbá*, logo em seguida ao termo saudação do próprio orixá, *Angorô*.

4.4.6 *Làròyé*

A palavra *Làròyé* é classificada como substantivo e está relacionada a debate, discussão ou controvérsia, de acordo com Beniste (2009). No entanto, quando analisamos seu uso em um corpus específico, percebemos que ela está sempre ligada ao orixá Esu, seja como forma de tratamento ou lembrança.

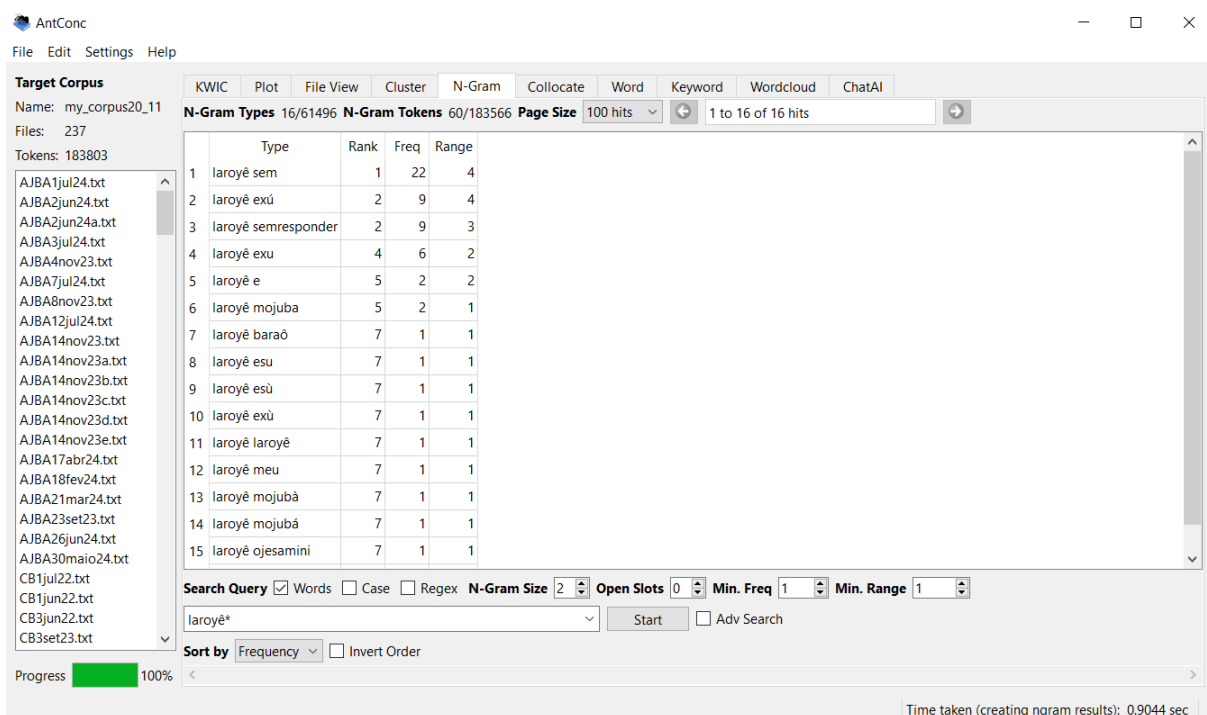
Ao examinar as ocorrências de *Làròyé* com N-GRAM, encontramos variações como "laroyê", "làròyé" e "laroiê". Além disso, observamos que a *Làròyé* é frequentemente usada em combinação com nomes de orixás ou divindades, como Exu e Esu, o que sugere que ela seja usada em contextos religiosos ou espirituais específicos.

No que se refere a essas variações, é pertinente destacar que, aparentemente, quanto maior o número de formas registradas, mais evidências se tem da intenção de manter o uso das palavras em sua forma original, com o objetivo de preservar sua autenticidade e afirmar a língua como veículo de revelação cultural originária, isto é, a língua que conferiu voz e expressão a essa tradição. Essa tendência parece apresentar sentido, de modo especial, na observação das palavras que designam divindades, que são acompanhadas pelo termo *Làròyé*, demonstrando sua sacralidade e o vínculo direto com a cosmovisão que lhes dá sentido.

A seguir, veja a Figura 21, na qual apresentamos a frequência do termo. O gráfico evidencia não apenas a recorrência da palavra em diferentes textos, mas também a regularidade com que ela é preservada em sua forma original. Essa constância reforça a hipótese de que não se trata de um uso ocasional, mas de uma escolha consciente que valoriza a integridade linguística e cultural do vocábulo. Além disso, a visualização da frequência permite compreender como determinados termos se destacam em meio a um universo lexical mais amplo, revelando o papel

central que desempenham na construção do discurso religioso e na manutenção da memória coletiva.

Figura 21: Frequência da palavra Láròyé



Fonte: Elaboração própria.

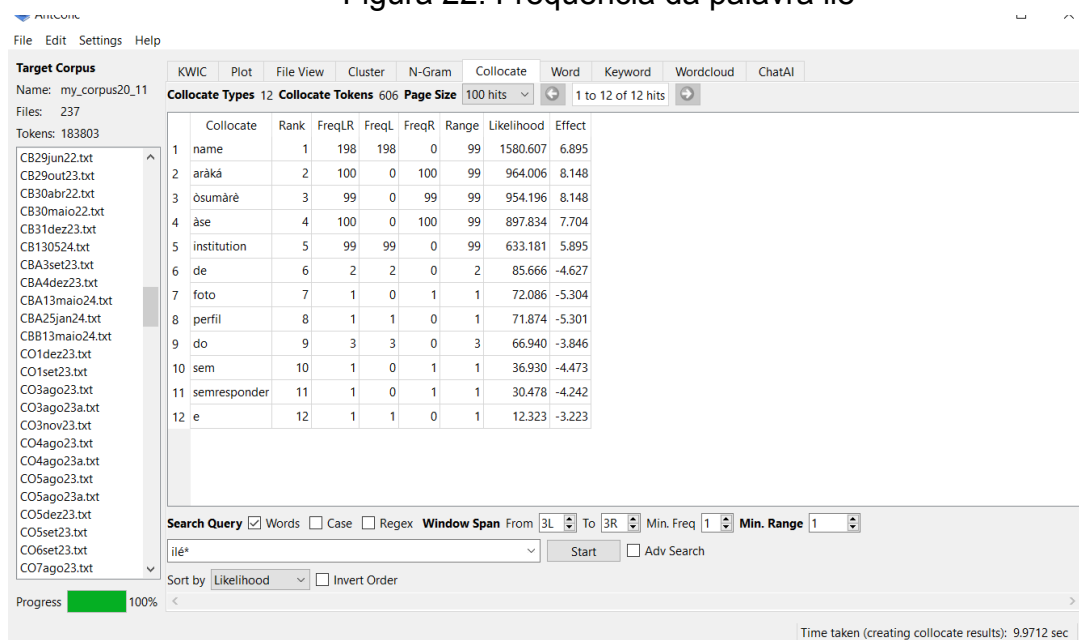
A análise também revelou que Láròyé é usada em combinação com outras palavras que têm significado religioso ou espiritual, como "mojoba" e "ogun". Ao olhar para os collocates de Láròyé, percebemos que as palavras "exu" e "esu" são as que mais frequentemente aparecem ao lado dela, o que reforça a ideia de que Laroye esteja relacionada a contextos religiosos ou espirituais específicos, possivelmente relacionados ao orixá Exu.

Diante do exposto, a análise sugere que Láròyé seja uma palavra que está profundamente relacionada a contextos religiosos ou espirituais específicos, especialmente aqueles ligados ao orixá Exu, e que pode ser usada em contextos de saudação e invocação.

4.4.6 Ilé

Segundo Beniste (2009), a palavra "ilé" significa "casa" em yorubá, mas seu sentido pode mudar dependendo das palavras com as quais se junta. Por exemplo, "ilé adìe" quer dizer "galinheiro", ou seja, a casa das galinhas. A seguir, temos a frequência da palavra em análise.

Figura 22: Frequência da palavra ilé



The screenshot shows the AntConc interface with the 'Collocate' tab selected. The search query is 'ilé*'. The results are displayed in a table with the following columns: Collocate, Rank, FreqLR, FreqL, FreqR, Range, Likelihood, and Effect. The results are sorted by Likelihood in descending order.

Collocate	Rank	FreqLR	FreqL	FreqR	Range	Likelihood	Effect
1 name	1	198	198	0	99	1580.607	6.895
2 aráká	2	100	0	100	99	964.006	8.148
3 òsumàrè	3	99	0	99	99	954.196	8.148
4 àse	4	100	0	100	99	897.834	7.704
5 institution	5	99	99	0	99	633.181	5.895
6 de	6	2	2	0	2	85.666	-4.627
7 foto	7	1	0	1	1	72.086	-5.304
8 perfil	8	1	1	0	1	71.874	-5.301
9 do	9	3	3	0	3	66.940	-3.846
10 sem	10	1	0	1	1	36.930	-4.473
11 semresponder	11	1	0	1	1	30.478	-4.242
12 e	12	1	1	0	1	12.323	-3.223

Fonte: Captura do programa.

Quando analisamos como "ilé" aparece em diferentes combinações no programa AntConc (usando as ferramentas N-Gram e Collocate), percebemos que uma das associações mais frequentes é com "Òṣùmàrè", entidade ligada ao arco-íris nas religiões de matriz africana. A expressão "ilé Òṣùmàrè" não significa só uma casa comum, mas um espaço sagrado, com regras, rituais e uma ligação direta com essa entidade espiritual. É uma casa com função religiosa e simbólica.

Outras combinações comuns são "ilé iyá" (casa da mãe), "ilé aṣẹ" ou "ilé aṣẹ" (ligadas a rituais e força espiritual), e "ilé funfun" (casa branca, que também pode ter sentido religioso ou simbólico). Entre as palavras que mais aparecem perto de "ilé", estão "aráká", "ògòdó" e novamente "Òṣùmàrè", o que reforça essa ligação com elementos sagrados e entidades específicas.

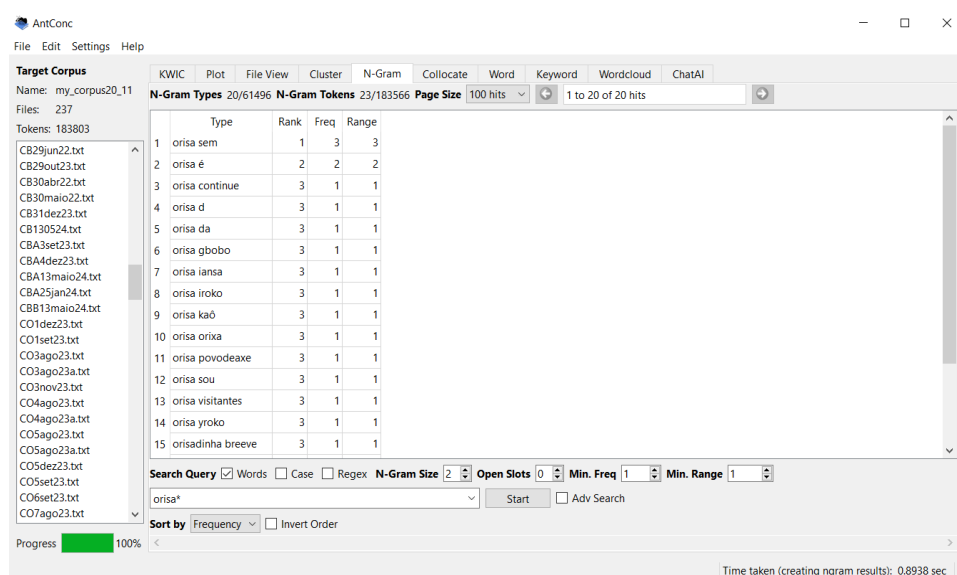
Essas expressões mostram que, em contextos de tradução ou estudos acadêmicos, não basta traduzir "ilé" literalmente como "casa". É importante considerar o significado cultural, simbólico e espiritual que ela carrega. No caso de "ilé Òṣùmàrè", por exemplo, estamos diante de uma metáfora cultural: a palavra transmite toda uma visão de mundo yorubá ou afro-religiosa, marcada por identidade, pertencimento e espiritualidade coletiva.

Assim sendo, "ilé" pode aparecer em muitos contextos, do cotidiano aos religiosos, e está fortemente associada a temas como espiritualidade, rituais e entidades. Sua conexão com Òṣùmàrè destaca a profundidade cultural e religiosa que essa palavra pode carregar.

4.4.7 Òrìṣà

De acordo com Beniste (2009), a palavra Òrìṣà é um substantivo que se refere a divindades representadas pelas energias da natureza, que podem agir como intermediárias entre Deus (Olorun) e as pessoas. Ao analisar as ocorrências de Òrìṣà utilizando o N-GRAM, considerando as variações "òrìṣá", "òrìṣà" e "orisa", observamos que as combinações mais frequentes incluem "Òrìṣà" seguido do nome de uma entidade específica, como em "Òrìṣà Èṣù". Isso sugere uma conexão com a religião afro-brasileira e a menção a entidades espirituais específicas.

Figura 23: Frequência da palavra Òrìṣà



Fonte: Captura do programa.

Além disso, outras combinações incluem "Òrìṣà dono", "Òrìṣà gbogbo" (que significa "todos" em yorubá), "Òrìṣà na" e "Òrìṣà ni", que podem estar relacionadas a contextos rituais ou culturais. A combinação "Òrìṣà saudamos" sugere um contexto de reverência ou saudação a essas entidades espirituais.

Esses resultados indicam que a palavra "Òrìṣà" é usada em contextos relacionados à religião afro-brasileira, especificamente ao Candomblé, e está associada a conceitos como reverência, ritual e entidades espirituais.

4.4.8 Òṣóòṣì

De acordo com Beniste (2009), a palavra Òṣóòṣì é um substantivo em yorubá que representa uma divindade de caçadores. Ao analisar as ocorrências de Òṣóòṣì utilizando o N-GRAM e o Collocate do programa AntConc, foram consideradas variações como "oxóssi", "oxosse" e "osossi". Os resultados mostraram que a palavra Òṣóòṣì está frequentemente associada à palavra "ode", que em yorubá significa "caçador", reforçando a ligação de Oxossi com a caça e a habilidade de caçador. Essa associação também foi observada em textos escritos exclusivamente em português, onde Òṣóòṣì é frequentemente associado à palavra "caçador", confirmando sua relação com a caça.

Essa constatação evidencia que, mesmo em ambientes digitais e em língua portuguesa, persiste a vinculação semântica entre a divindade e sua esfera simbólica original. Tal permanência sugere um esforço consciente dos praticantes e simpatizantes em preservar o sentido cultural e religioso do termo, em consonância com o que discutem Aixelá (1996) e Mulinacci (2021) sobre a não tradução de itens culturais específicos como estratégia de resistência simbólica.

Nesse sentido, entende-se que o uso de Òṣóòṣì nas redes sociais busca manter viva a referência à divindade yorubá, bem como atua como marcador identitário e instrumento de transmissão de saberes, alinhando-se à lógica de preservação linguística e cultural observada nos terreiros e transposta para o espaço digital.

4.4.8 Modúpé

Para Beniste (2009), a palavra Modúpé é uma combinação de duas palavras que vem do verbo "dúpé", que significa "agradecer" em yorubá. Assim, "Mo dúpé" significa "Eu agradeço". Em contextos específicos, a palavra "dúpé" é usada em expressões como "Olorun dúpé", que significa "Agradecer a Olorun" (Deus), mostrando uma conexão com entidades espirituais. No entanto, a forma "Modúpé" é mais comumente usada para expressar agradecimento pessoal, como em "Eu agradeço". Isso sugere que a palavra é

usada tanto em contextos religiosos quanto em situações cotidianas para expressar gratidão.

Do ponto de vista pragmático, entra aqui a noção de atuar-linguístico: dizer *Mo dúpé* numa situação ritual não é apenas descrever um estado interior de gratidão, mas realizar um gesto comunicativo que tem efeitos sociais e cosmológicos — agradecer numa perspectiva yorùbá implica reconhecer uma dívida, devolver força (*àṣẹ*) ou selar uma relação de reciprocidade com a divindade ou com o ancestral. Nesse sentido, a expressão assume um caráter performativo-fático que ultrapassa a equivalência meramente denotativa de “agradeço”. A presença de usos ligados a entidades espirituais (por exemplo, “Olorun dúpé”) demonstra essa força ritual da locução.

No ambiente das redes sociais, essa funcionalidade ritual é parcialmente transposta e reconfigurada. A observação do corpus (N-GRAM, collocate, KWIC no AntConc) indica que *Modúpé* aparece tanto em textos inteiramente em yorùbá quanto em enunciados mistos (português + yorùbá). Esse comportamento aponta para duas dinâmicas complementares: (a) preservação identitária: o emprego da forma original atua como selo de pertencimento e autenticidade; (b) recontextualização mediada: em espaços digitais, a expressão é usada como fechamento de post, saudação reverencial, ou marca de agradecimento coletiva, funcionando como enunciado de pertencimento comunitário e como elemento de liturgia textualizada. A evidência empírica no corpus sustenta a ideia de que a forma original circula com frequência e resistência a traduções redutoras.

Há ainda um aspecto de *indexicalidade sociolinguística*²²: a manutenção de *Modúpé* em suas grafias (quando possível) e variantes revela um registro socialmente identificável (*enregisterment*) (Agha, 2024); Ou seja, a palavra torna-se um signo socialmente reconhecido, que indexa não só gratidão, mas também filiação religiosa, autoridade ritual e legitimidade epistêmica. Em outras palavras, o léxico ritual atua como um “marcador de pertencimento” que, na esfera digital, sinaliza ao receptor: “este enunciador pertence a (ou respeita) uma tradição yorùbá/candomblecista”. Essa função identitária explica por que a forma original é preferida em postagens que reivindicam autenticidade ou que se dirigem a públicos iniciados.

4.4.9 *Omi*

A palavra *omi*, que significa “água” segundo Beniste (2009), aparece com frequência no corpus analisado, em parte porque faz parte dos nomes de instituições

²² Segundo Pontes (2009), este conceito da sociolinguística se refere à capacidade de certos elementos da linguagem (como palavras, expressões, sotaques, entonações, gestos, etc.) de indicar ou “apontar” para aspectos sociais e culturais do falante ou da situação comunicativa.

estudadas, como o Terreiro *Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê*. Isso revela como a água, além de elemento natural, é sagrada e central na prática do candomblé.

No contexto religioso, a água não é só essencial para a vida, mas também para o fortalecimento e desenvolvimento da espiritualidade. Nos rituais de purificação e proteção do terreiro, a água ganha um sentido simbólico profundo, ligado à vida, fertilidade e proteção.

Por isso, o termo *omi* ultrapassa sua tradução literal e se torna um elemento fundamental na construção da identidade cultural e religiosa do candomblé. Sua presença no corpus reflete essa importância simbólica, que reforça o sentimento de pertencimento e a continuidade das tradições dentro da comunidade.

4.4.9 Atótóo

Foi observada a tentativa de registrar a palavra *àtótó*, principalmente ligada ao orixá Obaluayê, em postagens feitas no mês de agosto, período marcado por pedidos para afastar doenças e a ameaça de morte (*iku*), que afetou muito os terreiros durante a pandemia.

A interjeição *àtótó* não indica um silêncio comum, mas um momento de introspecção e respeito à divindade evocada. Segundo Beniste (2009), *àtótó* significa “barulho” ou “queixa”, enquanto *atótóo* quer dizer “silêncio” — termos opostos que exigem cuidado no uso para não perder seu sentido cultural.

De uma perspectiva decolonial, essa oposição revela a riqueza dos idiomas originários e a complexidade dos sentidos que eles carregam. Respeitar essa diferença é fundamental para valorizar os saberes tradicionais e evitar a simplificação ou apagamento imposto por visões externas. Assim, compreender corretamente *àtótó* e *atótóo* é também um ato de reconhecimento e afirmação cultural das comunidades dos terreiros.

4.5 Manifestações por Instituição

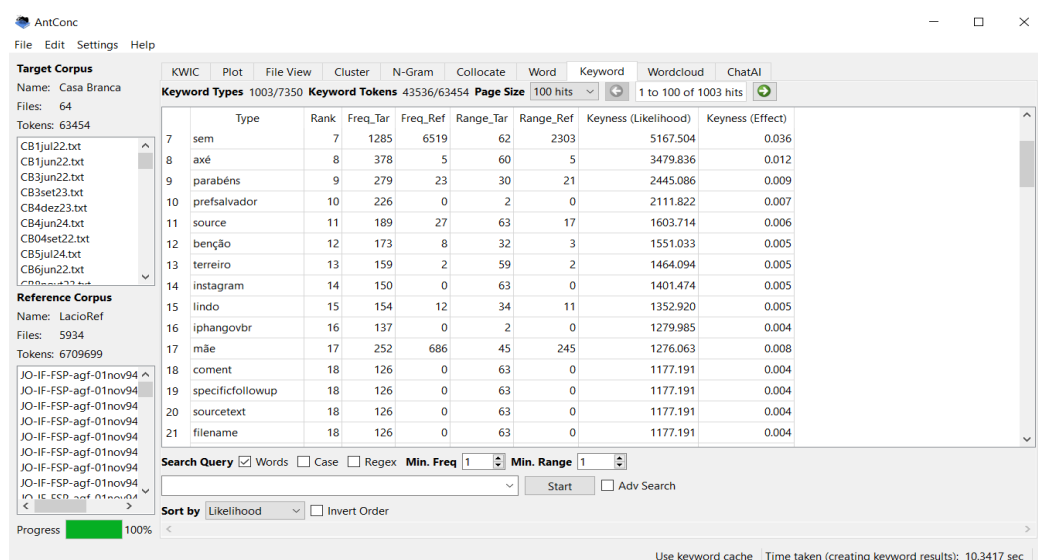
Dando continuidade à análise geral, voltamos o olhar para cada instituição individualmente. O objetivo é identificar padrões específicos de manifestações que possam se diferenciar do contexto geral. Assim como na análise anterior, as

publicações foram examinadas separadamente, distinguindo postagens de comentários.

4.5.1 Ilê Aşę Iyá Nassô Oka (Terreiro Casa Branca)

Os dados coletados demonstrados na figura a seguir referente a seção keyword, evidencia que a lista de palavras mais recorrentes apresenta um número elevado de termos em português. Veja-se a Figura 24.

Figura 24: Palavras recorrentes *Casa Branca*



The screenshot shows the AntConc software interface. The 'Target Corpus' is named 'Casa Branca' with 64 files and 63454 tokens. The 'Reference Corpus' is named 'LacioRef' with 5934 files and 6709699 tokens. The 'Keyword' tab is active, displaying a table of keyword results. The table has columns: Type, Rank, Freq_Tar, Freq_Ref, Range_Tar, Range_Ref, Keyness (Likelihood), and Keyness (Effect). The results are sorted by likelihood, with 'sem' having the highest likelihood (5167.504).

Type	Rank	Freq_Tar	Freq_Ref	Range_Tar	Range_Ref	Keyness (Likelihood)	Keyness (Effect)
7 sem	7	1285	6519	62	2303	5167.504	0.036
8 axé	8	378	5	60	5	3479.836	0.012
9 parabéns	9	279	23	30	21	2445.086	0.009
10 pref salvador	10	226	0	2	0	2111.822	0.007
11 source	11	189	27	63	17	1603.714	0.006
12 benção	12	173	8	32	3	1551.033	0.005
13 terreiro	13	159	2	59	2	1464.094	0.005
14 instagram	14	150	0	63	0	1401.474	0.005
15 lindo	15	154	12	34	11	1352.920	0.005
16 iphangovbr	16	137	0	2	0	1279.985	0.004
17 mãe	17	252	686	45	245	1276.063	0.008
18 coment	18	126	0	63	0	1177.191	0.004
19 specificfollowup	18	126	0	63	0	1177.191	0.004
20 sourcetext	18	126	0	63	0	1177.191	0.004
21 filename	18	126	0	63	0	1177.191	0.004

Fonte: Elaboração própria.

A análise das palavras emparelhadas (bigramas) e sequências de três palavras (trigramas) nas postagens da página do Terreiro Casa Branca revela uma mistura de português e yorubá.

Embora a maioria das expressões seja em português, há momentos em que termos em yorubá são usados, como "a baba mi", "a ekedysinha me", "a família funfun" e "a mitologia yorubá".

A palavra "ekedysinha" mostra como a linguagem pode ser uma forma de respeito e valorização. "Ekedy", no candomblé, é uma mulher que cuida do terreiro, alguém de confiança. Já o termo "sinhá", que vem da palavra "senhora", carrega a ideia de autoridade e respeito. Quando essas duas palavras se juntam, elas ajudam a construir um sentido de pertencimento e reconhecimento. É como se disséssemos que essa mulher negra é, sim, uma senhora, com saber, força e dignidade. Ao

usarmos essa forma, reafirmamos a importância da ancestralidade, dando o devido valor à história e à presença dessas mulheres.

Essa mistura de línguas pode ser vista como uma forma de mediação e negociação entre diferentes códigos simbólicos. O uso predominante do português sugere uma tentativa de se comunicar com um público mais amplo, enquanto a presença pontual de termos em yorubá é uma estratégia de marcação identitária e resistência simbólica.

A tradução cultural aqui não é apenas uma questão de converter palavras, mas sim uma prática insurgente que inscreve sentidos afro-religiosos em um espaço público e político. O terreiro negocia continuamente a preservação de códigos ancestrais com as exigências de inteligibilidade de um espaço digital majoritariamente lusófono.

Os termos em yorubá funcionam como chaves culturais, produzindo zonas de tradução que ampliam os horizontes de leitura e promovem o reconhecimento das epistemologias afro-brasileiras em ambientes de visibilidade pública. Essa prática é uma forma de insurgência epistêmica, que inscreve saberes e narrativas ancestrais em um campo discursivo que historicamente os marginalizou.

4.5.2 Ilé Ìyá Omi Àṣẹ̀ Ìyámase (Terreiro do Gantois)

Os dados coletados, apresentados na Figura 25 a seguir referente à seção *Keyword*, mostram que a lista de palavras mais recorrentes contém um número significativo de termos em português.

Figura 25: Palavras recorrentes Terreiro do Gantois

Rank	Type	Freq_Tar	Freq_Ref	Range_Tar	Range_Ref	Keyness (Likelihood)	Keyness (Effect)
35	iyá	102	0	58	0	1047.981	0.005
36	post	116	31	58	20	1040.780	0.006
37	name	116	32	58	18	1037.704	0.006
38	sentimentos	137	169	5	104	988.836	0.007
39	meus	160	396	23	206	981.419	0.008
40	linda	106	20	37	18	979.059	0.005
41	amor	160	435	32	197	956.455	0.008
42	asé	93	0	33	0	955.491	0.005
43	àṣẹ̀	92	0	58	0	945.215	0.005
44	generaldomain	88	0	58	0	904.109	0.004
45	paz	144	359	23	175	881.493	0.007
46	pubplace	81	0	58	0	832.177	0.004
47	benção	84	8	27	3	808.738	0.004
48	candomblé	83	8	58	6	798.646	0.004
49	lindo	83	12	36	11	780.799	0.004

Fonte: Captura do programa.

No corpus específico do perfil do Terreiro do Gantois, destacam-se palavras como asé, àşę, iyá e mojuba. As formas asé e àşę aparecem, como em outras casas, sempre com o intuito de desejar sorte ou força espiritual. Já iyá, que significa “mãe”, surge frequentemente associada a mojuba, reforçando vínculos afetivos e rituais.

A análise das ocorrências de mojuba no AntiConc, utilizando a opção N-GRAM, mostra que o termo aparece em várias combinações, sobretudo ligado a expressões que remetem à figura materna, como iya mi, iyami, iyá, yami e yá. Em quatro casos, mojuba aparece isoladamente, funcionando como saudação autônoma ou como abertura de uma frase. Em duas ocorrências, surge como mojuba iya, associação direta à “mãe” (iyá), reforçando seu caráter reverencial. Há ainda dois casos de mojuba sem, provavelmente, ruídos do corpus ou fragmentos incompletos. Outras combinações, registradas apenas uma vez, incluem mojuba felicidades, mojuba grande, mojuba iyami, mojuba iyá, mojuba nossa, mojuba yami e mojuba yá. Essas variações mostram diferenças de grafia, como iyami, iyá, yami e yá, que podem refletir adaptações ao português ou escolhas pessoais de escrita. Além disso, expressões como mojuba nossa e mojuba felicidades revelam o uso de mojuba em frases em português, indicando mistura de códigos linguísticos e ampliando seu alcance para além do contexto estritamente ritual.

No corpus, a palavra mojúbà mantém um sentido próximo ao original, que pode ser traduzido como “presto minhas reverências”, “faço minhas saudações respeitadas” ou “homenagem”. É usada com frequência no início de saudações rituais, especialmente em contextos religiosos como o candomblé e a umbanda, mas também pode aparecer em situações afetivas e de respeito fora do ritual.

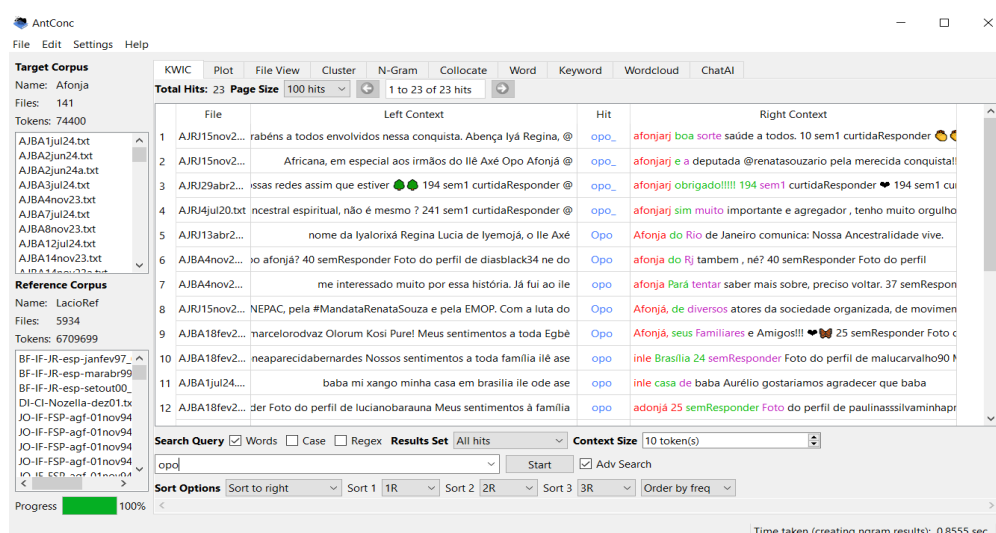
Essa interpretação se confirma quando observamos os exemplos na função KWIC do AntiConc. No trecho “Mojuba Iya mi! E ku Ojo Ibi! Vida longa com saúde!”, mojuba inicia uma saudação direta, reverencial e festiva, seguida de um desejo ritual — é um uso claramente performativo, no qual o falante presta reverência naquele momento. Já na frase “Nossa maior inspiração e referência mojuba iya mi”, o termo aparece mais integrado ao português, funcionando como substantivo e significando “homenagem” ou “referência reverencial”. Aqui, não se trata do ato de saudar, mas de mencionar o respeito prestado. Nesse sentido, mojúbà configura-se como um culturema, pois carrega um significado inseparável de seu contexto cultural e

religioso de origem, funcionando não apenas como elemento lexical, mas como marcador de práticas, valores e identidades que não encontram equivalência direta fora desse universo simbólico.

4.5.3 Ilê Axé Opô Afonjá

Ao analisar os pares de palavras (bigramas) e sequências de três palavras (trigramas) na página do Ilê Axé Opô Afonjá, dá pra ver uma mistura criativa entre o português e o yorubá. Expressões como "Opô Afonjá", "Ilê Axé" e "Axé Opô" aparecem sem tradução, o que mostra uma escolha consciente de manter viva a tradição e a espiritualidade afro-brasileira.

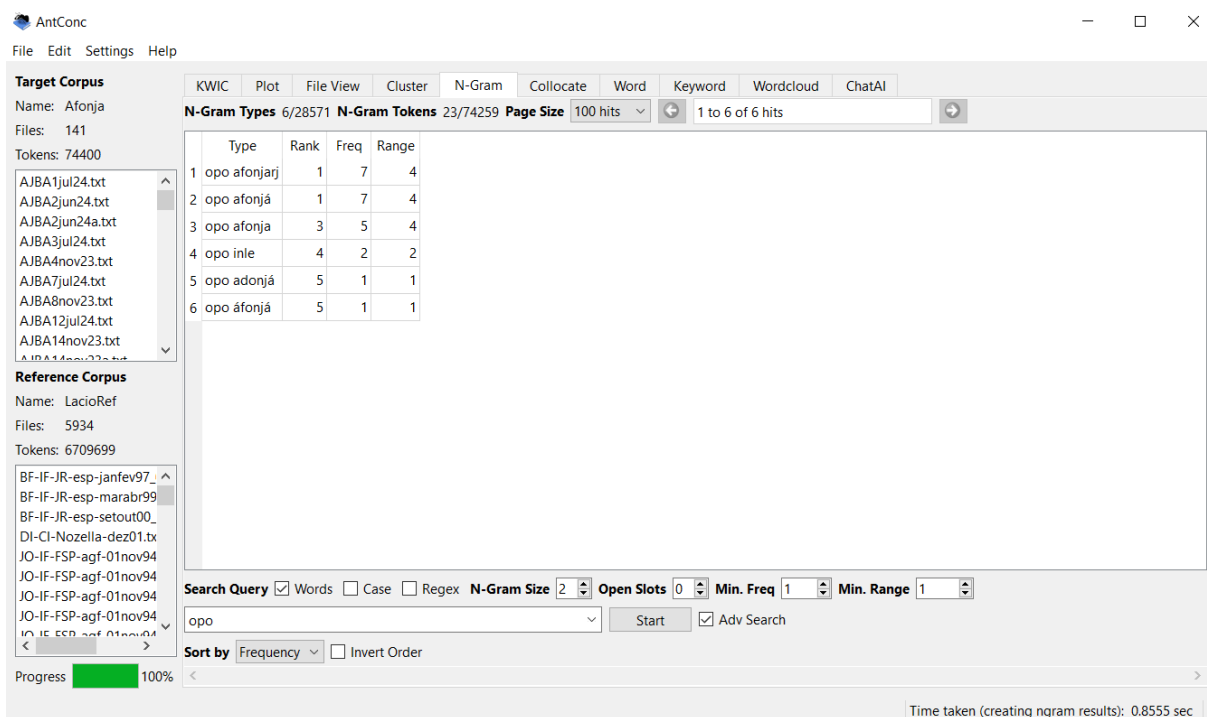
Figura 26: Frequência palavras *Opô Afonjá*



Fonte: Captura do programa.

Essa escolha é especial porque os nomes têm significados profundos: a) *Opô* quer dizer poste ou pilar, algo que sustenta, que dá base; e b) *Afonjá* é o nome ou qualidade de um guerreiro yorubá, líder da região de Ilorin, e está ligado às qualidades do orixá Sàngó, como força, justiça e liderança.

Figura 27: Ocorrências palavras com Opo



Fonte: Captura do programa

Então, quando o terreiro usa o nome *Opô Afonjá*, ele está dizendo muito mais do que parece. Está falando de resistência, de memória ancestral, e de uma base firme que sustenta a fé e a cultura.

Manter essas palavras em yorubá, sem traduzir, é uma forma de mostrar que as duas línguas, português e yorubá, podem conviver juntas, cada uma com sua força. É uma maneira de afirmar a identidade, sem abrir mão da origem.

Essa análise mostra que os padrões de linguagem revelam também sentimento de pertencimento, respeito à ancestralidade e orgulho cultural. É uma linguagem que carrega história, espiritualidade, resistência e fusão cultural.

Expressões como "a toda egbè", "a consciência ori", "a família afonjá" e "a senhora agba" demonstram que os termos em yorubá são usados conscientemente para preservar seu significado original e reforçar a cosmologia afro-religiosa. Isso é um ato de resistência simbólica e epistemológica, que desafia a língua dominante (português) e afirma outras formas de conhecer e sentir o mundo.

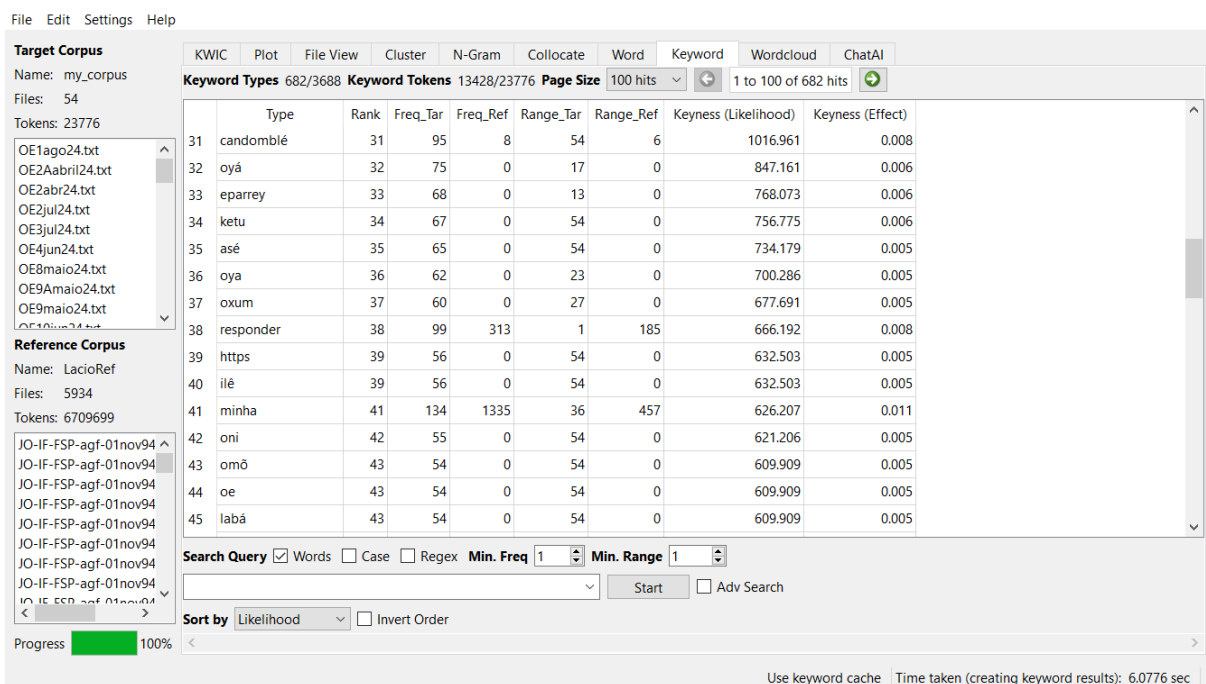
A tradução cultural aqui não busca equivalência, mas sim insurgência, deslocando os centros de referência simbólica e afirmando pertencimentos e diversidade. O uso de fórmulas como "a receba com...", "a senhora minha..." e "a

sua ancestralidade" mostra reverência e culto, e reposiciona o discurso religioso afro-brasileiro como um campo legítimo de produção de sentidos.

4.5.4 Ilê Asé Omô Oni Labá

Conforme mostra a figura com a keyword, a lista de palavras mais recorrentes apresenta um número elevado de termos em português. Diante disso, para aprofundar a análise, optou-se por buscar expressões compostas, ou seja, grupos de duas ou três palavras que apareciam juntas com mais frequência. Essa escolha permitiu identificar melhor como os termos yorubás estão sendo usados em combinação com o português, revelando sentidos mais complexos do que os que apareceriam isoladamente.

Figura 28: Frequência palavras em Ilê Asé Omô Oni Labá



Fonte: Captura do programa.

A análise das palavras emparelhadas e dos trigramas na página do Ilê Asé Omô Oni Labá revela uma convivência viva entre o português e o yorubá. Expressões como “a iyágba” e “a baba” mostram como termos de origem africana são incorporados à língua portuguesa com força simbólica e afetiva. Mais do que nomes ou títulos, essas palavras carregam respeito, ancestralidade e uma história de resistência. Usá-las é reconhecer o valor de figuras centrais nos terreiros, como

as mulheres mais velhas e os pais de santo, reafirmando sua importância dentro de uma tradição ancestral.

Essas expressões funcionam como ferramentas da língua e também do desejo. Desejo de lembrar, de afirmar a origem e de valorizar a cultura negra. Em vez de traduzir tudo para o padrão, essa escolha mantém viva a conexão com os saberes africanos e mostra que a linguagem pode ser, sim, um território de luta e de memória.

Ao dar visibilidade a esses termos, reafirma-se que a língua é também política, identidade e afeto. A luta antirracista passa, muitas vezes, por essas escolhas cotidianas, em que as palavras se tornam espaços de resistência, cura e afirmação. Falar é existir, e escolher como falar é um gesto potente de pertencimento.

Essa convivência entre línguas pode ser entendida como uma forma de tradução cultural. Não se trata de buscar equivalências literais, mas de criar sentidos múltiplos a partir de experiências situadas. A análise dos trigramas revela fragmentos como “a baba mi”, “a iyágba do” e “a ekedysinha me”, que combinam termos yorubás com estruturas do português, gerando um entrelaçamento simbólico que carrega espiritualidade, identidade e ancestralidade.

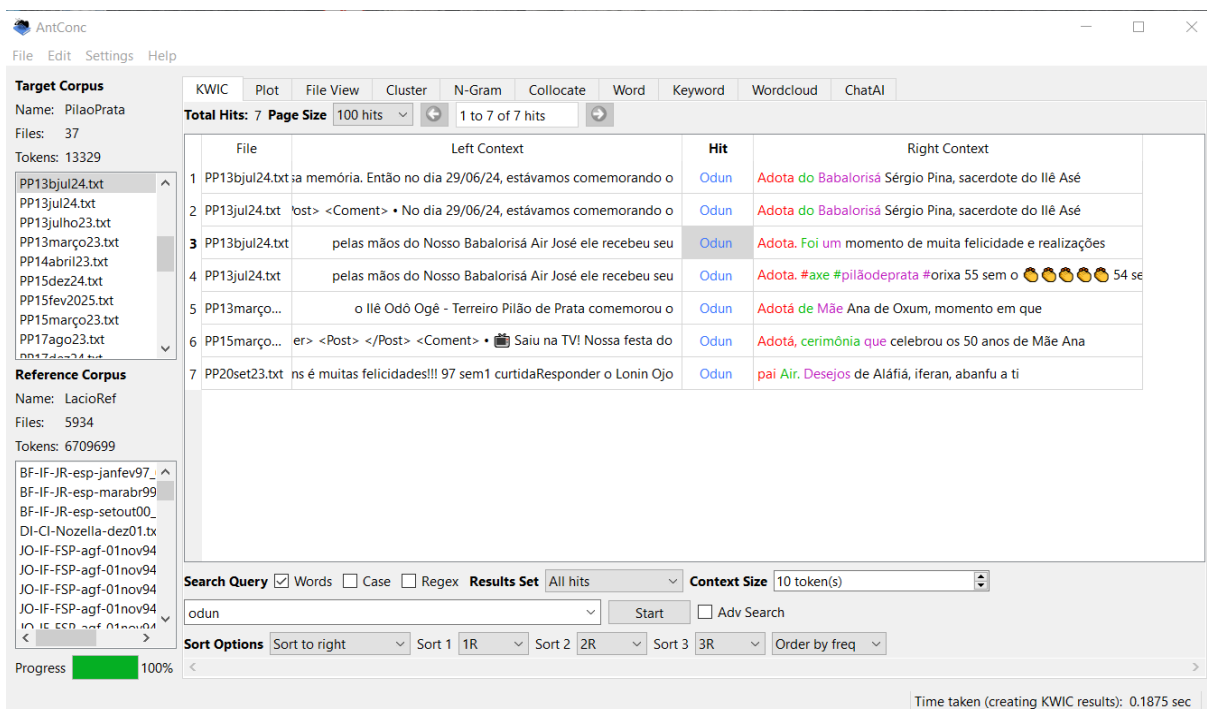
Essas expressões atuam como marcadores discursivos que articulam sentidos plurais, revelando uma vivência cultural marcada pela continuidade histórica, pela força da comunidade e pela resistência frente às tentativas de apagamento. Nesse processo, a língua torna-se prática de cuidado, memória e reexistência no contexto afro-yorubano.

4.5.5 *Ilê Odô Ogê* (Terreiro Pilão de Prata)

Os dados relacionados ao *Ilê Odô Ogê*, também conhecido como Terreiro Pilão de Prata, revelam a presença de culturemas, elementos culturais expressos na linguagem, semelhantes aos encontrados em outros perfis, como os termos axé / asé / àsè / àşẹ.

No entanto, o baixo número de interações da comunidade com o perfil da instituição, especialmente por meio de comentários, limita uma análise mais aprofundada sobre o uso da terminologia yorubá. A seguir, veja-se a Figura 29.

Figura 29: Frequência de palavras em Terreiro Pilão de Prata



Fonte: Captura do programa.

Ainda assim, destacamos o vocábulo *odun*, que aparece em contextos significativos. Embora seu significado literal em yorubá seja "ano" ou "ciclo", nas postagens analisadas ele vai além disso: *odun* está associado a celebrações importantes nos terreiros, marcando os anos de dedicação ao culto dos orixás.

Esse termo está diretamente ligado a rituais de passagem e datas comemorativas nas religiões afro-brasileiras. Seu uso frequente e respeitoso demonstra o valor simbólico que carrega. Além disso, aparece em registros escritos que ajudam a preservar a memória coletiva e a tradição espiritual dessas comunidades.

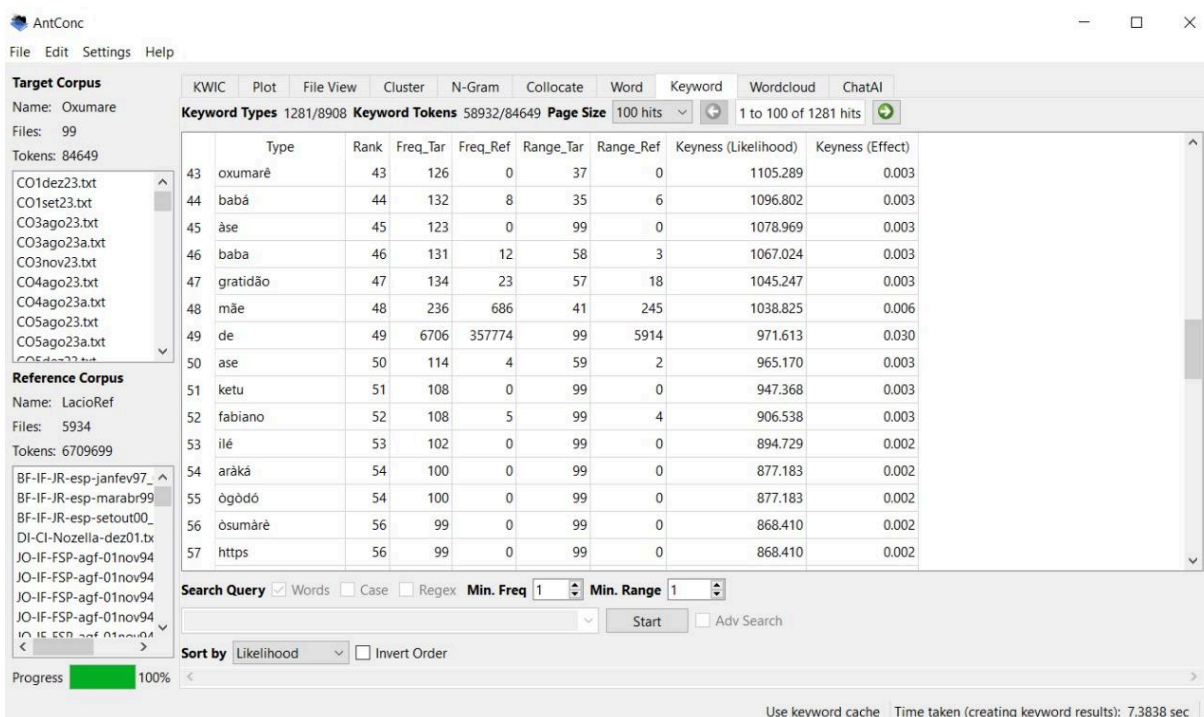
4.5.6 Ilê Òsumàrè Aràká Àsẹ̀ Ògòdó (Casa de Oxumarê)

Os dados relacionados ao Ilê Òsumàrè Aràká Àsẹ̀ Ògòdó, também conhecido como Casa de Oxumarê, totalizam 84.649 tokens. Ao desmembrar esses dados, foram identificadas as seguintes ocorrências na lista de palavras.

Na análise das lexias presentes nas postagens da Casa de Oxumarê, a palavra yorùbá àsẹ apresenta alta frequência no corpus, sempre grafada corretamente no idioma yorùbá.

Aparece no corpus acompanhadas a direita de *kábíyèsì* e *òrìṣà*, como em *àṣẹ kábíyèsì* e *àṣẹ òrìṣà* que expressa o uso recorrente em saudações e exaltações típicas do *candomblé*, evidenciando sua função central na construção discursiva ritualística e sua relevância cultural no contexto analisado.

Figura 30: Frequência palavras em Casa de Oxumarê



Fonte: Captura do programa.

Como também a esquerda de expressões formadas com <motumbá> e <motumbasé>, como em *àṣẹ motumbá* e *àṣẹ motumbasé*, que em cerimônias ritualísticas demonstram nas relações interpessoais o respeito entre os praticantes da religião.

Construções com prolongamentos vocálicos, como *àṣẹ ooo*, *àṣẹ oo* e *àṣẹ óó*, revelam o uso da linguagem como recurso de intensificação e ênfase, sobretudo em contextos de celebração ou afirmação espiritual. Essa variação fonética não é acidental: trata-se de uma estratégia performativa que amplia o efeito expressivo e reforça a dimensão comunitária do ato de fala.

Lexias compostas menos frequentes, como *àṣẹ iyá* e *àṣẹ òrìṣà*, aparecem vinculadas a momentos discursivos específicos, frequentemente acompanhadas de traduções ou paráfrases que situam o leitor quanto ao seu significado. Sua

ocorrência restrita sugere que são acionadas em situações cerimoniais particulares, mantendo forte carga simbólica e afetiva.

De modo geral, o conjunto das lexias yorubás identificadas apresenta baixa uniformidade de distribuição, mas alta densidade cultural. Termos como *Òsùmàrè* e expressões como *Kosí Ewe*, *Kosí Òrìṣà* revelam a centralidade da conexão com o divino e com elementos da natureza, reiterando a cosmovisão presente nas práticas religiosas. Essa densidade cultural torna o tratamento tradutório dessas unidades particularmente desafiador, pois elas condensam significados espirituais, sociais e históricos que não encontram equivalência direta em outras línguas.

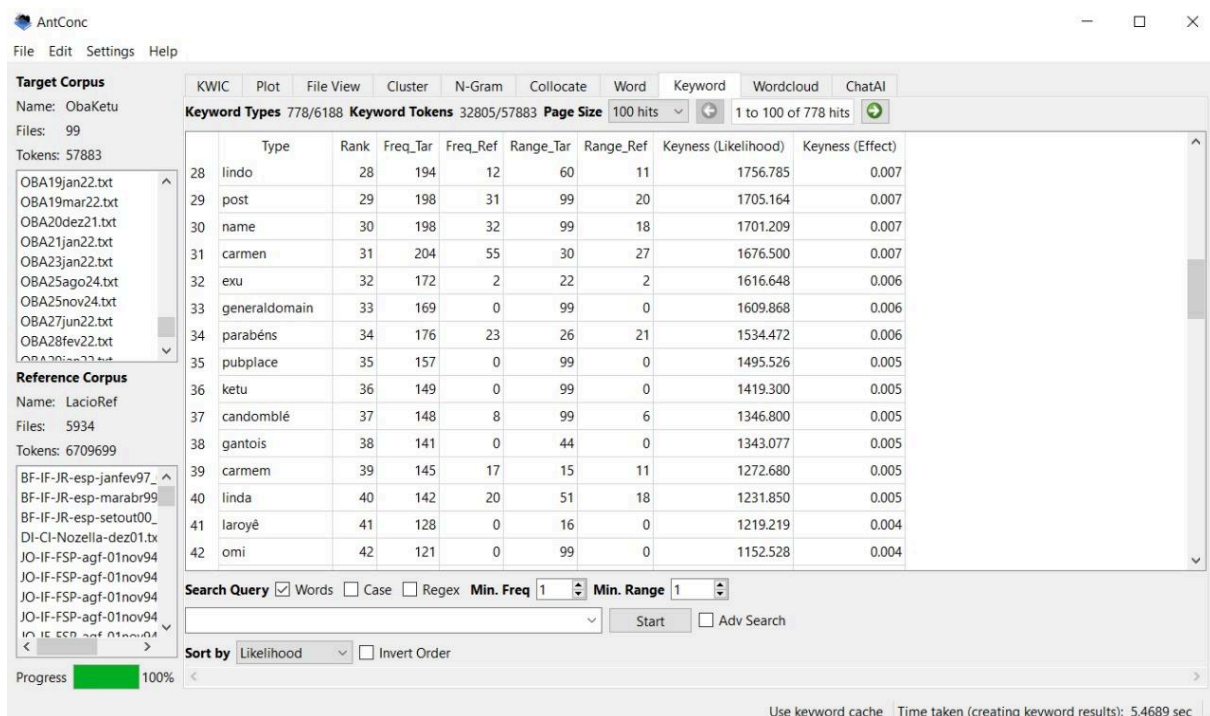
Nos comentários, as variantes gráficas de *àṣẹ* (*àséé*, *àsé*, *àsè*, *àse*) aparecem acompanhadas de outras lexias que igualmente funcionam como culturemas, como *àgbá*, *ègbé*, *òkè*, além de nomes de orixás (*Òsùmàrè*, *Ọya*, *Şàngó*, *Ògún*, *Èṣù*, *Èrò*, *Yemanjá*). Nesse espaço interativo, essas palavras não apenas identificam divindades ou conceitos, mas também operam como marcadores de pertencimento, ativando uma rede de significados partilhados que articula fé, identidade e memória coletiva.

Assim, no corpus analisado, cada ocorrência dessas expressões yorubás cumpre uma função que transcende a comunicação literal, consolidando-as como culturemas centrais para

4.5.7 *Ilé Obá Ketu Axé Omi Nlá*

No corpus do *Ilé Obá Ketu Àṣẹ Òmi Nlá*, que totaliza 57.883 tokens, os primeiros termos em yorubá identificados na lista Keyword do AntiConc incluem lexias como *àṣẹ*, *àsẹ*, *Èṣù*, *Kétu*, *Laròyè*, *òmi*, *iyá*, *Òkè* e *bàbá*. Veja a seguir a frequência na Figura 31.

Figura 31: Frequencia em Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá



Fonte: Captura do programa.

Começando por bàbá, termo yorubá que significa “pai” e que também é usado como forma reduzida de babalórìṣà, observa-se que aparece frequentemente como saudação ao òrìṣà Obàtálá. Essa função é claramente marcada no corpus pela recorrente associação com Èpà ou Èpé, formando o bigrama Èpà Bàbá, uma expressão ritual típica do candomblé para reverenciar Obàtálá. Aqui temos um claro exemplo de culturema: a expressão não é apenas uma palavra, mas um marcador cultural e religioso que só faz sentido pleno dentro desse contexto. Além disso, como o atual líder religioso da casa é homem, é provável que parte dessas ocorrências também se refira diretamente a ele, reforçando o caráter de proximidade e respeito.

O termo Òkè também aparece com frequência e, nesse caso, está ligado ao òrìṣà Òṣóòsi, patrono da casa. Trata-se de uma saudação ritual que identifica e reafirma a identidade religiosa do grupo, funcionando como um marcador simbólico de pertencimento.

Já o òrìṣà Èṣù (grafado também como exu em adaptações ao português) surge em comentários que o reconhecem como responsável por abrir caminhos e criar oportunidades, quase sempre acompanhado de sua saudação típica, Laròyè. Aqui novamente vemos o valor cultural do termo: Laròyè Èṣù não é só uma frase, mas um ato performativo que evoca proteção, comunicação e movimento.

Nesse conjunto de exemplos, cada lexia em yorubá funciona como culturema, pois carrega significados inseparáveis da prática religiosa, transmitindo identidades, crenças e modos de expressão que não encontram tradução direta fora do universo simbólico do candomblé.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS DECOLONIAIS

Estudar a tradução no binômio português-yorubá é, antes de tudo, deparar-se com os desafios de uma prática tradutória que busca respeitar e preservar a integridade das línguas e culturas envolvidas. Ao longo deste trabalho, refletimos qual seria, de fato, o objeto da tradução quando lidamos com línguas atravessadas pela experiência da diáspora, do colonialismo e da resistência. Fica evidente que, mais do que um exercício linguístico, traduzir, nesse contexto, torna-se um ato político, de afirmação identitária e de resgate cultural.

A proposta deste estudo não se restringe a fornecer orientações técnicas para tradutores, mas também busca valorizar e preservar os traços da cultura que a língua carrega. Ao colocar a tradição cultural como lente central na prática tradutória, encontramos não apenas abrigo e fortalecimento, mas também um caminho de reconstrução simbólica, que se opõe às práticas coloniais e reafirma nosso pertencimento às nossas origens ancestrais.

A análise dos léxicos revela que a tradução cultural é uma prática ativa, profunda e ética, em que termos yorubás são incorporados não como empréstimos linguísticos banais, mas como expressões plenas de espiritualidade, identidade e resistência. Essa prática não é resultado apenas de um hibridismo linguístico, muito menos de uma mestiçagem sem direção, mas de um movimento consciente de afirmação de nossas raízes. A tradução, quando feita a partir das epistemologias afro-diaspóricas, torna-se um instrumento político e espiritual que carrega em si os rastros da nossa memória coletiva.

Termos como *iyalorixá*, que aparecem no corpus de formas variadas — *iyá*, *ya* ou mesmo traduzido por "mãe de santo" —, revelam uma dinâmica tradutória que vai além da simples equivalência entre palavras. Trata-se de buscar sentido, presença e conexão ancestral. Em contextos afro-religiosos, *iyá* carrega um peso simbólico que ultrapassa a ideia de maternagem: é também autoridade espiritual, continuidade do *axé*, sustentação do terreiro e da comunidade.

A presença recorrente da palavra "mãe", tanto nas entidades divinas como *Yemanjá* quanto nas lideranças religiosas femininas, revela o papel central do feminino sagrado na cosmovisão de matriz africana. É esse feminino que estrutura, acolhe e conduz, porém, não só espiritualmente, mas também simbolicamente e politicamente.

Se por um lado vemos a preocupação com a tradução adequada da palavra — que aparece com grafias distintas e, em alguns casos, com sentidos diferentes (como *iyà*, que em yorubá significa “sofrimento”) —, por outro, percebemos que o apego à palavra “mãe” também atua como uma contra-narrativa potente frente à lógica patriarcal dominante na sociedade brasileira. Nos terreiros, o poder feminino resiste, floresce e se reinventa.

Por isso, traduzir *iyalorixá* sem considerar essas camadas é reduzir sua força. Não é apenas uma função ou um título religioso: é a expressão viva de um legado ancestral, de um cuidado que é também poder, de um saber que se transmite de corpo a corpo, de geração em geração.

A relevância desse processo fica ainda mais evidente quando olhamos para o contexto em que a pesquisa foi realizada: o período da pandemia de Covid-19. Grande parte da população dos terreiros é composta por pessoas mais velhas — nossos mais velhos, nossos guardiões do saber. A perda de tantas vidas durante esse período foi sentida como uma dor profunda, não apenas pela ausência física, mas pelo risco de desaparecimento de memórias, histórias e tradições orais que essas pessoas carregavam. Nesse contexto, uma expressão yorubá chamou a atenção por sua recorrência nos perfis analisados: “*Olorun kò sí púrè*”.

Essa expressão, que pode ser entendida como “Deus o tenha” quando dita em rituais fúnebres, reflete um tipo de resistência silenciosa, uma herança cristianizada dentro da língua yorubá, mas ressignificada no cotidiano dos terreiros. Ela mostra como a língua se adapta, abriga o luto, mas também afirma a continuidade da fé. Mesmo que na tradição yorubá a morte não seja vista como fim, no Brasil afro-diaspórico esse cruzamento de sentidos revela como nossa espiritualidade aprendeu a se mover entre mundos. E é nesse ponto que a língua se torna território de resistência e de sobrevivência simbólica. Quando dizemos “*Olorun kò sí púrè*”, deixamos um rastro de dor, mas também de fé. Um vestígio de que estivemos aqui, de que resistimos.

Como destacamos que ao falar da resistência nos contextos afro-brasileiros, ela não se dá apenas nos grandes atos ou manifestações públicas. Ela se dá também nos gestos simples, nas palavras que escolhemos preservar, nas formas como nos despedimos de nossos mortos, nas traduções que fazemos para manter vivas nossas referências. Nesse sentido, a tradução cultural é, também, uma forma de luto e de continuidade.

Portanto, este trabalho reafirma que traduzir, quando pensamos a partir das epistemologias afrocentradas, não é converter uma palavra em outra, mas sim negociar sentidos, ativar memórias e recuperar histórias que muitas vezes foram silenciadas. É um ato de respeito, de presença e de reencantamento do mundo. Traduzir "iyalorixá" ou "Olorun kò sí púrè" exige mais do que competência linguística: exige escuta, sensibilidade e um profundo entendimento dos contextos espirituais e culturais que moldam essas expressões.

Nessa perspectiva, o trabalho de tradução não é mero hibridismo, mas uma prática de cuidado com a integridade das culturas envolvidas. É resistência. É cura. É a afirmação de que temos, sim, um lugar no mundo, um lugar que foi construído à força, mas que hoje também é ocupado com axé, com dignidade e com palavra. Este trabalho buscou compreender, sob a ótica dos Estudos da Tradução e de uma perspectiva decolonial, como as palavras em yorubá, especialmente no contexto do Candomblé, são usadas, adaptadas e traduzidas nas redes sociais, e de que forma esse uso contribui para a preservação, adaptação e difusão de seus sentidos culturais originais.

Nas redes sociais, as palavras em yorubá circulam de três formas principais. Primeiro, elas são preservadas, mantendo a escrita original para fortalecer a identidade e a ligação com a cultura. Muitas vezes, opte por não traduzir essas palavras com justiça para preservar seu sentido profundo e seu papel como culturemas — elementos culturais que carregam histórias, valores e modos únicos de ver o mundo. Depois, passam por uma adaptação, com mudanças na escrita ou simplificações para se encaixar melhor no jeito rápido e prático de usar a internet. Por fim, há a tradução cultural, quando essas palavras são explicadas ou traduzidas para o português, buscando manter ao máximo seu significado e todo o contexto que carregam.

Esses três caminhos ajudam as palavras a sobreviver, se espalhar e continuar vivas, garantindo que a língua e a cultura sigam presentes e valorizadas também no ambiente digital. Sob a ótica decolonial, constatou-se que a circulação dessas palavras no espaço virtual é também um ato de resistência, pois desloca o centro epistêmico e afirma cosmologias historicamente marginalizadas. Ao recusar a tradução total ou a substituições por equivalentes ocidentais, a comunidade reafirma o direito de existir em seus próprios termos, preservando a intraduzibilidade como valor político e cultural.

Assim, este estudo não se encerra como um ponto final, mas como um caminho de retorno à comunidade que o inspirou. Ele convida futuras pesquisas a aprofundar a análise de culturemas e de estratégias tradutórias que respeitem o sentido original e sua riqueza simbólica, ajudando a transformar o espaço digital em território de afirmação, e não de diluição cultural. Sempre que possível, e se as instituições assim o permitirem, que a tradução também seja estudada dentro do contexto do culto sagrado e de suas práticas, investigando não apenas o culturema em si, mas também como o ato tradutório se constrói na mente e na vivência do fiel ao culto de herança yoruba. Mais que concluir, este texto busca abrir veredas para o fortalecimento de práticas tradutórias comprometidas com a preservação da memória e da cosmovisão yorùbá.

Este trabalho abre caminhos para novas investigações sobre a presença da língua yorùbá em ambientes digitais. Estudos futuros podem explorar como a oralidade é recriada em vídeos, podcasts e transmissões ao vivo, bem como o papel dos algoritmos na visibilidade de conteúdos em línguas africanas. Também é possível aprofundar a análise da presença do yorùbá em contextos educativos, inter-religiosos e intercomunitários, além de investigar a relação entre tradução, performance e corporeidade nas práticas do Candomblé online. Acreditamos que seguir investigando essas práticas é essencial para fortalecer a memória, a resistência e a pluralidade das vozes afro-diaspóricas no Brasil e no mundo.

Sabemos, no entanto, que muitos desafios ainda nos esperam. Nem sempre é fácil perceber o que deve ou não ser traduzido, ou como manter o equilíbrio entre fidelidade cultural e compreensão do leitor. Por isso, precisamos continuar refletindo sobre o que carregamos ao traduzir. Devemos pensar com cuidado sobre os sentidos que preservamos e os que corremos o risco de apagar. A tradução, nesse caso, não é apenas uma escolha de palavras: é um posicionamento diante do mundo. Ao seguir por esse caminho, reafirmamos nosso compromisso com uma prática tradutória ética, sensível e aberta à pluralidade de vozes que atravessam a história da língua e da cultura yorubá.

É justamente nesse contexto que a não tradução surge como uma estratégia de resistência e preservação de sentidos. Manter certos termos em sua forma original não é apenas uma escolha linguística, mas um gesto político e cultural. Em muitos casos, esses termos ocupam um lugar simbólico importante no imaginário

coletivo, especialmente quando se referem a práticas, crenças ou elementos de uma cultura historicamente marginalizada.

Optar por não traduzir pode significar respeitar e proteger a unicidade de palavras que carregam histórias, espiritualidades e modos próprios de ver o mundo. Essa prática evita o apagamento, promove o reconhecimento da diversidade cultural e ainda pode possibilitar novas ressignificações. Ao adotar essa postura, os estudos da tradução contribuem para valorizar o legado de culturas milenares que seguem vivas e resistentes.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AIXELÁ, Javier Franco. *Culture-specific items in translation*. In: ÁLVAREZ, Román; VIDAL, M. Carmen África (Ed.). *Translation, power, subversion*. Clevedon: Multilingual Matters, 1996. p. 52–78.

AGHA, Asif. Enregisterment. In: *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. 2024.

ALUÍSIO, Sandra M. et al. *The Lácio-Web: Corpora and Tools to Advance Brazilian Portuguese Language Investigations and Computational Linguistic Tools*. In: LREC. 2004.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bortman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTHONY, Laurence. AntConc (Windows, Macintosh OS X e Linux). Recuperado de: http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software/README_AntConc3, v. 2, 2011

ASIWAJU, Anthony Ijaola. *Daomé, país ioruba, Borgu (Borgou) e Benin no século XIX*. História geral da África, VI: África do século XIX à década de, p. 813-841, 1880.

AWOBULUYI, Oladele. *Essentials of Yoruba grammar*. 1978.

BAKER, Mona. *Corpora in translation studies: An overview and some suggestions for future research*. Target. International Journal of Translation Studies, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai Antonio et al. *O Novum e os padrões preferenciais nas traduções de Speaker for the dead de Orson Scott Card: um estudo baseado em corpus*. 2012.

BASSNETT, Susan. *Why did Translation Studies take a cultural turn?* In: *Translation Studies*. 3. ed. Abingdon; New York: Routledge, 2014. p. 3-17.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia (rito nagô)*. Brasileira, 1961.

BERNERS-LEE, T., & **FISCHETTI**, M. (2000). *Weaving the Web: The Original Design and Ultimate Destiny of the World Wide Web by Its Inventor*. Harper San Francisco.

BENISTE, José. *As águas de Oxalá:(àwon omi Óṣàlá)*. Bertrand Brasil, 2006.

BENISTE, José. *Dicionário português-yorùbá*. Bertrand Brasil, 2021.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Lúcia Lippi Oliveira. 5ª edição – Campinas, SP. Pontes Editores, 2005.

BOAVENTURA, Josuel dos Santos. *Negritude e experiência de Deus*. Porto Alegre, 2007.

BULVAR, Z. *As religiões da África: Tradicionais e sincréticas*. Moscovo-URSS: Edições Progresso, 1987.

BURKE, Peter. *Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna*. A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora da UNESP, p. 13-45, 2009.

CARRASCOSA, Denise. *Pós-colonialidade, pós-escravismo, bioficção e con (tra) temporaneidade*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 105-124, 2014.

CARRASCOSA, Denise. *Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas*. Cadernos de literatura em tradução, n. 16, p. 63-72, 2016.

CAPONE, Stefania. *A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil*. 2ª rev. e ampl. Tradução de Procópio Abreu e Rogério Athayde. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.

CAPUTO, Stela Guedes. *Aprendendo yorubá nas redes educativas dos terreiros: história, culturas africanas e enfrentamento da intolerância nas escolas*. Revista Brasileira de Educação, v. 20, p. 773-796, 2015.

CARMO, Cláudio Márcio do. *Implicações socioculturais e ideológicas da tradução de textos sensíveis: reflexões a partir do Pai Nosso e suas múltiplas possibilidades de leitura*. Linguagem em (Dis) curso, v. 11, p. 127-148, 2011.

CARLUCCI, Bruno. *Horizontes que se fundem: Abordagens e teorias na pesquisa sobre traduções de textos budistas*. Belas Infiéis, Brasília, Brasil, v. 1, n. 1, p. 83–93, 2012. DOI: 10.26512/belasinfieis.v1.n1.2012.11163. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/11163>. Acesso em: 8 out. 2024.

CHESTERMAN, Andrew. *O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor*. Tradução de Marília M. Monteiro. Belas Infiéis, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014.

COIMBRA SILVA, Matheus. *Representação e tradução do camp talk para português brasileiro na legendagem de Rupaul's Drag Race: uma análise baseada em corpus*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Estudos de Tradução - Universidade de Brasília, 2024.

CUMINO, A. *Exu não é Diabo*. São Paulo: Madras, 2022.

DA COSTA MACHADO, Antonio Claudio. *O casamento no pentateuco*. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, [S. l.], v. 84, n. 84-85, p. 218–258, 1990. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67141>. Acesso em: 11 mai. 2025.

DE CAMPOS, Haroldo. *A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin*. Revista usp, n. 33, p. 160-171, 1997.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sérgio Milliet. Unesp, 2006.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a natureza das religiões*. Tradução de Lúcia A. C. de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário*. Tradução de Marília M. Monteiro. *Translatio*, n. 3, p. 3-13, 2012.

FAKINLEDE, Kayode J. *English-Yoruba/Yoruba-English modern practical dictionary*. New York: Hippocrene Books, Inc, 2021.

FROTA, Maria Paula. *Um balanço dos estudos da tradução no Brasil*. Cadernos de tradução, v. 1, n. 19, p. 135-169, 2007.

GADINI, Sérgio Luiz; ASSUNÇÃO-REIS, Thays. *A cultura na era da globalização: as ressignificações culturais nos espaços locais*. Culture in the Age of Globalization: The Cultural Resignifications in Local Spaces. Razón y Palabra, v. 20, n. 4_95, p. 151-161, 2016.

GADINI, Sérgio Luiz; ASSUNÇÃO-REIS, Thays. *A cultura na era da globalização: as ressignificações culturais nos espaços locais*. Culture in the Age of Globalization: The Cultural Resignifications in Local Spaces. Razón y Palabra, v. 20, n. 4_95, p. 151-161, 2016.

GROSFOGUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Tradução de Roberto Machado. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marília M. Monteiro. São Paulo: Madras, 2009.

GENTZLER, Edwin. *Translation and Rewriting in the Age of Post-Translation Studies*. New York: Routledge, 2017.

GOHN, Carlos Alberto. Capítulo 6 - *Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados*. In: Metodologias de pesquisa em tradução. Editado por Adriana Pagano. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

GROMIKO, Andrei; MÉLNIKOV, G.; DO CAMPO MILAKOVA, Paula Costa. *As religiões da África: tradicionais e sincréticas*. 1987.

HALL, Stuart et al. *La cultura, los medios de comunicación y el efecto ideológico*. Sociedad y comunicación de masas, v. 1, p. 357-392, 1981.

HOFFMANN, Lothar. *Conceitos básicos da lingüística das linguagens especializadas*. Tradução de Marília M. Monteiro. Cadernos de tradução (Porto Alegre). Porto Alegre, RS. Vol. 17 (out./dez. 2004), p. 79-90, 2004.

HOLMES, James S. *The name and nature of Translation Studies*. The translation studies reader, p. 172, 2000.

HOOKS, bell. *Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens*. Tradução de Carlianne Paiva Gonçalves, Joana Plaza Pinto e Paula de Almeida Silva. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bell-hooks-linguagem-ensinar-novas-paisagensnovas-linguagens/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2004.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. Tradução de Suzete Costa. São Paulo: Cultrix, 2008.

KATAN, D. *Translating cultures: an introduction for translators, interpreters and mediators*. Manchester: St. Jerome, 1999.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I*. Tradução de Beatriz Turquetti. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972. p. 18; p. 202-204.

LUQUE NADAL, Lucía. *Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales?*. Language design: journal of theoretical and experimental linguistics, n. special issue, p. 0093-120, 2009.

LYONS, John. *A linguagem e linguística: uma introdução*. Tradução de Rosaura Eichenberg. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MAESTRI, Mário. *História da África negra pré-colonial*. Mercado Aberto. Porto Alegre, 1988.

MALTA, Gleiton; **RUIVO**, Marília de Araújo. *Candomblé para inglês ver: um estudo descritivo sobre a tradução de legendas em um documentário sobre Candomblé*. Cerrados, Brasília, v. 53, p. 165-195, dez. 2020.

MIGNOLO, Walter D. *El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto*. In. Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2008.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Eduardo Brandão. Cadernos de Letras da UFF, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

MOLINA MARTÍNEZ, L. *El otoño del pingüino*. Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas, Castellón de la Plana, Universidad Jaime I, Castellón. C , 2006.

MULINACCI, Roberto. *O atlas submerso: por uma história da tradução como história da não-tradução*. Cadernos de Tradução, v. 41, p. 15-45, 2021.

MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. 2009.

NEWMARK, P. *A textbook of translation*. Londres: Prentice Hall, 1988.

NIDA, Eugene. *Linguistics and ethnology in translation-problems*. Word, v. 1, n. 2, p. 194-208, 1945.

NINA RODRIGUES, Raimundo. Os Africanos no Brasil. São Paulo: Editora Nacional, 1988.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. *A palavra cantada em comunidades-terreiro de origem Yorubá no Brasil: da melodia ao sistema tonal*. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NORD, C. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

ÒKÈ, Vagner. *O Exu que habita em mim: como a filosofia dos Orixás pode te ensinar a descobrir seu potencial para transformar todas as áreas da sua vida*. São paulo: Editora Planeta do Brasil, 2024.

OYEGOKE, Bisi. *So Biobaku e a transição na tradição yorubá da escrita histórica: uma crítica das contribuições recentes um artigo de revisão aos estudos de história e cultura yorubá*. Tradução de João de Souza. *Jornal da Sociedade Histórica da Nigéria*, v. 11, n. 3/4, p. 165-173, 1982.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução de Rafael Trindade da Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OWODAYO, M. O. Crowther, Samuel Ajayi. *Stories of Faith and Leadership from Africa*, p. 60, 2021.

PAGANO, Adriana; **VASCONCELLOS**, Maria Lúcia. *Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990*. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 19, p. 1-25, 2003.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, v. 157, 2019.

PEARSON, Jennifer. *Como ter acesso a elementos definitórios nos textos especializados*. Tradução de Francisco da Silva Borba. Cadernos de tradução (Porto Alegre). Porto Alegre, RS. Vol. 17 (out./dez. 2004), p. 51-66, 2004.

PETRUSCU, Olivia N. *La traducción de los culturemas (Discusión al margen de la traducción de una novela de Guillermo Arriaga)*. Valenciana, estudios de filosofía y letras, n. 8, p. 139-172, 2011.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Línguas africanas no Brasil*. África: Revista do Centro de Estudos Africanos, v. 27, p. 28, 2006.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Exu, de mensageiro a diabo*. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista Usp, n. 50, p. 46-63, 2001.

PRANDI, Reginaldo; **VALLADO**, Armando. *Xangô, rei de Ọyọ. Dos yorubá ao candomblé ketu: origens, tradições e continuidades*. São Paulo: Edusp, 2010.

PRATT, Mary Louise. *Globalización, desmodernización y el retorno de los monstruos*. Revista de Historia, n. 156, p. 13-29, 2007.

PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. routledge, 2007.

PONTES, Herimatéia. *A indexicalidade na construção discursiva de identidades sociais*. Revista do GELNE, v. 11, n. 1, p. 27-40, 2009.

PYM, Anthony. *Explorando as teorias da tradução*. Tradução de Marília M. Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2020.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os africanos no Brasil*. 2010.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução: a questão da equivalência*. ALFA: Revista de Linguística, 2000.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. *Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução*. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 57, p. 353-381, 2018.

SAPIR, Edward. *The status of linguistics as a science*. language, p. 207-214, 1929.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus: histórico e problemática*. Delta: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada, v. 16, p. 323-367, 2000.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. Editora Manole Ltda, 2004.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte: Pàdé, Àsèsè e o Culto Égúngún*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SOUZA, Queila; QUANDT, Carlos. *Metodologia de análise de redes sociais*. O tempo das redes. São Paulo: Perspectiva, p. 31-63, 2008.

SANTOS, Tertuliano Antonio Bispo dos. *Olhar doutrinário sobre o candomblé brasileiro: uma viagem sem volta*. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

SCHILLER, Friedrich. *Cultura estética e liberdade*. Tradução de E. D. Lopes. São Paulo: Hedra, 2009.

SCHLEIERMACHER, Friedrich ED; BRAIDA, Celso R. *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007.

SOCORRO, Jeferson Santos do. *Tradução e afrodiasporicidade: uma abordagem interseccional do processo de tradução de textualidades negro afrodiaspóricas*. In: SOUZA, Ana Lúcia; CARRASCOSA, Denise; AUGUSTO, Jorge; FREITAS, Henrique; RODRIGUEZ, Maria Dolores; FONSECA, Silvana (org.). *Rasuras epistêmicas das (est) éticas negras contemporâneas: Seminário Rasuras 2017*. Salvador: Edição Organismo e Grupo Rasuras, 2020. p. 171

TEIXEIRA, E. D. *A linguística de corpus a serviço do tradutor: proposta de um dicionário de culinária voltado para a produção textual*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TRÂNSITOS África-Brasil: entrevista com Kabengele Munanga. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, n. 21, p. 168-190, 2016/2017.

TRINDADE, Liana Salvia. *Estrutura dos mitos e das civilizações*. África, n. 1, p. 63-67, 1978. disponível em <https://revistas.usp.br/africa/article/download/90757/93470>

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. *Das redes sociais à inovação*. Ciência da informação, v. 34, p. 93-104, 2005.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Tradução de Eduardo Brandão. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. 6. ed. São Paulo, SP: Corrupio, 2002.

VERMEER, Hans J. «What does it mean to translate?», Indian Journal of Applied Linguistics 13, 1987. 25-33

VERCHER GARCÍA, Enrique Javier. El análisis culturo-traductológico en traducción (sobre el material de culturemas en Rudin de Iván Turguénev y su traducción a español). 2021.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

WILLIAMS, Raymond. *Culture and society, 1780-1950*. Columbia University Press, 1983.

ANEXOS

Anexo A: Tabela Keyword (AntConc)

Type	Headword	Freq_Ta r	Freq_Ref	Keyness (Likelihood)
casadeoxumare	None	704	0	4.690.414
asé	None	520	0	3.464.139
ketu	None	466	0	3.104.304
ilê	None	263	0	1.751.793
oxum	None	246	0	1.638.543
àşę	None	236	0	1.571.927
abençoe	None	205	0	1.365.420
asè	None	201	0	1.338.775
laroyê	None	187	0	1.245.517
iyá	None	186	0	1.238.855
ìyá	None	184	0	1.225.533
axe	None	167	0	1.112.293
ilé	None	165	0	1.098.971
omi	None	155	0	1.032.361
gantois	None	154	0	1.025.700
iya	None	141	0	939.108
oyá	None	135	0	899.143
motumbá	None	132	0	879.160
oya	None	131	0	872.499

oxumarê	None	129	0	859.178
àse	None	126	0	839.195
bença	None	124	0	825.874
okê	None	119	0	792.570
reel	None	117	0	779.249
arroboboi	None	112	0	745.945
menininha	None	111	0	739.285
govba	None	111	0	739.285
laroye	None	109	0	725.963
brunoreisba	None	107	0	712.642
afonjá	None	97	0	646.036
eparrey	None	97	0	646.036
neuza	None	95	0	632.715
ọ	None	89	0	592.752
atotô	None	87	0	579.431
ogum	None	86	0	572.771
ògòdó	None	80	0	532.808
aràkà	None	80	0	532.808
òsumàrè	None	79	0	526.148
kosi	None	79	0	526.148
arô	None	77	0	512.827
oke	None	77	0	512.827
yá	None	76	0	506.167
obá	None	75	0	499.506
oxossi	None	73	0	486.185

adupé	None	71	0	472.865
bàbá	None	70	0	466.204
mojuba	None	70	0	466.204
olorun	None	70	0	466.204
olorum	None	68	0	452.884
lindeza	None	67	0	446.223
opô	None	67	0	446.223
generaldo	None	66	0	439.563
jeronimorodriguesba	None	64	0	426.243
loci	None	64	0	426.243
exú	None	61	0	406.262
kaô	None	61	0	406.262
oni	None	60	0	399.601
ìyámase	None	59	0	392.941
osun	None	59	0	392.941
omô	None	58	0	386.281
labá	None	58	0	386.281
oxumare	None	57	0	379.621
candomble	None	57	0	379.621
oo	None	57	0	379.621
ooo	None	56	0	372.961
oe	None	54	0	359.640
creaba	None	53	0	352.980
rodneywilliam	None	53	0	352.980
motumba	None	53	0	352.980

logun	None	53	0	352.980
orixa	None	53	0	352.980
nanã	None	52	0	346.320
fatimalopesdematos	None	52	0	346.320
ye	None	51	0	339.659
ekedysinha	None	50	0	332.999
saluba	None	49	0	326.339
mojubá	None	48	0	319.679
iroko	None	48	0	319.679
odô	None	48	0	319.679
èşù	None	47	0	313.019
ogunhê	None	46	0	306.359
abença	None	46	0	306.359
xango	None	46	0	306.359
margarethmenezes	None	46	0	306.359
axê	None	46	0	306.359
ogê	None	44	0	293.038
mpdabahia	None	44	0	293.038
nlá	None	44	0	293.038
benções	None	44	0	293.038
vcs	None	44	0	293.038
ofc	None	43	0	286.378
asjeo	None	42	0	279.718
dosanjossilva	None	42	0	279.718
nilzete	None	41	0	273.058

yê	None	41	0	273.058
ayra	None	40	0	266.398
ossayn	None	39	0	259.738
nassô	None	39	0	259.738
ayrá	None	38	0	253.078
cleytondesa	None	38	0	253.078
pauloalisson	None	38	0	253.078
ogun	None	37	0	246.418
kú	None	37	0	246.418
sango	None	37	0	246.418
sellmamariaaaa	None	37	0	246.418
afonja	None	35	0	233.097
orixas	None	34	0	226.437
ògún	None	33	0	219.777
omolu	None	33	0	219.777
odé	None	33	0	219.777
purê	None	33	0	219.777
odoya	None	33	0	219.777
lulaoficial	None	32	0	213.117
conforte	None	32	0	213.117
terreirocasabranca	None	31	0	206.457
abenção	None	31	0	206.457
àsé	None	31	0	206.457
iansã	None	31	0	206.457
odun	None	30	0	199.797

yemanjá	None	30	0	199.797
ogan	None	30	0	199.797
gmail	None	29	0	193.137
orun	None	29	0	193.137
egbé	None	29	0	193.137
ajromani	None	28	0	186.477
olodumare	None	28	0	186.477
carmenbarbosa	None	27	0	179.817
ossain	None	27	0	179.817
odoyá	None	27	0	179.817
laroiê	None	26	0	173.157
mcprof	None	26	0	173.157
janjalula	None	26	0	173.157
aniellefranco	None	26	0	173.157
yemanja	None	26	0	173.157
ę	None	26	0	173.157
yaneuzacruz	None	26	0	173.157
candomblecista	None	26	0	173.157
ajrj	None	25	0	166.497
sinha	None	25	0	166.497
kabecile	None	25	0	166.497
salubá	None	25	0	166.497
umbandasagrada	None	25	0	166.497
kábíyèsì	None	25	0	166.497
şàngó	None	25	0	166.497

dupé	None	24	0	159.837
kada	None	24	0	159.837
ameliacarvalho	None	24	0	159.837
mó	None	24	0	159.837
edé	None	24	0	159.837
isabelfruck	None	23	0	153.177
csilvamodabijux	None	23	0	153.177
òşùmàrè	None	23	0	153.177
ojo	None	23	0	153.177
otin	None	23	0	153.177
matriarca	None	23	0	153.177
totocruz	None	23	0	153.177
esu	None	23	0	153.177
kabecilê	None	23	0	153.177
candombléketu	None	22	0	146.517
chammus	None	22	0	146.517
ekedi	None	22	0	146.517
atoto	None	22	0	146.517
lindacycampos	None	22	0	146.517
axè	None	21	0	139.857
òşùmàrè	None	21	0	139.857
adupè	None	21	0	139.857
oxaguian	None	21	0	139.857
tvbahiaoficial	None	21	0	139.857
júbà	None	21	0	139.857

ajba	None	20	0	133.197
arroboboy	None	20	0	133.197
ore	None	20	0	133.197
odara	None	20	0	133.197
cappele	None	20	0	133.197
soareskatia	None	20	0	133.197
marildasweetwitch	None	20	0	133.197
omolú	None	20	0	133.197
francy	None	20	0	133.197
ministerioigualdaderacial	None	20	0	133.197
josesantos	None	20	0	133.197
babalorixá	None	19	0	126.537
candombléporamor	None	19	0	126.537
aseè	None	19	0	126.537
yapatriciachagas	None	19	0	126.537
òrişá	None	19	0	126.537
taishelenanat	None	19	0	126.537
asee	None	19	0	126.537
ire	None	19	0	126.537
òrìsà	None	19	0	126.537
antoniocarlos	None	19	0	126.537
arolê	None	19	0	126.537
egbe	None	18	0	119.878
dresponder	None	18	0	119.878
mirinhamandrade	None	18	0	119.878

abençoem	None	18	0	119.878
obará	None	18	0	119.878
lè	None	18	0	119.878
tbm	None	18	0	119.878
tyna	None	18	0	119.878
ayo	None	18	0	119.878
iansa	None	18	0	119.878
sàngó	None	18	0	119.878
pedrotourinho	None	18	0	119.878
losi	None	18	0	119.878
orí	None	18	0	119.878
orisá	None	18	0	119.878
fiderioman	None	18	0	119.878
orisa	None	17	0	113.218
yewa	None	17	0	113.218
ka	None	17	0	113.218
iemanja	None	17	0	113.218
şun	None	17	0	113.218
youtube	None	17	0	113.218
òpó	None	17	0	113.218
joseerivaldosilvasilva	None	17	0	113.218
kabiecile	None	17	0	113.218
wá	None	17	0	113.218
òkè	None	17	0	113.218
kawo	None	16	0	106.558

epà	None	16	0	106.558
terreirodogantois	None	16	0	106.558
logunede	None	16	0	106.558
orum	None	16	0	106.558
bosiola	None	16	0	106.558
osumare	None	16	0	106.558
oká	None	16	0	106.558
lagbara	None	16	0	106.558
apaneladouro	None	15	0	99.898
kabiesile	None	15	0	99.898
mòn	None	15	0	99.898
alé	None	15	0	99.898
oooo	None	15	0	99.898
ileyemojaogunte	None	15	0	99.898
amém	None	15	0	99.898
segredosdaterracultural	None	15	0	99.898
mọ	None	15	0	99.898
eercy	None	14	0	93.238
parabens	None	14	0	93.238
obaluaê	None	14	0	93.238
aseeè	None	14	0	93.238
vaguilou	None	14	0	93.238
ewé	None	14	0	93.238
gbogbo	None	14	0	93.238
henriqueshockdj	None	14	0	93.238

curtida	None	14	0	93.238
cantorosana	None	14	0	93.238
jessicasilva	None	14	0	93.238
şo	None	14	0	93.238
kabiesilé	None	13	0	86.578
silviolual	None	13	0	86.578
milaneleite	None	13	0	86.578
tanirafontoura	None	13	0	86.578
ewe	None	13	0	86.578
joserocardoslemos	None	13	0	86.578
davigaii	None	13	0	86.578
eita	None	13	0	86.578
ogumomin	None	13	0	86.578
oxumaré	None	13	0	86.578
dúpe	None	13	0	86.578
ibí	None	13	0	86.578
babalorixa	None	13	0	86.578
ò	None	13	0	86.578
sedurbahia	None	13	0	86.578
aseooo	None	13	0	86.578
ogiyan	None	13	0	86.578
sepromibahia	None	13	0	86.578
ednarocha	None	12	0	79.918
ketthellen	None	12	0	79.918
agripina	None	12	0	79.918

ajàgúnà	None	12	0	79.918
modmartins	None	12	0	79.918
rogeriolopes	None	12	0	79.918
esù	None	12	0	79.918
odeajarte	None	12	0	79.918
agbá	None	12	0	79.918
dotico	None	12	0	79.918
alexosoosi	None	12	0	79.918
pecê	None	12	0	79.918
oxala	None	12	0	79.918
qdo	None	12	0	79.918
nijinskanelly	None	12	0	79.918
candomblévida	None	12	0	79.918
epahey	None	12	0	79.918
omulu	None	12	0	79.918
egbeonilaba	None	12	0	79.918
condolências	None	12	0	79.918
ku	None	12	0	79.918
madá	None	12	0	79.918
sedlamar	None	12	0	79.918
dúpe	None	12	0	79.918
isaurinhagenoveva	None	12	0	79.918
sangalo	None	12	0	79.918
omo	None	11	0	73.258
carlassantos	None	11	0	73.258

candomblebrasil	None	11	0	73.258
agbas	None	11	0	73.258
ducivaldudu	None	11	0	73.258
marcelomeuese	None	11	0	73.258
ooooo	None	11	0	73.258
cliltonpaz	None	11	0	73.258
anetto	None	11	0	73.258
lindooo	None	11	0	73.258
abracem	None	11	0	73.258
kolofé	None	11	0	73.258
walterjorgeandrade	None	11	0	73.258
claudios	None	11	0	73.258
covid	None	11	0	73.258
ritacostabaiana	None	11	0	73.258
dracarolsousa	None	11	0	73.258
saudosa	None	11	0	73.258
re	None	11	0	73.258
tds	None	11	0	73.258
eumatheusganso	None	11	0	73.258
belade	None	11	0	73.258
abençoad	None	11	0	73.258
ileobaketu	None	11	0	73.258
modupé	None	11	0	73.258
bjs	None	11	0	73.258
tobiasmunizz	None	11	0	73.258

ekedy	None	11	0	73.258
rogercipo	None	11	0	73.258
gratos	None	11	0	73.258
saudamos	None	11	0	73.258
cadinhamuniz	None	11	0	73.258
mgracassrodrigue	None	10	0	66.598
làròyé	None	10	0	66.598
nitoreakada	None	10	0	66.598
agba	None	10	0	66.598
sì	None	10	0	66.598
aseee	None	10	0	66.598
yemojá	None	10	0	66.598
danielaoliveiradanielaolivei ra	None	10	0	66.598
olódùmarè	None	10	0	66.598
mandinga	None	10	0	66.598
dofono	None	10	0	66.598
insta	None	10	0	66.598
dodé	None	10	0	66.598
bbb	None	10	0	66.598
odo	None	10	0	66.598
egbomi	None	10	0	66.598
àfònjá	None	10	0	66.598
nadiamastos	None	10	0	66.598
èsù	None	10	0	66.598

pedroluisdosantos	None	10	0	66.598
aob	None	10	0	66.598
anarita	None	10	0	66.598
beka	None	10	0	66.598
veraluciaguegue	None	10	0	66.598
dina	None	10	0	66.598
lindíssimo	None	10	0	66.598
jessicasenra	None	10	0	66.598
jubá	None	10	0	66.598
alujá	None	10	0	66.598
lindooooo	None	10	0	66.598
rogamos	None	10	0	66.598
ruanwz	None	10	0	66.598
ewá	None	10	0	66.598
yèyé	None	10	0	66.598
tatianalaroye	None	10	0	66.598
carlosviniicius	None	10	0	66.598
goreti	None	10	0	66.598
prethah	None	10	0	66.598
ekede	None	10	0	66.598
risso	None	9	0	59.938
jucisantana	None	9	0	59.938
kò	None	9	0	59.938
babalaxe	None	9	0	59.938
kékeré	None	9	0	59.938

aseoo	None	9	0	59.938
rozzacigana	None	9	0	59.938
kekerê	None	9	0	59.938
theotiobatalaatioxum	None	9	0	59.938
babatobi	None	9	0	59.938
sangô	None	9	0	59.938
laisa	None	9	0	59.938
thais	None	9	0	59.938
leandrodpc	None	9	0	59.938
ẹkú	None	9	0	59.938
ìyákekerê	None	9	0	59.938
aşè	None	9	0	59.938
ramonmedeirosocial	None	9	0	59.938
ibeji	None	9	0	59.938
alisonrighetti	None	9	0	59.938
iyalorixá	None	9	0	59.938
òrìṣà	None	9	0	59.938
linndaquebrada	None	9	0	59.938
aroboboi	None	9	0	59.938
hihó	None	9	0	59.938
ndombe	None	9	0	59.938
oxoguian	None	9	0	59.938
marcaovalentimpersonal	None	9	0	59.938
eo	None	9	0	59.938
eparrei	None	9	0	59.938

obg	None	9	0	59.938
sire	None	9	0	59.938
mutunba	None	9	0	59.938
fún	None	9	0	59.938
candombleketu	None	9	0	59.938
neyribeiro	None	9	0	59.938
marlenemedrado	None	9	0	59.938
marciakhali	None	9	0	59.938
ounico	None	9	0	59.938
eró	None	9	0	59.938
yemonja	None	9	0	59.938
nzo	None	9	0	59.938
benca	None	9	0	59.938
fara	None	9	0	59.938
crismgomes	None	9	0	59.938
taii	None	9	0	59.938
yeyeo	None	9	0	59.938
helolandim	None	9	0	59.938
lé	None	9	0	59.938
eduardoquintana	None	9	0	59.938
silmoura	None	9	0	59.938
thaty	None	8	0	53.279
iyèmójá	None	8	0	53.279
daianna	None	8	0	53.279
lily	None	8	0	53.279

ritamenezesmenezes	None	8	0	53.279
alissan	None	8	0	53.279
òbà	None	8	0	53.279
alákétu	None	8	0	53.279
yemoja	None	8	0	53.279
òjò	None	8	0	53.279
òlò	None	8	0	53.279
láròyè	None	8	0	53.279
kambundu	None	8	0	53.279
isis	None	8	0	53.279
eduardorodrigonascimento	None	8	0	53.279
silneifarkas	None	8	0	53.279
fakolade	None	8	0	53.279
mirinhaoliveiraoliveira	None	8	0	53.279
jolusantos	None	8	0	53.279
whatsapp	None	8	0	53.279
leandrograss	None	8	0	53.279
monicaraujo	None	8	0	53.279
visualizações	None	8	0	53.279
airá	None	8	0	53.279
deoliveira	None	8	0	53.279
nivia	None	8	0	53.279
adupe	None	8	0	53.279
alaketu	None	8	0	53.279
fabilogun	None	8	0	53.279

albertoadv	None	8	0	53.279
rafcsantos	None	8	0	53.279
ribeiros	None	8	0	53.279
mulherdacobra	None	8	0	53.279
káwó	None	8	0	53.279
muriçoca	None	8	0	53.279
nmartins	None	8	0	53.279
hermesbarbosa	None	8	0	53.279
lindoooo	None	8	0	53.279
gilmarsampaibale	None	8	0	53.279
oxaguiã	None	8	0	53.279
osoguian	None	8	0	53.279
ssa	None	8	0	53.279
ifadeyin	None	8	0	53.279
lucinara	None	8	0	53.279
ossaim	None	8	0	53.279
guaciara	None	8	0	53.279
òjó	None	8	0	53.279
sambadebiloca	None	8	0	53.279
loni	None	8	0	53.279
pirinho	None	8	0	53.279
aseo	None	8	0	53.279
àgbà	None	8	0	53.279
ilè	None	8	0	53.279
àró	None	8	0	53.279

osala	None	8	0	53.279
carladrangel	None	8	0	53.279
lutyf	None	8	0	53.279
psy	None	8	0	53.279
barikas	None	8	0	53.279
yorubá	None	8	0	53.279
ventin	None	8	0	53.279
analam	None	8	0	53.279
rogeriocampello	None	7	0	46.619
sambaprarua	None	7	0	46.619
paulinha	None	7	0	46.619
railda	None	7	0	46.619
roseane	None	7	0	46.619
naso	None	7	0	46.619
onisegun	None	7	0	46.619
sandraebano	None	7	0	46.619
nandapintosantana	None	7	0	46.619
priscilamidoh	None	7	0	46.619
lógun	None	7	0	46.619
mercesl	None	7	0	46.619
rosileiasanthana	None	7	0	46.619
mesurado	None	7	0	46.619
oxúm	None	7	0	46.619
lindaaaaa	None	7	0	46.619
motumbasé	None	7	0	46.619

moshbemsadiquim	None	7	0	46.619
luizinha	None	7	0	46.619
marcioclayton	None	7	0	46.619
ryannww	None	7	0	46.619
marcosandrex	None	7	0	46.619
ruthzelia	None	7	0	46.619
pilaodeprataoficial	None	7	0	46.619
suka	None	7	0	46.619
tatyabadaro	None	7	0	46.619
mardamasceno	None	7	0	46.619
mojúbà	None	7	0	46.619
thelma	None	7	0	46.619
kábíyèsí	None	7	0	46.619
postagens	None	7	0	46.619
osossi	None	7	0	46.619
kutu	None	7	0	46.619
nilmasilva	None	7	0	46.619
liviaasantanavaz	None	7	0	46.619
poxa	None	7	0	46.619
puré	None	7	0	46.619
rosangela	None	7	0	46.619
aflitosvania	None	7	0	46.619
joaniltonamaral	None	7	0	46.619
brandao	None	7	0	46.619
innecco	None	7	0	46.619

jhenny	None	7	0	46.619
desantana	None	7	0	46.619
jmoronari	None	7	0	46.619
blatt	None	7	0	46.619
afonjarj	None	7	0	46.619
eumarvilaaraujo	None	7	0	46.619
àgbá	None	7	0	46.619
annacarolys	None	7	0	46.619
upm	None	7	0	46.619
ileasewallamyn	None	7	0	46.619
josedithpeixoto	None	7	0	46.619
adrianaclaudiab	None	7	0	46.619
dickjohnny	None	7	0	46.619
arò	None	7	0	46.619
alaidecamara	None	7	0	46.619
caiotruci	None	7	0	46.619
esú	None	7	0	46.619
gui	None	7	0	46.619
janeterochabemcasados	None	7	0	46.619
aruanda	None	7	0	46.619
arrobóboi	None	7	0	46.619
vilminha	None	7	0	46.619
zania	None	7	0	46.619
wà	None	7	0	46.619
arolé	None	7	0	46.619

bya	None	7	0	46.619
felmauro	None	7	0	46.619
feiraterreirocasabranca	None	7	0	46.619
dudu	None	7	0	46.619
gratidao	None	7	0	46.619
ebé	None	7	0	46.619
asjev	None	7	0	46.619
cruzadrianajf	None	7	0	46.619
amoooo	None	7	0	46.619
genoveva	None	7	0	46.619
kaquelmoura	None	7	0	46.619
gamo	None	7	0	46.619
galhaseca	None	7	0	46.619
òşàgiyán	None	7	0	46.619
kabiyesile	None	7	0	46.619
barroquinha	None	7	0	46.619
kabiecilê	None	7	0	46.619
vaquer	None	7	0	46.619
acè	None	7	0	46.619
andreiaferreira	None	7	0	46.619
equede	None	7	0	46.619
funfun	None	7	0	46.619
adorando	None	7	0	46.619
awojobiifaponmile	None	7	0	46.619
mastersonaquilino	None	6	0	39.959

meji	None	6	0	39.959
awo	None	6	0	39.959
paó	None	6	0	39.959
monipsantos	None	6	0	39.959
bebellcavalcante	None	6	0	39.959
paulosilviio	None	6	0	39.959
sousaa	None	6	0	39.959
medsonjaner	None	6	0	39.959
awaniroberto	None	6	0	39.959
paixao	None	6	0	39.959
àsée	None	6	0	39.959
filhosdeoxossi	None	6	0	39.959
fabioojuokan	None	6	0	39.959
ayọ	None	6	0	39.959
babà	None	6	0	39.959
eşù	None	6	0	39.959
oyó	None	6	0	39.959
aye	None	6	0	39.959
mgcs	None	6	0	39.959
soniacastro	None	6	0	39.959
ewa	None	6	0	39.959
evertonmello	None	6	0	39.959
oyo	None	6	0	39.959
bambo	None	6	0	39.959
euripedespim	None	6	0	39.959

paipaulotyosumare	None	6	0	39.959
àyaba	None	6	0	39.959
diegozarcon	None	6	0	39.959
esterdeoxum	None	6	0	39.959
yawo	None	6	0	39.959
xirê	None	6	0	39.959
onira	None	6	0	39.959
ocartter	None	6	0	39.959
delson	None	6	0	39.959
yaba	None	6	0	39.959
omí	None	6	0	39.959
yalorixa	None	6	0	39.959
ddanalves	None	6	0	39.959
yas	None	6	0	39.959
yoruba	None	6	0	39.959
dalvinha	None	6	0	39.959
chrisfumaux	None	6	0	39.959
dahomeano	None	6	0	39.959
dabia	None	6	0	39.959
àsè	None	6	0	39.959
ogans	None	6	0	39.959
cicero	None	6	0	39.959
cruzpaulovicente	None	6	0	39.959
ogunhe	None	6	0	39.959
oiá	None	6	0	39.959

selmagoliveiraa	None	6	0	39.959
yemonjá	None	6	0	39.959
conceic	None	6	0	39.959
claualex	None	6	0	39.959
oku	None	6	0	39.959
okè	None	6	0	39.959
oké	None	6	0	39.959
yewá	None	6	0	39.959
yín	None	6	0	39.959
scher	None	6	0	39.959
calmachado	None	6	0	39.959
diegoairaoficial	None	6	0	39.959
espelholunarcine	None	6	0	39.959
vivaaaa	None	6	0	39.959
erikarriba	None	6	0	39.959
epí	None	6	0	39.959
epá	None	6	0	39.959
epy	None	6	0	39.959
bixhodosol	None	6	0	39.959
otí	None	6	0	39.959
osùmáre	None	6	0	39.959
àfọ	None	6	0	39.959
emocionei	None	6	0	39.959
elianecarvalhoc	None	6	0	39.959
mariazkjj	None	6	0	39.959

elenaonira	None	6	0	39.959
ekejilulogunede	None	6	0	39.959
neveserlon	None	6	0	39.959
edelzuita	None	6	0	39.959
brunolocii	None	6	0	39.959
bruxamorgana	None	6	0	39.959
ninna	None	6	0	39.959
njá	None	6	0	39.959
nois	None	6	0	39.959
doinha	None	6	0	39.959
cabralhudson	None	6	0	39.959
novaiss	None	6	0	39.959
caetana	None	6	0	39.959
nàná	None	6	0	39.959
gbà	None	6	0	39.959
matheussango	None	6	0	39.959
olivcosta	None	6	0	39.959
amilton	None	6	0	39.959
ileaseiyaojuomi	None	6	0	39.959
jessicatourinho	None	6	0	39.959
abenç	None	6	0	39.959
tatianakordon	None	6	0	39.959
púpọ	None	6	0	39.959
agbara	None	6	0	39.959
pè	None	6	0	39.959

amaralwando	None	6	0	39.959
laroyé	None	6	0	39.959
luizfernandomartinsda	None	6	0	39.959
reverberado	None	6	0	39.959
jessicaellen	None	6	0	39.959
hustok	None	6	0	39.959
andacomfeeuvou	None	6	0	39.959
saibas	None	6	0	39.959
hey	None	6	0	39.959
hellmeirelles	None	6	0	39.959
òrisàs	None	6	0	39.959
professorbira	None	6	0	39.959
ricardoalvesvca	None	6	0	39.959
jotta	None	6	0	39.959
macumbaria	None	6	0	39.959
thaisdeoya	None	6	0	39.959
lorenaomi	None	6	0	39.959
juju	None	6	0	39.959
jamielee	None	6	0	39.959
iyakekerê	None	6	0	39.959
şùn	None	6	0	39.959
tulaaxiotelis	None	6	0	39.959
sacerdotisa	None	6	0	39.959
iyamarciadeogun	None	6	0	39.959
iyà	None	6	0	39.959

alagbê	None	6	0	39.959
irê	None	6	0	39.959
iyás	None	6	0	39.959
temir	None	6	0	39.959
ioneaparecidabernardes	None	6	0	39.959
leobcreis	None	6	0	39.959
linsmarlinsdeutsch	None	6	0	39.959
aguere	None	6	0	39.959
aleffy	None	6	0	39.959
jeje	None	6	0	39.959
alegrem	None	6	0	39.959
renatasouzario	None	6	0	39.959
rafa	None	6	0	39.959
alexandreepaula	None	6	0	39.959
rosangelalopes	None	6	0	39.959
agbás	None	6	0	39.959
rubia	None	6	0	39.959
luzi	None	6	0	39.959
gunfaremim	None	6	0	39.959
tiagosilva	None	6	0	39.959
aseijenaolofaomi	None	6	0	39.959
portelaafernando	None	6	0	39.959
aseooooo	None	6	0	39.959
jùbá	None	6	0	39.959
podcast	None	6	0	39.959

kwe	None	6	0	39.959
governodobrasil	None	6	0	39.959
kkkk	None	6	0	39.959
asse	None	6	0	39.959
vanusamaria	None	6	0	39.959
kardecrafael	None	6	0	39.959
rosarodriguez	None	6	0	39.959
karnal	None	6	0	39.959
ibejí	None	6	0	39.959
gladimirferreira	None	6	0	39.959
atabaques	None	6	0	39.959
peedro	None	6	0	39.959
kekaoxossi	None	6	0	39.959
mariaauxiliadora	None	6	0	39.959
vanf	None	6	0	39.959
piscitelli	None	6	0	39.959
arethuza	None	6	0	39.959
kó	None	6	0	39.959
mah	None	6	0	39.959
kão	None	6	0	39.959
palhas	None	5	0	33.299
axeooo	None	5	0	33.299
pointmaraangolana	None	5	0	33.299
axeé	None	5	0	33.299
aşé	None	5	0	33.299

ciceliafreitas	None	5	0	33.299
àşe	None	5	0	33.299
olubaje	None	5	0	33.299
paivandopaibobby	None	5	0	33.299
adeolamarcostosun	None	5	0	33.299
òrun	None	5	0	33.299
àwa	None	5	0	33.299
àşę	None	5	0	33.299
ricardoraamos	None	5	0	33.299
oò	None	5	0	33.299
ozzyoriginxl	None	5	0	33.299
andrielepereiradrih	None	5	0	33.299
axeolaomi	None	5	0	33.299
rnetoce	None	5	0	33.299
proofnando	None	5	0	33.299
pattytoldi	None	5	0	33.299
atôtô	None	5	0	33.299
aweto	None	5	0	33.299
asèooo	None	5	0	33.299
romaojeruse	None	5	0	33.299
ègbón	None	5	0	33.299
pavaomosaico	None	5	0	33.299
oliveirarj	None	5	0	33.299
yeye	None	5	0	33.299
òmọ	None	5	0	33.299

awure	None	5	0	33.299
irókò	None	5	0	33.299
axeeé	None	5	0	33.299
abrace	None	5	0	33.299
acalma	None	5	0	33.299
cintiaalves	None	5	0	33.299
ashee	None	5	0	33.299
ọdún	None	5	0	33.299
andresa	None	5	0	33.299
bàbà	None	5	0	33.299
yẹ	None	5	0	33.299
anapaulamatos	None	5	0	33.299
binha	None	5	0	33.299
rafaelmota	None	5	0	33.299
alessandrolimacontatos	None	5	0	33.299
osumarè	None	5	0	33.299
ègbọn	None	5	0	33.299
zoficial	None	5	0	33.299
cacanitinha	None	5	0	33.299
orisás	None	5	0	33.299
brasilvia	None	5	0	33.299
zenogorayeb	None	5	0	33.299
alamoju	None	5	0	33.299
osogiyán	None	5	0	33.299
alagbe	None	5	0	33.299

alafia	None	5	0	33.299
osaguian	None	5	0	33.299
ajodun	None	5	0	33.299
bí	None	5	0	33.299
alexchagas	None	5	0	33.299
camdomblé	None	5	0	33.299
alexsander	None	5	0	33.299
amaliadalinger	None	5	0	33.299
adrianaoliveira	None	5	0	33.299
òrìṣàs	None	5	0	33.299
oxosse	None	5	0	33.299
bencao	None	5	0	33.299
amandamoncler	None	5	0	33.299
caubahiaoficial	None	5	0	33.299
aganju	None	5	0	33.299
bendiciones	None	5	0	33.299
candombleangola	None	5	0	33.299
rere	None	5	0	33.299
carlandreiaribeirol	None	5	0	33.299
candombléangola	None	5	0	33.299
àlàáfìà	None	5	0	33.299
alvinho	None	5	0	33.299
bessen	None	5	0	33.299
saravá	None	5	0	33.299
yà	None	5	0	33.299

kaò	None	5	0	33.299
cleomartins	None	5	0	33.299
harintonnn	None	5	0	33.299
marciapessoanetto	None	5	0	33.299
marcelomarques	None	5	0	33.299
gresdoamor	None	5	0	33.299
mainesansi	None	5	0	33.299
guidogumoficialogun	None	5	0	33.299
maiaphillip	None	5	0	33.299
valdiceia	None	5	0	33.299
guinesi	None	5	0	33.299
ló	None	5	0	33.299
gleidedavis	None	5	0	33.299
heliaarita	None	5	0	33.299
hooo	None	5	0	33.299
lunascita	None	5	0	33.299
hó	None	5	0	33.299
uiz	None	5	0	33.299
luizaoliveira	None	5	0	33.299
luisaluisam	None	5	0	33.299
uelinton	None	5	0	33.299
marcoalcantarav	None	5	0	33.299
giras	None	5	0	33.299
ife	None	5	0	33.299
vigaxs	None	5	0	33.299

ewê	None	5	0	33.299
mjsobral	None	5	0	33.299
fabianaedilmo	None	5	0	33.299
fabioms	None	5	0	33.299
fernandaalvesvip	None	5	0	33.299
miltomtombini	None	5	0	33.299
sodre	None	5	0	33.299
millet	None	5	0	33.299
verah	None	5	0	33.299
gegerusapenhasoares	None	5	0	33.299
futuraplay	None	5	0	33.299
gabdematos	None	5	0	33.299
matriarcas	None	5	0	33.299
galeriarizoma	None	5	0	33.299
spauloh	None	5	0	33.299
gba	None	5	0	33.299
mariapatury	None	5	0	33.299
mariamorais	None	5	0	33.299
tarcioov	None	5	0	33.299
ifá	None	5	0	33.299
monicaoliz	None	5	0	33.299
tiamaoficial	None	5	0	33.299
lchagas	None	5	0	33.299
lawyer	None	5	0	33.299
laróyé	None	5	0	33.299

jonatasousaoficial	None	5	0	33.299
jonathanjosealvesribeiro	None	5	0	33.299
lancaster	None	5	0	33.299
josi	None	5	0	33.299
jrobesc	None	5	0	33.299
jø	None	5	0	33.299
leanndromont	None	5	0	33.299
kabecilé	None	5	0	33.299
kosí	None	5	0	33.299
kossi	None	5	0	33.299
kabesile	None	5	0	33.299
tinabarbedo	None	5	0	33.299
kabiesi	None	5	0	33.299
kabiyesi	None	5	0	33.299
kellytamires	None	5	0	33.299
lcv	None	5	0	33.299
leonardosena	None	5	0	33.299
tatinanasi	None	5	0	33.299
isauragenoveva	None	5	0	33.299
ijexa	None	5	0	33.299
lorenonato	None	5	0	33.299
iluodara	None	5	0	33.299
ile	None	5	0	33.299
lmendonca	None	5	0	33.299
isacbatistafilho	None	5	0	33.299

isafauwe	None	5	0	33.299
lindoo	None	5	0	33.299
tvebahia	None	5	0	33.299
leonna	None	5	0	33.299
lindasantos	None	5	0	33.299
ivannasoutto	None	5	0	33.299
lindaaa	None	5	0	33.299
iyalorixa	None	5	0	33.299
licorartesanaldamary	None	5	0	33.299
lico	None	5	0	33.299
treggi	None	5	0	33.299
leosantos	None	5	0	33.299
moisesxxoliveira	None	5	0	33.299
oya	None	5	0	33.299
nadiaevan	None	5	0	33.299
egbon	None	5	0	33.299
multipolaridade	None	5	0	33.299
vivesnt	None	5	0	33.299
silviohumberto	None	5	0	33.299
odu	None	5	0	33.299
drika	None	5	0	33.299
nasso	None	5	0	33.299
mutumba	None	5	0	33.299
defensoriabahia	None	5	0	33.299
dianabezerrabezerra	None	5	0	33.299

dofona	None	5	0	33.299
odetayo	None	5	0	33.299
dionetedeaguiardeoliveira	None	5	0	33.299
odeidunu	None	5	0	33.299
denisebbastos	None	5	0	33.299
diegomllima	None	5	0	33.299
nilè	None	5	0	33.299
mukuiu	None	5	0	33.299
nagô	None	5	0	33.299
yavera	None	5	0	33.299
okearo	None	5	0	33.299
obaluaiyê	None	5	0	33.299
concedam	None	5	0	33.299
egbome	None	5	0	33.299
oka	None	5	0	33.299
oju	None	5	0	33.299
eneidacoutinho	None	5	0	33.299
obaluaie	None	5	0	33.299
contritos	None	5	0	33.299
wedson	None	5	0	33.299
negraiar	None	5	0	33.299
oficialcaubr	None	5	0	33.299
elidonascimento	None	5	0	33.299
edcsantana	None	5	0	33.299
vitorcastro	None	4	0	26.639

thiagofighterncoach	None	4	0	26.639
vianadauto	None	4	0	26.639
tradic	None	4	0	26.639
orìṣá	None	4	0	26.639
skr	None	4	0	26.639
àṣe	None	4	0	26.639
ọlọrun	None	4	0	26.639
yeyê	None	4	0	26.639
roselene	None	4	0	26.639
sepromi	None	4	0	26.639
vingativas	None	4	0	26.639
simplismente	None	4	0	26.639
ruan	None	4	0	26.639
áse	None	4	0	26.639
sangó	None	4	0	26.639
soarees	None	4	0	26.639
ọḍẹ	None	4	0	26.639
òké	None	4	0	26.639
yorùbá	None	4	0	26.639
tacceljsus	None	4	0	26.639
tútù	None	4	0	26.639
yeo	None	4	0	26.639
ubiranijunior	None	4	0	26.639
vaniaamaral	None	4	0	26.639
òṣàlá	None	4	0	26.639

xandy	None	4	0	26.639
sún	None	4	0	26.639
wvelttogomand	None	4	0	26.639
todxs	None	4	0	26.639
tantrayoga	None	4	0	26.639
sillva	None	4	0	26.639
tafáre	None	4	0	26.639
witalo	None	4	0	26.639
iyámasé	None	4	0	26.639
tamy	None	4	0	26.639
valeriadacongada	None	4	0	26.639
óké	None	4	0	26.639
tí	None	4	0	26.639
rí	None	4	0	26.639
yêooo	None	4	0	26.639
souexu	None	4	0	26.639
serafimd	None	4	0	26.639
silvioo	None	4	0	26.639
xângo	None	4	0	26.639
yè	None	4	0	26.639
xz	None	4	0	26.639
ẹgbẹ	None	4	0	26.639
xire	None	4	0	26.639
sheyla	None	4	0	26.639
sousaofc	None	4	0	26.639

şa	None	4	0	26.639
ẹlẹmòşó	None	4	0	26.639
sbcampo	None	4	0	26.639
vodun	None	4	0	26.639
sauda	None	4	0	26.639
tebesè	None	4	0	26.639
sabias	None	4	0	26.639
leca	None	4	0	26.639
romaine	None	4	0	26.639
giselleee	None	4	0	26.639
alabiyi	None	4	0	26.639
forc	None	4	0	26.639
fotosporcassio	None	4	0	26.639
fundacaopalmares	None	4	0	26.639
gantuá	None	4	0	26.639
gatinha	None	4	0	26.639
gisahh	None	4	0	26.639
guadagninmario	None	4	0	26.639
filhodeoxóssi	None	4	0	26.639
ajuberô	None	4	0	26.639
hcardoso	None	4	0	26.639
helenabraga	None	4	0	26.639
hellemrose	None	4	0	26.639
herica	None	4	0	26.639
hiró	None	4	0	26.639

ichikura	None	4	0	26.639
filhosdeoxóssi	None	4	0	26.639
filhodeoxossi	None	4	0	26.639
aiyrá	None	4	0	26.639
eucrisliz	None	4	0	26.639
emociono	None	4	0	26.639
alyoshadejesusrocha	None	4	0	26.639
enfurece	None	4	0	26.639
epo	None	4	0	26.639
erickferr	None	4	0	26.639
erês	None	4	0	26.639
esmerildaesme	None	4	0	26.639
euh	None	4	0	26.639
filhodasmatas	None	4	0	26.639
eumulher	None	4	0	26.639
evandroxavierprates	None	4	0	26.639
alexandrecesa	None	4	0	26.639
facebook	None	4	0	26.639
fernandomonteirobr	None	4	0	26.639
fernandosatoh	None	4	0	26.639
alabiyifakoya	None	4	0	26.639
ifaoyeclaudinho	None	4	0	26.639
inhame	None	4	0	26.639
lewa	None	4	0	26.639
konigstein	None	4	0	26.639

kawó	None	4	0	26.639
kayobi	None	4	0	26.639
kaó	None	4	0	26.639
kekeré	None	4	0	26.639
kimbundo	None	4	0	26.639
kkkkk	None	4	0	26.639
kodun	None	4	0	26.639
kábiyèsí	None	4	0	26.639
kathya	None	4	0	26.639
káwò	None	4	0	26.639
laceni	None	4	0	26.639
laiscixtina	None	4	0	26.639
laroyeee	None	4	0	26.639
laroyëëëë	None	4	0	26.639
laviniabitencourtoficial	None	4	0	26.639
leiteconsu	None	4	0	26.639
katiabadaro	None	4	0	26.639
anameiredemillus	None	4	0	26.639
irę	None	4	0	26.639
janda	None	4	0	26.639
isaacconceptu	None	4	0	26.639
itabuna	None	4	0	26.639
italocalderon	None	4	0	26.639
itan	None	4	0	26.639
itans	None	4	0	26.639

rodriguesbac	None	4	0	26.639
iyalorisa	None	4	0	26.639
jaq	None	4	0	26.639
kannenbergl	None	4	0	26.639
jeffersonmenezes	None	4	0	26.639
airzinho	None	4	0	26.639
jhonllima	None	4	0	26.639
jptviana	None	4	0	26.639
júba	None	4	0	26.639
kabiecilé	None	4	0	26.639
kabyiesi	None	4	0	26.639
eltonravachooficial	None	4	0	26.639
elialvescruz	None	4	0	26.639
amalá	None	4	0	26.639
bamboxê	None	4	0	26.639
anacleide	None	4	0	26.639
aşé	None	4	0	26.639
babalorisá	None	4	0	26.639
babaofalomi	None	4	0	26.639
babarobertheleno	None	4	0	26.639
babazinhoalagbe	None	4	0	26.639
babicruz	None	4	0	26.639
banntu	None	4	0	26.639
awurê	None	4	0	26.639
bellesbaltazar	None	4	0	26.639

benção	None	4	0	26.639
bençã	None	4	0	26.639
blima	None	4	0	26.639
bobjamille	None	4	0	26.639
bosferreira	None	4	0	26.639
boucas	None	4	0	26.639
axés	None	4	0	26.639
awre	None	4	0	26.639
elainefreitascr	None	4	0	26.639
arrepiei	None	4	0	26.639
annabe	None	4	0	26.639
annabiarichtter	None	4	0	26.639
analumessias	None	4	0	26.639
arcoiris	None	4	0	26.639
arrepia	None	4	0	26.639
arrepiaada	None	4	0	26.639
arrepiado	None	4	0	26.639
arrumkunguma	None	4	0	26.639
avitoriabrandao	None	4	0	26.639
aró	None	4	0	26.639
analaunica	None	4	0	26.639
assè	None	4	0	26.639
aséooooo	None	4	0	26.639
asę	None	4	0	26.639
athalyba	None	4	0	26.639

augustinhoart	None	4	0	26.639
brunaojrf	None	4	0	26.639
brunokimuraoficial	None	4	0	26.639
bábà	None	4	0	26.639
dosun	None	4	0	26.639
danilia	None	4	0	26.639
dantaayo	None	4	0	26.639
ddesaaativad	None	4	0	26.639
defesacivildesalvador	None	4	0	26.639
dende	None	4	0	26.639
denisrenna	None	4	0	26.639
dofonilo	None	4	0	26.639
drhediosilva	None	4	0	26.639
candomblesagrado	None	4	0	26.639
dudabocao	None	4	0	26.639
dudadeyewa	None	4	0	26.639
dídùn	None	4	0	26.639
dẹ	None	4	0	26.639
edsonlc	None	4	0	26.639
eduardodcn	None	4	0	26.639
edumarinho	None	4	0	26.639
daniferraz	None	4	0	26.639
dagan	None	4	0	26.639
cristianecarvalho	None	4	0	26.639
crisdilollo	None	4	0	26.639

carelli	None	4	0	26.639
carmemluciaoliveiradasilva	None	4	0	26.639
carolvasconcelosf	None	4	0	26.639
cassiacristinamululo	None	4	0	26.639
cassizxv	None	4	0	26.639
ccoccorese	None	4	0	26.639
cehfaz	None	4	0	26.639
celgen	None	4	0	26.639
cheiromole	None	4	0	26.639
claudiadossantosteixeira	None	4	0	26.639
claudiajeronymo	None	4	0	26.639
claudinafrancicamellocorre a	None	4	0	26.639
conceicao	None	4	0	26.639
contrição	None	4	0	26.639
corac	None	4	0	26.639
lestrange	None	4	0	26.639
kassyol	None	4	0	26.639
lgs	None	4	0	26.639
okee	None	4	0	26.639
odò	None	4	0	26.639
ofá	None	4	0	26.639
oguian	None	4	0	26.639
ogún	None	4	0	26.639
ohun	None	4	0	26.639

ojuoba	None	4	0	26.639
ojó	None	4	0	26.639
oliviasantana	None	4	0	26.639
obí	None	4	0	26.639
oliviofranco	None	4	0	26.639
olodumarê	None	4	0	26.639
ologun	None	4	0	26.639
olorún	None	4	0	26.639
omoloko	None	4	0	26.639
omorode	None	4	0	26.639
ooooh	None	4	0	26.639
odaranana	None	4	0	26.639
obassy	None	4	0	26.639
opydetupa	None	4	0	26.639
msm	None	4	0	26.639
mirandaubiraci	None	4	0	26.639
mirla	None	4	0	26.639
misrael	None	4	0	26.639
mistica	None	4	0	26.639
moises	None	4	0	26.639
mojubà	None	4	0	26.639
mokoïu	None	4	0	26.639
mò	None	4	0	26.639
obaluayê	None	4	0	26.639
nadialu	None	4	0	26.639

natideyewa	None	4	0	26.639
acolha	None	4	0	26.639
niregi	None	4	0	26.639
nixé	None	4	0	26.639
oancestral dofuturo	None	4	0	26.639
obaguere	None	4	0	26.639
opa	None	4	0	26.639
oq	None	4	0	26.639
millinhas	None	4	0	26.639
repost	None	4	0	26.639
reall	None	4	0	26.639
abominam	None	4	0	26.639
reeh	None	4	0	26.639
abençãoe	None	4	0	26.639
reideketu	None	4	0	26.639
renataferrazmenezes	None	4	0	26.639
renatha	None	4	0	26.639
reverenciamos	None	4	0	26.639
principesa	None	4	0	26.639
reyhairdesigner	None	4	0	26.639
ricardoishmael	None	4	0	26.639
rickey	None	4	0	26.639
rickribas	None	4	0	26.639
ritabatista	None	4	0	26.639
robsondexangoajagunogun	None	4	0	26.639

rodininho	None	4	0	26.639
pupa	None	4	0	26.639
pontomov	None	4	0	26.639
orisas	None	4	0	26.639
oxalufan	None	4	0	26.639
orisà	None	4	0	26.639
orixàs	None	4	0	26.639
orún	None	4	0	26.639
ossanha	None	4	0	26.639
osún	None	4	0	26.639
otum	None	4	0	26.639
ouxx	None	4	0	26.639
oxente	None	4	0	26.639
patty	None	4	0	26.639
oxun	None	4	0	26.639
oza	None	4	0	26.639
pabloguian	None	4	0	26.639
paimarcio	None	4	0	26.639
paizinho	None	4	0	26.639
acmnetooficial	None	4	0	26.639
patakori	None	4	0	26.639
agô	None	4	0	26.639
andreiamariacosta	None	4	0	26.639
maristtelasousa	None	4	0	26.639
mahfrancischini	None	4	0	26.639

martamerepresenta	None	4	0	26.639
marjhonatas	None	4	0	26.639
luan	None	4	0	26.639
marcosmadeira	None	4	0	26.639
lucasgogodeouro	None	4	0	26.639
marijarasqueiroz	None	4	0	26.639
mariajornalista	None	4	0	26.639
lucialvesds	None	4	0	26.639
luliborboleta	None	4	0	26.639
mada	None	4	0	26.639
ahogboboy	None	4	0	26.639
mariadocarmo	None	4	0	26.639
martinsalves	None	4	0	26.639
maracastroo	None	4	0	26.639
ahhh	None	4	0	26.639
maravilhosooooo	None	4	0	26.639
marceloduartti	None	4	0	26.639
mariadagloriaraymond	None	4	0	26.639
mariaaparecidalopes	None	4	0	26.639
marcusfrlima	None	4	0	26.639
marcosventinribeiro	None	4	0	26.639
marceloirineu	None	4	0	26.639
marcelorodvaz	None	4	0	26.639
marciadoxum	None	4	0	26.639
louisa	None	4	0	26.639

ahoboboi	None	4	0	26.639
mateusmonteiro	None	4	0	26.639
logunce	None	4	0	26.639
melindrosamente	None	4	0	26.639
lindoooooo	None	4	0	26.639
menezesph	None	4	0	26.639
mdhcbrasil	None	4	0	26.639
mawusi	None	4	0	26.639
lindíssima	None	4	0	26.639
lilliadefatima	None	4	0	26.639
linna	None	4	0	26.639
lindaaaa	None	4	0	26.639
locy	None	4	0	26.639
michelinee	None	4	0	26.639
lidiasantosenvelheser	None	4	0	26.639
mauronunes	None	4	0	26.639
milice	None	4	0	26.639
lomattos	None	4	0	26.639
loroye	None	4	0	26.639
losí	None	4	0	26.639
aiiii	None	4	0	26.639
researcher	None	756	1	5.021.833
utm	None	373	1	2.470.868
bênção	None	151	1	993.749
oxóssi	None	113	1	741.215

ga	None	58	1	376.216
bênções	None	55	1	356.340
ty	None	54	1	349.717
abençoando	None	52	1	336.471
celia	None	51	1	329.849
conduza	None	45	1	290.136
iemanjá	None	39	1	250.458
respeitos	None	39	1	250.458
amei	None	34	1	217.428
descanse	None	27	1	171.262
vó	None	27	1	171.262
ipac	None	22	1	138.363
ibi	None	20	1	125.230
abençoar	None	19	1	118.670
alô	None	18	1	112.115
sábias	None	13	1	79.446
abençoado	None	12	1	72.940
peu	None	12	1	72.940
pêsames	None	11	1	66.447
iolanda	None	10	1	59.969
ede	None	9	1	53.510
cassia	None	8	1	47.073
resiliência	None	8	1	47.073
amanda	None	7	1	40.663
contigo	None	7	1	40.663

bernadete	None	7	1	40.663
flavia	None	7	1	40.663
matias	None	7	1	40.663
olhadinha	None	7	1	40.663
ncia	None	7	1	40.663
búzios	None	6	1	34.290
sensacional	None	6	1	34.290
cintia	None	6	1	34.290
renovadora	None	6	1	34.290
yalorixá	None	6	1	34.290
bello	None	6	1	34.290
arrasou	None	6	1	34.290
mtto	None	5	1	27.965
aguas	None	5	1	27.965
marlise	None	5	1	27.965
agraciada	None	5	1	27.965
trança	None	5	1	27.965
obi	None	5	1	27.965
aso	None	5	1	27.965
resistiremos	None	5	1	27.965
bacelar	None	5	1	27.965
amados	None	5	1	27.965
cubram	None	5	1	27.965
preciosidade	None	5	1	27.965
aqueça	None	4	1	21.708

abençoadas	None	4	1	21.708
regiane	None	4	1	21.708
rebento	None	4	1	21.708
paí	None	4	1	21.708
parabenizar	None	4	1	21.708
neli	None	4	1	21.708
mio	None	4	1	21.708
stica	None	4	1	21.708
marcinha	None	4	1	21.708
lindamente	None	4	1	21.708
ass	None	4	1	21.708
tranças	None	4	1	21.708
guimaraes	None	4	1	21.708
figa	None	4	1	21.708
fabi	None	4	1	21.708
visitei	None	4	1	21.708
enf	None	4	1	21.708
elenice	None	4	1	21.708
destemido	None	4	1	21.708
descalço	None	4	1	21.708
ayr	None	4	1	21.708
abaixou	None	4	1	21.708
terreiro	None	307	2	2.020.919
exu	None	224	2	1.469.242
xangô	None	197	2	1.289.895

raimunda	None	44	2	276.730
ocultados	None	38	2	237.342
kao	None	37	2	230.786
subcorpus	None	34	2	211.135
doçura	None	30	2	184.980
pq	None	26	2	158.893
pece	None	25	2	152.384
conceda	None	17	2	100.577
celebramos	None	16	2	94.146
fly	None	15	2	87.728
minc	None	14	2	81.327
jô	None	14	2	81.327
engane	None	12	2	68.581
dani	None	11	2	62.242
vô	None	11	2	62.242
postagem	None	9	2	49.653
samira	None	9	2	49.653
ko	None	9	2	49.653
enoque	None	9	2	49.653
dote	None	8	2	43.416
agradecida	None	8	2	43.416
irmandade	None	7	2	37.230
golfinho	None	7	2	37.230
eliene	None	7	2	37.230
tranca	None	7	2	37.230

cabocla	None	7	2	37.230
larissa	None	7	2	37.230
monique	None	6	2	31.107
gu	None	6	2	31.107
juz	None	6	2	31.107
karla	None	5	2	25.069
voltarei	None	5	2	25.069
odum	None	5	2	25.069
uber	None	5	2	25.069
guie	None	5	2	25.069
iorubá	None	762	3	5.037.994
comments	None	756	3	4.998.047
ancestralidade	None	106	3	678.727
lindos	None	25	3	147.648
fatura	None	21	3	121.991
grato	None	21	3	121.991
dadá	None	13	3	71.354
jose	None	11	3	58.929
mpf	None	11	3	58.929
arcanjo	None	10	3	52.772
nana	None	10	3	52.772
chorei	None	9	3	46.661
cris	None	9	3	46.661
carnal	None	8	3	40.606
afoga	None	8	3	40.606

ria	None	8	3	40.606
pat	None	7	3	34.620
tens	None	7	3	34.620
gugu	None	7	3	34.620
agradecendo	None	7	3	34.620
assista	None	6	3	28.720
gregory	None	6	3	28.720
cy	None	6	3	28.720
abençoa	None	6	3	28.720
fran	None	6	3	28.720
eve	None	5	3	22.933
surreal	None	5	3	22.933
ki	None	5	3	22.933
arrepio	None	5	3	22.933
zorro	None	5	3	22.933
oro	None	5	3	22.933
compartilhei	None	5	3	22.933
gracias	None	5	3	22.933
header	None	756	4	4.987.353
ase	None	215	4	1.392.377
orixá	None	154	4	988.683
ori	None	43	4	259.309
juba	None	27	4	156.267
olá	None	24	4	137.162
opo	None	23	4	130.817

aninha	None	21	4	118.165
cantiga	None	17	4	93.059
transborda	None	16	4	86.833
grata	None	15	4	80.633
ê	None	13	4	68.319
andre	None	13	4	68.319
votei	None	11	4	56.152
louvar	None	11	4	56.152
serenidade	None	11	4	56.152
bora	None	10	4	50.138
compartilhe	None	9	4	44.182
imaterial	None	8	4	38.294
jeferson	None	8	4	38.294
guiando	None	7	4	32.490
pretas	None	7	4	32.490
pertinho	None	6	4	26.790
iluminando	None	6	4	26.790
tati	None	6	4	26.790
proporcione	None	6	4	26.790
axé	None	2012	5	13.345.590
fabiano	None	348	5	2.265.942
orixás	None	193	5	1.239.187
felicidades	None	190	5	1.219.358
umbanda	None	74	5	455.934
proteja	None	46	5	274.006

terreiros	None	29	5	165.107
pandemia	None	23	5	127.265
macumba	None	19	5	102.338
danielle	None	13	5	65.672
cuide	None	11	5	53.748
acordei	None	9	5	42.054
borboleta	None	9	5	42.054
lindinalva	None	7	5	30.683
fortaleça	None	7	5	30.683
sábia	None	7	5	30.683
aja	None	7	5	30.683
enviei	None	7	5	30.683
perini	None	6	5	25.165
publisher	None	756	6	4.967.371
oxalá	None	83	6	509.278
vc	None	48	6	282.442
nilza	None	15	6	75.208
sinhá	None	12	6	57.441
acolhe	None	12	6	57.441
barracão	None	12	6	57.441
realeza	None	11	6	51.621
crias	None	11	6	51.621
escadarias	None	10	6	45.866
negatividade	None	9	6	40.186
merecida	None	9	6	40.186

luana	None	7	6	29.111
transamérica	None	6	6	23.761
emociona	None	6	6	23.761
guerreiras	None	6	6	23.761
tata	None	6	6	23.761
google	None	6	6	23.761
aquece	None	6	6	23.761
salvaguarda	None	6	6	23.761
lindas	None	65	7	387.486
quanta	None	62	7	368.133
explore	None	40	7	227.347
léo	None	37	7	208.370
ode	None	32	7	176.920
ilka	None	22	7	114.973
amamos	None	20	7	102.805
celebrações	None	18	7	90.740
ilumine	None	13	7	61.190
live	None	13	7	61.190
fun	None	13	7	61.190
neusa	None	13	7	61.190
gostando	None	11	7	49.712
star	None	10	7	44.074
delícia	None	9	7	38.519
cel	None	9	7	38.519
guardião	None	8	7	33.061

sigam	None	8	7	33.061
hi	None	8	7	33.061
respiro	None	7	7	27.721
igor	None	6	7	22.524
abraços	None	6	7	22.524
acolhido	None	6	7	22.524
candomblé	None	599	8	3.906.028
benção	None	570	8	3.713.551
babá	None	202	8	1.278.045
saude	None	23	8	118.357
edy	None	19	8	94.305
protejam	None	16	8	76.588
grandemente	None	13	8	59.251
adicione	None	13	8	59.251
sagrados	None	12	8	53.581
quilombo	None	9	8	37.014
admiro	None	8	8	31.681
dan	None	8	8	31.681
honrado	None	7	8	26.474
raphael	None	7	8	26.474
institution	None	756	9	4.939.810
oba	None	116	9	708.548
sinceros	None	40	9	220.316
próspera	None	19	9	92.029
devoção	None	16	9	74.543

divindades	None	14	9	63.105
joao	None	11	9	46.389
irei	None	11	9	46.389
trovão	None	9	9	35.641
morena	None	9	9	35.641
saudando	None	8	9	30.427
eternamente	None	8	9	30.427
saudações	None	8	9	30.427
espiritualidade	None	8	9	30.427
fatima	None	8	9	30.427
copy	None	373	10	2.392.724
amando	None	35	10	186.153
mí	None	19	10	89.904
maravilhosas	None	13	10	55.815
belíssima	None	8	10	29.277
mandei	None	8	10	29.277
ly	None	7	10	24.313
seguimos	None	7	10	24.313
ô	None	108	11	646.767
aro	None	81	11	472.916
rodney	None	30	11	152.912
cadê	None	22	11	105.309
pilão	None	21	11	99.476
familia	None	10	11	38.336
batidas	None	10	11	38.336

sagradas	None	9	11	33.215
incríveis	None	8	11	28.217
bit	None	7	11	23.364
celebra	None	7	11	23.364
amava	None	7	11	23.364
lindo	None	656	12	4.251.115
baba	None	171	12	1.051.227
ile	None	28	12	138.483
gentileza	None	19	12	86.031
diáspora	None	9	12	32.131
repita	None	9	12	32.131
emocionado	None	8	12	27.233
grandioso	None	8	12	27.233
inesquecível	None	8	12	27.233
acolher	None	7	12	22.485
erica	None	7	12	22.485
generosa	None	7	12	22.485
dai	None	7	12	22.485
honrada	None	7	12	22.485
ansioso	None	7	12	22.485
epa	None	79	13	452.148
maravilha	None	61	13	338.423
emocionada	None	30	13	148.042
estarei	None	30	13	148.042
peço	None	28	13	136.204

drt	None	22	13	101.285
pese	None	18	13	78.660
andrea	None	16	13	67.614
sardinha	None	15	13	62.172
sejamos	None	13	13	51.482
neta	None	12	13	46.248
patricia	None	11	13	41.102
guerreira	None	11	13	41.102
adorei	None	9	13	31.119
festividades	None	9	13	31.119
cânticos	None	8	13	26.316
reverência	None	8	13	26.316
belíssimo	None	8	13	26.316
ney	None	7	13	21.669
panteão	None	7	13	21.669
title	None	756	14	4.898.086
amo	None	208	14	1.281.945
traga	None	35	14	175.488
mamãe	None	29	14	139.891
marcio	None	18	14	77.038
isaura	None	17	14	71.554
vagner	None	14	14	55.442
nazareth	None	12	14	45.049
ie	None	8	14	25.458
salve	None	241	15	1.492.110

emocionante	None	80	15	451.031
amada	None	42	15	215.109
lina	None	32	15	155.346
angela	None	22	15	97.650
continuem	None	21	15	92.049
papai	None	19	15	80.969
desejamos	None	15	15	59.402
alex	None	9	15	29.277
dançando	None	8	15	24.652
cb	None	58	16	310.180
agradecemos	None	17	16	68.667
deixará	None	12	16	42.842
rainhas	None	11	16	37.926
aline	None	8	16	23.892
td	None	8	16	23.892
carmem	None	158	17	942.017
receba	None	45	17	228.102
leo	None	32	17	151.095
sra	None	24	17	105.439
templo	None	17	17	67.323
pedimos	None	13	17	46.763
falsidade	None	11	17	36.977
alegrias	None	73	18	396.981
tia	None	59	18	310.510
cubra	None	36	18	172.326

íris	None	19	18	76.584
sí	None	18	18	71.283
nao	None	11	18	36.074
tombado	None	11	18	36.074
author	None	756	19	4.859.948
fev	None	32	19	147.152
tô	None	22	19	91.284
acolhimento	None	21	19	85.891
direct	None	19	19	75.243
run	None	15	19	54.621
chorar	None	12	19	39.922
iphan	None	9	19	26.159
misericórdia	None	8	19	21.848
iluminada	None	8	19	21.848
linda	None	501	20	3.169.360
wa	None	19	20	73.956
lamentável	None	10	20	29.866
adv	None	36	21	166.264
mo	None	85	22	458.985
religiosidade	None	13	22	42.002
acolhida	None	10	22	28.453
parabéns	None	625	23	3.966.816
gratidão	None	288	23	1.755.963
marcia	None	20	23	75.473
senhoras	None	17	23	60.346

moro	None	12	23	36.591
leveza	None	9	23	23.591
potente	None	9	23	23.591
apaixonada	None	14	24	44.971
ajude	None	11	24	31.434
lealdade	None	9	24	23.015
video	None	79	25	413.253
monica	None	25	25	99.005
lágrimas	None	12	25	35.114
mentira	None	11	25	30.765
africanas	None	11	25	30.765
sacerdote	None	10	25	26.542
incondicional	None	10	25	26.542
inaceitável	None	9	25	22.462
saudades	None	106	26	576.887
air	None	86	26	453.291
agradecer	None	32	26	135.229
sagrada	None	24	26	92.498
humildade	None	16	26	52.633
descaso	None	11	26	30.120
habita	None	11	26	30.120
source	None	1129	27	7.269.571
beijo	None	11	27	29.499
intolerância	None	23	28	85.008
ro	None	10	28	24.838

ó	None	51	29	236.998
oculto	None	23	29	83.898
siga	None	17	29	54.729
encanto	None	16	29	50.098
ra	None	11	30	27.758
post	None	763	31	4.824.085
querida	None	64	31	308.510
angola	None	14	31	39.699
madalena	None	10	31	23.304
name	None	756	32	4.771.620
maravilhosa	None	91	32	467.392
main	None	66	32	318.083
cristiane	None	20	32	66.237
vasco	None	12	32	30.687
deusa	None	10	32	22.826
amorim	None	10	32	22.826
abraço	None	57	33	263.738
longevidade	None	29	33	109.851
avô	None	13	33	34.207
ri	None	12	33	30.132
souber	None	10	33	22.362
link	None	395	34	2.396.079
interaction	None	332	34	1.987.628
leandro	None	14	34	37.767
fogueira	None	12	34	29.592

tua	None	10	34	21.913
corações	None	32	35	122.921
estive	None	15	35	41.363
matas	None	12	35	29.068
baiana	None	12	35	29.068
querido	None	23	36	76.898
colo	None	22	36	72.150
saberes	None	14	36	36.567
divino	None	12	36	28.558
tenhamos	None	11	36	24.736
sermos	None	11	36	24.736
ago	None	195	37	1.097.894
rainha	None	77	37	371.824
saudade	None	69	37	325.106
conosco	None	32	37	120.523
amado	None	22	37	71.279
patrono	None	16	37	44.335
irmãs	None	15	37	40.115
pretos	None	11	37	24.282
filhas	None	32	38	119.362
conheci	None	21	38	65.805
celebrar	None	21	38	65.805
visitação	None	12	39	27.111
espiritual	None	36	40	137.526
caçador	None	27	40	92.390

ig	None	376	41	2.239.584
rose	None	15	41	37.802
prosperidade	None	137	43	717.671
engenho	None	28	43	94.378
tamanho	None	11	43	21.800
ângela	None	50	44	206.278
eterna	None	32	44	112.869
bonita	None	25	44	79.351
senti	None	16	44	40.176
rituais	None	14	44	32.336
epi	None	23	45	69.437
cuidando	None	15	45	35.698
religiões	None	18	46	47.182
elza	None	14	46	31.399
mi	None	155	47	816.621
felizes	None	26	47	81.511
patricia	None	32	48	108.935
amar	None	20	48	54.308
magia	None	13	48	26.875
mágico	None	12	48	23.369
caminhada	None	27	50	83.694
ensinou	None	18	50	44.925
matos	None	12	50	22.639
continue	None	71	52	309.087
viral	None	34	52	114.802

sun	None	16	52	36.148
jurista	None	12	52	21.939
tio	None	29	53	90.453
caça	None	17	53	39.472
diego	None	14	53	28.417
maravilhoso	None	90	54	412.818
ancestrais	None	71	54	305.833
africana	None	45	54	167.211
ensinamentos	None	41	54	147.081
santiago	None	17	54	38.993
carmen	None	212	55	1.144.465
lobo	None	25	57	69.802
abr	None	49	58	182.991
ba	None	83	59	364.312
rita	None	19	59	44.230
bruno	None	17	59	36.726
ouvi	None	14	59	26.175
ancestral	None	73	60	307.454
ya	None	99	61	451.108
jul	None	74	61	311.396
protege	None	13	62	21.928
tristeza	None	20	63	46.127
sabedoria	None	96	64	428.676
pure	None	50	64	181.350
agradeço	None	30	65	86.041

compartilhar	None	28	66	76.787
negras	None	16	66	30.425
celebração	None	51	67	183.137
eliane	None	17	67	33.483
incrível	None	30	68	84.026
nov	None	40	69	128.131
jun	None	39	69	123.492
visitar	None	26	69	66.678
alfa	None	19	69	39.752
prata	None	16	70	29.025
ni	None	28	71	73.723
consegui	None	21	71	46.195
afro	None	37	73	111.248
claudio	None	24	74	56.126
jan	None	129	75	596.305
samba	None	28	75	71.417
lucia	None	23	75	51.847
admiração	None	17	75	30.629
absurdo	None	141	76	663.592
preta	None	34	77	95.273
junior	None	17	77	29.967
cobra	None	15	77	23.690
out	None	18	79	32.569
santana	None	24	82	52.414
vitórias	None	22	82	45.170

abreu	None	15	82	22.325
li	None	21	83	41.272
carinho	None	56	84	190.640
possamos	None	20	86	36.795
obrigada	None	89	88	353.797
fico	None	26	89	56.709
espero	None	21	89	39.087
ti	None	25	90	52.633
vera	None	16	90	23.158
religioso	None	31	91	74.794
tragédia	None	21	92	38.054
eterno	None	18	92	28.541
sagrado	None	147	93	665.394
calendário	None	22	94	40.682
jornada	None	18	94	27.979
cheio	None	18	96	27.431
caminhar	None	23	97	42.977
realizações	None	31	99	70.856
legado	None	55	101	171.168
mae	None	77	103	274.570
irmã	None	61	103	197.294
araujo	None	25	103	47.584
nobre	None	21	103	34.560
culto	None	33	105	75.611
ju	None	20	106	30.660

harmonia	None	19	107	27.469
dê	None	70	109	234.568
olha	None	38	110	92.484
ma	None	31	110	65.939
arco	None	21	110	32.550
honra	None	56	111	167.997
braços	None	33	111	72.848
felicidade	None	86	112	309.871
triste	None	47	112	128.129
doce	None	39	112	95.385
religiosa	None	40	113	98.821
venha	None	27	113	50.760
providências	None	20	115	28.321
coragem	None	19	115	25.523
set	None	143	116	604.651
abertos	None	32	116	67.039
bonito	None	25	117	42.864
velhos	None	77	119	258.857
jesus	None	32	119	65.812
aniversário	None	90	122	319.258
racismo	None	33	123	67.756
tá	None	32	123	64.226
sinto	None	32	127	62.694
faço	None	20	127	25.522
cheia	None	22	132	29.824

orgulho	None	89	134	302.518
tradições	None	24	135	34.738
bela	None	33	137	62.437
comigo	None	20	139	23.032
gama	None	361	142	1.816.339
dedicação	None	42	143	91.948
consigo	None	23	143	30.028
relato	None	44	147	97.581
q	None	83	150	260.256
rj	None	62	150	167.618
fiquei	None	24	151	30.935
gostaria	None	47	153	106.072
emoção	None	49	156	112.230
essência	None	31	160	48.715
re	None	29	160	42.779
raiz	None	25	160	31.629
alegria	None	137	161	513.015
cerimônia	None	26	164	33.421
senhora	None	185	165	760.155
sentimentos	None	308	169	1.443.726
dona	None	60	169	148.502
sr	None	28	169	37.724
vidas	None	50	170	109.569
folhas	None	22	172	21.871
feliz	None	269	173	1.212.640

te	None	239	174	1.042.319
catarina	None	37	182	60.738
ensina	None	26	187	28.735
salvador	None	76	188	202.942
homenagem	None	49	189	98.094
editado	None	47	191	90.423
irmãos	None	45	191	83.661
perfeito	None	51	193	103.554
notícia	None	27	195	29.689
rei	None	134	199	458.116
alexandre	None	51	202	100.075
minhas	None	54	208	108.215
povos	None	32	209	39.584
web	None	374	210	1.743.676
merece	None	26	210	24.744
filha	None	94	215	262.033
sonho	None	38	216	54.434
irmão	None	31	222	34.442
viva	None	404	225	1.887.238
ai	None	29	226	28.953
fogo	None	28	232	25.725
regina	None	57	233	109.165
religião	None	454	235	2.157.122
foto	None	10215	237	66.192.712
familiares	None	71	244	154.447

dono	None	28	246	23.643
juntos	None	34	248	36.934
beleza	None	48	253	73.971
obrigado	None	62	255	118.174
riqueza	None	37	256	42.837
vocês	None	84	257	197.439
santo	None	60	260	109.703
tive	None	33	262	32.143
sentir	None	29	262	23.478
fé	None	142	278	428.624
bahia	None	82	293	173.573
somos	None	56	295	86.347
festa	None	167	296	528.427
ouvir	None	44	297	52.430
vivo	None	51	298	71.055
amigo	None	60	305	95.620
responder	None	148	313	429.846
viver	None	47	315	56.465
branca	None	191	323	617.420
esteja	None	38	328	32.934
quero	None	51	330	63.749
rocha	None	71	332	121.831
mães	None	44	341	44.251
paz	None	304	359	1.136.532
matriz	None	50	360	55.189

pra	None	256	368	887.128
queria	None	46	371	43.866
caminhos	None	110	377	239.748
certeza	None	60	379	77.011
vídeo	None	75	383	119.028
vou	None	41	383	31.511
coração	None	137	384	340.123
patrimônio	None	42	386	33.117
fui	None	43	390	34.607
velho	None	47	391	42.940
favor	None	56	393	63.754
meus	None	491	396	2.080.259
mim	None	123	422	267.891
nossas	None	135	424	312.002
longa	None	494	427	2.050.055
águas	None	54	427	52.885
amor	None	421	435	1.649.683
ana	None	77	435	110.985
senhor	None	122	457	249.609
sou	None	150	472	346.250
histórias	None	72	490	84.990
mar	None	103	492	173.526
perfil	None	10136	497	63.926.667
amigos	None	81	498	107.036
desejo	None	45	506	24.907

souza	None	57	532	43.870
co	None	83	538	103.552
pai	None	747	541	3.263.897
estou	None	116	551	196.385
proteção	None	50	562	27.696
ir	None	61	569	46.993
vamos	None	57	572	38.921
oficial	None	105	575	156.038
deus	None	126	604	211.627
povo	None	130	611	222.114
tenho	None	106	614	149.010
nossos	None	175	647	361.512
oliveira	None	65	660	43.489
resistência	None	65	666	42.804
mãe	None	1413	686	6.815.029
conhecer	None	107	704	131.288
filhos	None	140	712	223.046
muita	None	317	714	891.158
registro	None	325	738	909.712
www	None	389	739	1.191.716
language	None	756	795	2.945.647
internet	None	383	839	1.092.644
forte	None	68	890	26.936
aí	None	105	902	91.648
santos	None	134	936	153.430

realizado	None	321	968	761.735
gente	None	81	1007	36.234
caminho	None	80	1036	32.521
mulher	None	88	1057	42.492
tradução	None	127	1084	111.890
filho	None	89	1173	34.655
meu	None	784	1174	2.672.833
família	None	211	1175	308.540
força	None	205	1195	286.382
silva	None	107	1213	58.279
luz	None	168	1237	180.422
minha	None	780	1335	2.509.381
boa	None	103	1368	39.344
demaís	None	113	1386	52.113
bom	None	147	1405	108.924
lhe	None	209	1437	243.840
ver	None	230	1447	296.589
respeito	None	195	1483	201.029
nós	None	213	1513	239.071
presente	None	102	1592	24.427
imagem	None	256	1650	321.502
nossa	None	470	1755	964.314
coisa	None	145	1758	68.613
muitas	None	132	1813	46.240
tão	None	125	1873	34.131

casa	None	585	1912	1.317.677
muitos	None	139	1915	48.298
aqui	None	124	2010	26.038
nosso	None	253	2016	245.337
rede	None	391	2066	601.493
português	None	380	2076	566.267
toda	None	182	2150	91.087
você	None	146	2386	29.760
tudo	None	300	2469	278.381
me	None	356	2507	403.853
quem	None	189	2936	45.990
saúde	None	644	3545	953.083
história	None	208	3713	29.581
vida	None	1047	3740	2.219.642
sempre	None	536	3850	593.899
social	None	392	4069	252.439
dia	None	386	4270	220.777
eu	None	453	4627	300.223
todos	None	592	5270	490.726
sem	None	8646	6519	37.608.887
brasil	None	844	7263	735.935
muito	None	697	8160	355.947
sua	None	786	15316	71.389
do	None	11846	114768	8.810.887
de	None	14871	357774	186.338

